



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

FRANCIELE DA SILVA NASCIMENTO

**NATUREZA CATEGORIAL DO COMPLEMENTO DOS VERBOS ASPECTUAIS DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

CHAPECÓ/SC

2015

FRANCIELE DA SILVA NASCIMENTO

**NATUREZA CATEGORIAL DO COMPLEMENTO DOS VERBOS ASPECTUAIS DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Morgana Fabiola Cambrussi e coorientação da Prof^a. Dr^a. Núbia Ferreira Rech.

CHAPECÓ/SC

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó - SC
Brasil

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Nascimento, Franciele da Silva
Natureza categorial do complemento dos verbos
aspectuais do português brasileiro/ Franciele da Silva
Nascimento. -- 2015.
115 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Morgana Fabiola Cambrussi.
Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Núbia Ferreira Rech.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos (PPGEL), Chapecó, SC, 2015.

1. Verbos aspectuais do português brasileiro. 2.
Restrições de seleção. 3. Natureza categorial do
complemento dos verbos aspectuais. I. Cambrussi, Prof^a.
Dr^a. Morgana Fabiola, orient. II. Rech, Prof^a. Dr^a.
Núbia Ferreira, co-orient. III. Universidade Federal da
Fronteira Sul. IV. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FRANCIELE DA SILVA NASCIMENTO

**NATUREZA CATEGORIAL DO COMPLEMENTO DOS VERBOS ASPECTUAIS DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

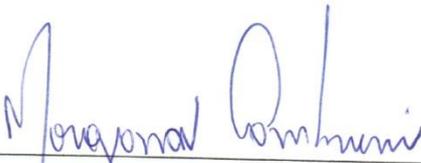
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS para obtenção do título de Mestre em Estudos
Linguísticos, defendida em banca examinadora em 14/05/2015.

Orientador (a): Prof. Dr. Morgana Fabiola Cambrussi

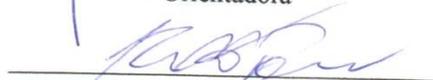
Coorientador (a): Prof^a. Dr^a. Núbia Saraiva Ferreira Rech

Aprovado em: 14 / 05 / 2015

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Morgana Fabiola Cambrussi – UFFS
Orientadora



Prof. Dr. Renato Miguel Basso – UFSCar
Membro externo



Prof^a Dr^a. Ani Carla Marchesan – UFFS
Membro interno



Prof^a Dr^a. Cristiane Horst – UFFS
Membro interno - Suplente

Chapecó/SC, maio de 2015.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Santana e Deoclides, às minhas irmãs, Clenir e Marlene, e, em especial, ao meu companheiro Rafael, por todo o carinho, compreensão e apoio.

AGRADECIMENTOS

Poucas demonstrações de humildade humana são tão profundas quanto o ato de agradecer e, portanto, poucas são importantes.

Sob pena de se estender *ad infinitum*, é impossível agradecer a todas as pessoas, atos, instantes e acontecimentos que desencadearam o presente trabalho. Contudo, igualmente impossível é deixar de agradecer às pessoas que me são próximas, familiares, amigos e colegas.

Da família, tenho-a ontem, hoje e amanhã como a base do meu ser, pois é na família que encontro conforto e segurança para perseguir sonhos e alcançar objetivos, na certeza de ser uma filha, irmã, tia e sobrinha que sempre poderá contar com o apoio daqueles que me amam e apoiam. À família: obrigada.

Na vida acadêmica e no decorrer do mestrado, dentre muitos competentes e prestativos professores, pude contar com a coordenação e orientação da professora Núbia Ferreira Rech, amiga e direcionadora dos estudos que, gentilmente, ofereceu-me fração de seu saber e inteligência, sempre com o afincado daqueles que ensinam e com a bondade daqueles que compreendem. Jamais teria chegado aqui se não tivesse sentado nos ombros dessa pequena grande gigante. Núbia: obrigada.

Dos amigos e colegas, agradeço-os por terem sido testemunhas dos esforços e parceiros no empenho pois, muitas vezes, foram os amigos e colegas que compreendendo a importância que tal conquista terá em minha vida que, de forma ou outra, contribuíram para a realização do trabalho que segue, com especial agradecimento à amiga e colega Luci, mãe da pequena Clarinha, dizendo que guardo-as no coração. Aos amigos e colegas: obrigada.

RESUMO

Nesta pesquisa, nos propusemos a investigar a natureza categorial do complemento dos verbos aspectuais do português brasileiro (PB) que admitem na posição de complemento tanto um sintagma infinitivo [InfP] quanto um sintagma nominal [DP]. Dos verbos aspectuais do PB, os que aparentemente admitem DP e InfP na posição de complemento são *começar, continuar, parar, deixar, acabar e terminar*. Estes constituem nosso objeto de estudo. O objetivo principal dessa pesquisa foi investigar suas propriedades e restrições de seleção, bem como a natureza de seu complemento. Para essa investigação, adotamos a divisão clássica dos predicados em classes acionais: atividade, *accomplishment*, *achievement* e estado, presente em Vendler (1967), além de considerar a subdivisão da classe dos estativos, proposta por Bertinetto (1986) para a língua italiana e estendida para o português por Ilari e Basso (2004a). Nossa primeira hipótese foi que os aspectuais do PB oferecem restrições de natureza aspectual ao predicado que ocupa a posição de seu complemento; e a segunda hipótese que nos propusemos a investigar foi que estes verbos projetam sempre uma estrutura de alçamento, correspondendo a inacusativos funcionais, quando figuram com um único complemento de natureza verbal (VP), que pode sofrer um processo de nominalização, se superficializando como DP, ou ficar implícito na estrutura; e a inacusativos lexicais, quando figuram com um DP não correspondente a verbo na posição de seu complemento e lhe atribuem papel temático de tema ou paciente. Os resultados desta pesquisa indicaram que os aspectuais oferecem restrições a complementos com traços incompatíveis com a noção de aspecto que expressam. Em nosso estudo, constatamos que os aspectuais se combinam basicamente com eventos que exibem os traços [+mudança] e [+durativo], selecionando semanticamente um processo. Este é o critério de seleção dos aspectuais para admitir um complemento de natureza verbal ou nominal. Os resultados alcançados revelaram semelhanças na estrutura de base dos aspectuais, permitindo a unificação da análise para os verbos aspectuais do PB como predicados inacusativos em todos os seus contextos de uso, como predicados funcionais e lexicais, de acordo com nossa segunda hipótese, e que projetam estrutura de alçamento.

Palavras-chave: Verbos aspectuais do português brasileiro. Restrições de seleção. Natureza categorial do complemento dos verbos aspectuais.

ABSTRACT

In this research, we set out to investigate the categorial nature of the complement of aspectual verbs in Brazilian Portuguese (BP) that admit in complement position both an infinitive phrase [InfP] and a noun phrase [DP]. Among the aspectual verbs in BP, the ones that apparently admit DP and InfP in complement position are *start*, *continue*, *stop*, *quit*, *end* and *finish*. These are our object of study. The main objective of this research was to investigate its properties and selection restrictions, as well as the nature of its complement. For this research, we adopt the classical division of the predicates in actional classes: activity, accomplishment, achievement and state, existent in Vendler (1967), in addition to considering the subdivision of the stative class, proposed by Bertinetto (1986) for the Italian language and extended into Portuguese language by Ilari and Basso (2004a). Our first hypothesis was that the aspectual verbs of BP offer restrictions of aspectual nature to the predicate that fills the position of its complement; and the second hypothesis we investigated was that these verbs always project an uprising structure, corresponding to functional unaccusative, when appear with a single complement of verbal nature (VP), which could undergo a nominalization process going to the surface as DP or be implied in the structure; and to the lexical unaccusative, when appear with a DP which is not corresponding to a verb in the position of their complement assigning them the thematic role of subject or patient. The results of the research indicated that the aspectual verbs offer restrictions to complements that present features that are incompatible with the aspectual notion that they express. In our study, we found that the aspectual verbs basically combine with events that display the features [+change] and [+durative], selecting semantically a process. This is the aspectual selection criterion for admitting a complement of verbal nature or nominal nature. The results obtained revealed similarities in the basic structure of aspectual verbs, allowing the unification of analysis for aspectual verbs in BP as unaccusative predicates in all its contexts of use, as functional and lexical predicates, according to our second hypothesis, and present uprising structure.

Keywords: Aspectual verbs of Brazilian Portuguese. Selection Restriction. Categorial nature of the complement of aspectual verbs.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ESQUEMA 1 – Propriedades dos verbos aspectuais.....	20
FIGURA 1 – Representação de sequência temporal interna e externa de uma situação.....	37
QUADRO 1 – Traços das classes acionais.....	27
QUADRO 2 – Descrição das classes acionais e dos traços.....	32
QUADRO 3 – Resumo da subseção 2.1.1.....	40
QUADRO 4 – Combinação dos verbos aspectuais do PB com complementos InfPs.....	64
QUADRO 5 – Combinação dos verbos aspectuais do PB com complementos DPs.....	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
1.1 VERBOS ASPECTUAIS	15
1.1.1 Propriedades dos verbos aspectuais	16
1.1.2 Aspectuais como predicados de Reestruturação	16
1.2 NOÇÃO DE ASPECTO	20
1.2.1 Classes acionais	22
1.2.2 Subdivisão dos Estativos	30
1.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	32
2 RESTRIÇÕES DE SELEÇÃO DOS VERBOS ASPECTUAIS	34
2.1 INTRODUÇÃO.....	34
2.1.1 Efeito de serialização	36
2.1.2 Propriedades do complemento dos verbos aspectuais	40
2.2 ASPECTUAL INCEPTIVO	42
2.3 ASPECTUAL CONTINUATIVO	49
2.4 ASPECTUAIS INTERRUPTIVOS.....	52
2.5 ASPECTUAIS COMPLETIVOS	58
2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	61
3 A NATUREZA DO COMPLEMENTO DOS ASPECTUAIS	65
3.1 INTRODUÇÃO.....	65
3.2 COMPLEMENTO InfP IMPLÍCITO	66
3.2.1 Aspectual inceptivo	69
3.2.2 Aspectual continuativo	70
3.2.3 Aspectuais interruptivos	71
3.2.4 Aspectuais completivos	72
3.2.5 Considerações da seção	73
3.3 COMPLEMENTO DP.....	74
3.3.1 DP correspondente a verbo	75
<i>3.3.1.1 Aspectuais inceptivo e continuativo</i>	<i>76</i>
<i>3.3.1.2 Aspectuais interruptivos</i>	<i>78</i>
<i>3.3.1.3 Aspectuais completivos</i>	<i>80</i>
<i>3.3.1.5 Considerações da subseção</i>	<i>82</i>
3.3.2 DP não correspondente a verbo	84
<i>3.3.2.1 Aspectual inceptivo</i>	<i>85</i>
<i>3.3.2.2 Aspectual continuativo</i>	<i>85</i>
<i>3.3.2.3 Aspectuais interruptivos</i>	<i>86</i>
<i>3.3.2.4 Aspectuais completivos</i>	<i>86</i>
<i>3.3.2.5 Considerações da subseção</i>	<i>87</i>
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	87
4 IMPLICAÇÕES DA ANÁLISE NA ESTRUTURA SINTÁTICA	89

4.1 INTRODUÇÃO.....	89
4.1.1 Hipótese Inacusativa	89
4.1.2 Estrutura de alçamento.....	92
4.2 ASPECTUAIS COMO PREDICADOS INACUSATIVOS E COM ESTRUTURA DE ALÇAMENTO	94
4.2.1 Aspectuais como inacusativos funcionais	95
4.2.2 Aspectuais como inacusativos lexicais	102
4.3 PSEUDO-CLIVADAS.....	105
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS	110

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, nos propomos a investigar a natureza categorial do complemento dos verbos aspectuais do português brasileiro (PB) que admitem na posição de complemento tanto um sintagma infinitivo [InfP] quanto um sintagma nominal [DP]. Considerados predicados funcionais nos contextos em que subcategorizam um sintagma infinitivo, os verbos aspectuais figuram nas listas dos principais trabalhos sobre Reestruturação (AISSSEN & PERLMUTTER, 1976; RIZZI, 1982; BURZIO, 1986; CINQUE, 2006). A seleção de um InfP é determinante para a sua classificação como predicado funcional, pois, como tal, não seleciona argumentos e, portanto, não atribui papel temático. Isso explica sua restrição a CPs na posição de seu complemento. Os exemplos a seguir, retirados de Rech e Nascimento (2014, p. 228), ilustram a má-formação das sentenças com aspectuais quando um sintagma infinitivo é desenvolvido em um CP:

- (1) a. O pedreiro começou/passou/continuou/voltou a reformar os banheiros.
b. *Começou/*passou/*continuou/*voltou que o pedreiro reformasse os banheiros.
- (2) a. Minha irmã parou/deixou/acabou/terminou de comer chocolate.
b. *Parou/*deixou¹/*Acabou/*Terminou que minha irmã comesse chocolate.

A rejeição a DPs na posição de complemento também constitui um indício de que um verbo corresponde a predicado funcional, por o DP, assim como o CP, ser igualmente um sintagma que funciona como argumento. Observemos a seguir como os aspectuais do PB reagem a DPs e a sintagmas infinitivos na posição de complemento:

- (3) a. Marcos começou/*passou²/*chegou/iniciou/principiou/continuou a leitura do livro.
b. Marcos parou/deixou/acabou/terminou/findou a leitura do livro.
- (4) a. Joana começou/passou/chegou/*iniciou/*principiou/continuou a catalogar os livros.
b. Joana parou/deixou/acabou/terminou/*findou de catalogar os livros. (RECH, NASCIMENTO, 2014, p. 228).

¹ A sentença (2b) é possível com o verbo *deixar* assumindo uma conotação de permissão – *Alguém permitiu que minha irmã comesse chocolate* –, mas não de interrupção do evento, noção aspectual que nos interessa investigar neste exemplo. Por isso, a marcamos com o sinal que indica agramaticalidade.

² A sentença é boa com *passar* em *Marcos passou à leitura do livro*. Neste sentido, em que o complemento é um PP, *passar* indica o início, o começo do evento.

Os exemplos (3a) e (3b) revelam que os verbos *começar, iniciar, principiar, continuar, parar, deixar, acabar, terminar e findar* admitem DP na posição de complemento; ao passo que os verbos *passar e chegar* não. A ocorrência de DP na posição de complemento desses verbos, conforme já foi observado, constitui, em princípio, um contra-argumento à sua classificação como predicados funcionais. É importante notar, entretanto, que muitos dos DPs admitidos nesta posição resultam de nominalizações deverbais, como *trabalho, estudo, organização...* Os exemplos (4a) e (4b) revelam, por sua vez, que os verbos *começar, passar, chegar, continuar, parar, deixar, acabar e terminar* subcategorizam um sintagma infinitivo; já os verbos *iniciar, principiar e findar* não. Por fim, os exemplos (3) e (4) permitem ainda observar que, dos verbos aspectuais do PB, os que aparentemente admitem DP e InfP na posição de complemento são *começar, continuar, parar, deixar, acabar e terminar*. Estes constituem o objeto de estudo desta pesquisa, cujo foco é justamente investigar a natureza do complemento dos verbos aspectuais no PB.

A pesquisa se desenvolve a partir da interface sintaxe-semântica, considerando a interação entre os traços semânticos e as estruturas sintáticas, e tem por base a Teoria de Princípios e Parâmetros, criada para descrever a natureza e o funcionamento da GU (Gramática Universal). Seguindo o formato da teoria gerativa, são analisadas sentenças do PB e suas estruturas sintáticas, separando o fenômeno pretendido para observação, descrevendo-o e buscando desenvolver hipóteses explicativas para seu emprego. Dessa forma, a investigação se organiza em estudo bibliográfico teórico, análise das sentenças e verificação do comportamento dos verbos aspectuais quanto à seleção categorial e semântica a partir de dados de língua escrita contemporânea.

Nosso objetivo geral é investigar as propriedades e restrições de seleção dos verbos aspectuais em contextos em que subcategorizam um sintagma infinitivo [InfP] e em contextos que aparecem com um sintagma nominal [DP] na posição de complemento. Neste estudo, consideramos algumas hipóteses relacionadas à categoria do complemento dos aspectuais do PB: (i) a de que oferecem restrições de natureza aspectual ao predicado que ocupa a posição de seu complemento; e (ii) a de que projetam sempre uma estrutura de alçamento, correspondendo a inacusativos funcionais, quando figuram com um InfP ou DP deverbal; e a inacusativos lexicais, quando figuram com um DP não correspondente a verbo na posição de seu complemento.

A primeira hipótese envolve o fato de que os verbos aspectuais são descritos na literatura linguística como predicados que oferecem restrições a estativos e a *achievements* (LAMIROY,

1987; ROCHETTE, 1999). Nossa hipótese é de que essas restrições podem ser explicadas por uma incompatibilidade entre a noção aspectual que o verbo expressa e determinados traços presentes no predicado que ocupa a posição de seu complemento. Desta forma, a presença de alguns traços no predicado é relevante para que possa figurar na posição de complemento dos aspectuais.

Em relação à segunda hipótese, pode-se pensar, de acordo com Rochette (1999) e Cinque (1999; 2006), que os aspectuais são inacusativos funcionais quando subcategorizam um infinitivo (mesmo que implícito) ou um DP correspondente a verbo. Quando, entretanto, figuram com um DP não correspondente a verbo na posição de seu complemento, propomos tratar-se de um inacusativo lexical. Considerando esse critério de seleção dos aspectuais, é provável que os DPs sem correspondência com uma forma verbal denotem, igualmente, um processo.

A finalidade dessa pesquisa é investigar o comportamento dos aspectuais em construções com um InfP e um DP na posição de seu complemento, buscando construir uma proposta de análise que capture suas semelhanças na estrutura de base. Para isso, organizamos a pesquisa em quatro capítulos. O primeiro apresenta os predicados funcionais como verbos de Reestruturação, descrevendo suas principais propriedades. Na sequência, apresentamos a definição de aspecto e a descrição das classes acionais, com base em Vendler (1967), Smith (1999), Basso e Ilari (2004a) e Bertinetto (1986; 1991, 2001). Essas noções são importantes para entendermos os critérios e restrições de seleção dos verbos aspectuais.

No segundo capítulo, investigamos as restrições de seleção dos verbos aspectuais em perífrases verbais, contextos em que subcategorizam um sintagma infinitivo [InfP]. Essa análise visa a apreender os traços relevantes para a descrição dos aspectuais inceptivo, continuativo, interruptivo e completivo, objeto de nossa investigação.

No terceiro capítulo, averiguamos como os aspectuais do PB reagem a um complemento de natureza nominal [DP]. Nosso intuito foi analisar se os DPs, correspondentes ou não a verbos, que figuram como complemento dos aspectuais carregam traços característicos de processo.

Por fim, no quarto capítulo, buscamos investigar se é possível unificar a análise para os aspectuais a partir da estrutura que projetam. Nossa hipótese é a de que esses verbos comportam-se como inacusativos quando se combinam com elementos de natureza verbal ou nominal.

Os resultados alcançados através desta análise são apresentados no capítulo intitulado **Considerações finais**. Estes nos conduziram à formulação de uma proposta de unificação da

análise para a classe dos verbos aspectuais, concebidos como predicados inacusativos em todos os seus contextos de uso.

O comportamento dos verbos aspectuais no PB é um tema instigante e importante para o entendimento de como se estruturam as sentenças com um ou mais de um predicado. Por fim, esperamos que esta pesquisa contribua para promover reflexões qualificadas sobre a língua, assim como para enriquecer a descrição do PB.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para entendermos nosso objeto de estudo, que, conforme vimos nas considerações iniciais, são os verbos aspectuais que aceitam um InfP e um DP na posição de complemento, foi necessário investigar seu comportamento em relação a propriedades características de predicados funcionais e lexicais.

Para isso, discutimos as propriedades dos aspectuais como predicados de Reestruturação (seção 1.1) e a noção de aspecto (seção 1.2). Em relação a aspecto, distinguimos, com base em Wachowicz e Foltran (2006), seus diferentes domínios – o lexical e o gramatical –, bem como as diferentes noções de aspecto lexical, que envolvem a divisão clássica dos predicados em classes acionais: atividade, estado, *accomplishment* e *achievement* (VENDLER, 1967). Por fim, apresentamos a subdivisão da classe dos estativos, proposta por Bertinetto (1986; 1991) e adaptada ao PB por Basso e Ilari (2004a).

1.1 VERBOS ASPECTUAIS

O comportamento dos verbos aspectuais envolve uma discussão em torno da sua classificação, principalmente quando formam sequência com DPs, que, por serem empregados prototipicamente como argumentos, não ocupam a posição de complemento de predicados funcionais. Apontamos algumas importantes propriedades desses predicados para averiguar sua manifestação nos aspectuais que figuram em perífrases verbais.

Os verbos, assim como as demais formas linguísticas que compõem o léxico, podem ser classificados, de acordo com a Teoria Linguística, dentro de duas grandes categorias: funcional e lexical, conforme seu comportamento (RODRIGUES, 2007). Algumas propriedades para a classificação de um predicado como lexical são: (i) seleção de argumentos; (ii) restrições de seleção semântica e categorial; (iii) atribuição de papel temático a seus argumentos; e (iv) significado básico. Já os predicados funcionais se caracterizam pelas seguintes propriedades básicas: (i) subcategorização de complemento de natureza verbal, independentemente do seu grau de gramaticalização³; (ii) não-atribuição de papel temático; e (iii) ausência de restrições de seleção semântica.

³ “Acredita-se que as formas linguísticas podem ter seu comportamento morfossintático modificado, submetendo-se, desse modo, a um processo de gramaticalização, ou seja, a um processo de transferência de uma categoria

1.1.1 Propriedades dos verbos aspectuais

Por oferecerem restrição de seleção categorial, não selecionarem argumentos e nem atribuírem papel temático (LOBATO, 1975 apud FERREIRA, 2009), os verbos aspectuais que subcategorizam um sintagma infinitivo [InfP] são considerados verbos funcionais, o que também os torna candidatos a auxiliares⁴. A natureza da categoria que o verbo seleciona para ser seu complemento é importante para sua classificação como verbo funcional. Portanto, é esperado que os aspectuais ofereçam restrição a CPs e DPs na posição de complemento. Observamos, entretanto, que alguns verbos aspectuais aceitam, além de um elemento de natureza verbal, um DP na posição de seu complemento.

Uma característica dos verbos aspectuais é que podem modificar/restringir a estrutura temporal do seu complemento sem perder seus traços semânticos, o que os diferencia dos verdadeiros auxiliares (CASTILHO 1968; LOBATO, 1975 apud FERREIRA, 2009; LUNGUINHO et al., 2007; WACHOWICZ, 2007). Rochette (1999, p. 151) assinala que, “semanticamente, os verbos aspectuais parecem desempenhar o papel de modificador com relação ao evento denotado pelo predicado encaixado e seus argumentos⁵.” Esses verbos formam perífrases que indicam início de evento⁶, desenvolvimento de evento, término ou cessação de evento, repetição de evento, entre outros (RIZZI, 1982; BURZIO, 1986; NEVES, 2000; CINQUE, 2006; entre outros). É nesse sentido que os aspectuais são considerados operadores sobre eventualidades, as quais são denotadas pelo complemento direto (WACHOWICZ, 2007).

1.1.2 Aspectuais como predicados de Reestruturação

Conforme Aissen & Perlmutter (1976); Rizzi (1982); Burzio (1986); Cinque (2006), os aspectuais estão na lista dos principais trabalhos de Reestruturação. Quando subcategorizam

lexical para uma categoria funcional, associada à perda ou alteração de significação lexical básica.” (VIEIRA, 2000).

⁴ As restrições de seleção semântica, restrições de seleção categorial e de unidade semântica, por exemplo, são propriedades importantes para a determinação de um verbo como auxiliar ou não.

⁵ “[...] *semantically, aspectual verbs essentially appear to play a role of modifier with respect to the event denoted by the embedded predicate and its arguments.*”

⁶ Freed (1979) define que o complemento que ocorre com os verbos aspectuais pode, em geral, ser classificado como *evento*. Os complementos dos aspectuais são semanticamente classificados como *eventos* em oposição a proposições (ou fatos) e também distintos de objetos. Vendler (1967) define evento em termos de características sintáticas e distinto de fatos. Seu critério é que eventos (assim como processos e ações) podem ocorrer, acontecer, começar, continuar, terminar, enquanto que fatos e objetos não podem.

um VP ou InfP, os aspectuais formam uma unidade sintática com o verbo de seu complemento. O complemento infinitivo é temporalmente dependente do domínio matriz, tornando a sequência verbal em um único domínio funcional, manifestando propriedades de um predicado verbal complexo.

Burzio (1986, p. 217), ao tratar dos tipos de predicado complexo, destaca que, nas estruturas em que um verbo e um complemento infinitivo formam uma única unidade, há dois casos maiores de predicados complexos discutidos na literatura: as construções causativas e de reestruturação. A segunda é associada a vários verbos, como um grupo de verbos modais, aspectuais e de movimento, que também aparecem em sequência com complemento infinitivo.

Segundo Rizzi (1982, p. 2, tradução nossa), há uma transformação de “[...] uma estrutura originalmente bissentencial em uma sentença simples, criando um único complexo verbal composto pelo verbo principal e o verbo encaixado⁷.” Esse comportamento dos verbos aspectuais desencadeia um processo de simplificação estrutural, denominado Reestruturação.

Para Rizzi (1982), a formação de um único constituinte a partir dos verbos da sentença principal e da encaixada é uma consequência desse processo de simplificação estrutural. Já Cinque (2006) defende que esses verbos não formam um único constituinte em sentenças reestruturadas. Para esse autor, o verbo encaixado forma um constituinte com o seu complemento.

Aissen & Perlmutter (1976) afirmam que, mesmo em contextos nos quais os verbos da sentença matriz e da encaixada não formam um constituinte, pode haver evidências de Redução Sentencial, como denominam a relação entre os argumentos do verbo encaixado e o verbo matriz. Para Rizzi (1982) e Burzio (1986), a Reestruturação corresponde a uma regra que permite o movimento de constituintes de um domínio a outro por um processo derivacional.

Apesar de as propostas dos autores citados diferirem em alguns aspectos, as regras aplicadas, que revelam a ausência de barreira entre os dois verbos e que identificam os predicados de Reestruturação, são basicamente as mesmas. As estruturas são analisadas por meio de fenômenos sintáticos dentre os quais recebem destaque o alçamento do clítico e o movimento longo do objeto. Em (5) e (6), a seguir, transcrevemos exemplos de Rizzi (1982, p. 1-4) que ilustram esses dois fenômenos:

- (5) a. *Mario comincia a/finisce di batterla a macchina domani (la tesi).*
(Mario começa a/termina de batê-la à máquina amanhã (a tese))

⁷ “[...] an underlying bisentential structure in a simple sentence, creating a unique verbal complex consisting of the main and the embedded verb.”

- b. *Mario la comincia a/finisce di battere a macchina domani.*
(Mario a começa a/termina de bater à máquina amanhã)
- (6) a. *Finalmente si comincerà a costruire le nuove case popolari.*
(Finalmente se começará a construir as novas casas populares)
b. *Finalmente le nuove case popolari si cominceranno a costruire.*
(Finalmente as novas casas populares se começarão a construir)

Em (5b), temos o alçamento do clítico para junto do verbo finito como um dos diagnósticos de que estamos diante de um predicado complexo e de que os aspectuais que aparecem no domínio matriz são verbos de Reestruturação. Em (5a), o clítico permanece junto ao verbo lexical. A estrutura de (6b) é um exemplo de movimento longo do objeto, em que o argumento interno do verbo encaixado, em (6a), se move para a posição de sujeito da sentença.

Os dois fenômenos exemplificados em (5) e (6) indicam que houve aplicação da regra de Reestruturação: a formação de um predicado complexo com um só domínio funcional, com ausência de barreira para que esses fenômenos sintáticos ocorram. Rochette (1999, p. 152) afirma que “de uma perspectiva sintática, as construções em que os verbos aspectuais ocorrem também apresentam um número de propriedades que são características de estruturas simples/monossentenciais⁸.”

O alçamento do clítico e o movimento longo do objeto não são os únicos critérios para a identificação dos verbos de Reestruturação. Os referidos fenômenos sintáticos não ocorrem da mesma maneira em todas as línguas, pois os efeitos de transparência (ausência de barreira para o alçamento do clítico), a partir dos quais a Reestruturação pode ser verificada, variam translinguisticamente. Cinque (2006) argumenta que é possível o desencadeamento do processo de Reestruturação sem a manifestação dessas propriedades. De acordo com Ferreira (2009, p. 58), “Cinque afirma que a rigidez na ordem relativa dos verbos de Reestruturação é a mesma em construções com ou sem a manifestação de efeitos de transparência”, como podemos depreender dos exemplos com ausência de efeitos de transparência em Catalão (CINQUE, 2006, p. 34):

- (7) a. **Suole provare a farle/provarle a fare** da solo.
(Ele costuma tentar fazer isso sozinho)
b. ***Prova a soler farle/solerle fare** da solo.

⁸ “From a syntactic perspective, the constructions in which aspectual verbs occur also present a number of properties that are characteristic of monoclausal structures.”

A sentença (7a) é bem formada com o clítico *le* adjunto ao verbo da sentença encaixada, *farle*, ou movido para a sentença principal, ficando adjunto ao verbo principal, *provarle*. O núcleo aspectual continuativo (*solere*) antecede o aspectual conativo (*provare*) na hierarquia de núcleos funcionais proposta por Cinque (2006), “independentemente da manifestação de fenômenos indicativos do processo de Reestruturação, como o alçamento do clítico.” (FERREIRA, 2009, p. 58).

No PB, “[...] o movimento longo do objeto ocorre no processo de formação da passiva sintética, da passiva longa, na apassivação da sentença encaixada e nas construções *tough*⁹. Destes, apenas os dois últimos constituem diagnósticos da formação de predicado complexo no PB.” (Ibid., p. 86). E ainda, “[...] à exceção dos clíticos *o/a*, cujo emprego se restringe a contextos estritamente formais, o PB não admite alçamento, diferenciando-se, assim, das demais línguas românicas.” (Ibid, p. 81). Verificamos, a partir dos exemplos de Ferreira (2009, p. 85-86), os processos de apassivação do verbo encaixado e do movimento-*tough* no PB:

- (8) a. O professor tende a/começa a/continua a/costuma/acaba de valorizar *as produções originais*.
b. *As produções originais* tendem a/começam a/continuam a/costumam/ acabam de ser valorizadas (pelo professor).
- (9) a. As escolas vão mudar *o sistema de avaliação*.
b. *O sistema de avaliação* é difícil de vir a mudar.

O exemplo (8) ilustra a formação da passiva, em que o argumento interno do verbo encaixado, é alçado para a posição de sujeito da sentença, (8b). Em (9b), o argumento interno do verbo encaixado também torna-se o sujeito da construção. Esses processos evidenciam ausência de barreira sentencial e revelam a presença de um único domínio funcional no PB.

Nas palavras de Rochette (1999, p. 153, tradução nossa), “os verbos aspectuais também se assemelham aos verbos auxiliares por permitirem a formação de predicado complexo (ou

⁹ O movimento-*tough* ocorre quando o argumento interno do verbo encaixado é alçado para a posição de sujeito da sentença. “Quando um verbo é encaixado imediatamente abaixo de predicados como *fácil, difícil e impossível*, o seu objeto pode ser alçado para a posição de sujeito da sentença, [...]” (FERREIRA, 2009, p. 48). Exemplificamos esse movimento, em (i) e (ii), com um exemplo retirado de Aissen e Perlmutter (1983, p. 372 apud FERREIRA, 2009, p. 48):

(i) *Es fácil entender los resultados.*

(É fácil entender os resultados)

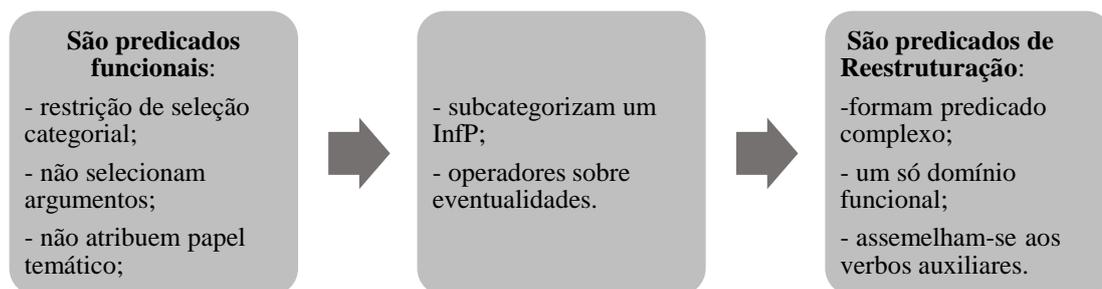
(ii) *Los resultados son fáciles de entender.*

(Os resultados são fáceis de entender)

seja, o chamado fenômeno de Reestruturação)¹⁰.” Rochette (1990 apud ROCHETTE, 1999) defende que, na estrutura em que há reestruturação, só um evento pode estar envolvido, impedindo que a sentença principal e a encaixada façam referência a tempos distintos.

O esquema abaixo apresenta, resumidamente, as propriedades dos verbos aspectuais discutidas nesta seção:

ESQUEMA 1 – Propriedades dos verbos aspectuais



1.2 NOÇÃO DE ASPECTO

Aspecto pode ser “entendido como uma noção temporal, diferente da ideia de ‘tempo’, esta se refere à estrutura temporal interna de eventos e atividades indicados por várias formas linguísticas¹¹.” (FREED, 1979, p. 10). Enquanto tempo se refere à ordem cronológica dos eventos, o aspecto indica a qualidade ou a condição temporal de um evento em termos de inepção, repetição, completção, duração, pontualidade, etc. (FREED, 1979). Na formulação de uma definição geral de aspecto, Comrie (1976, p. 3) declara que aspecto é uma maneira diferente de se ver a constituição temporal interna de uma situação. Travaglia (1981) considera alguns pontos na conceituação de aspecto:

- aspecto seria “a maneira de ser da ação”;
- aspecto é a indicação de duração do processo, de sua estrutura temporal interna;
- aspecto é a indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si;
- aspecto envolve tempo;
- aspecto é definido como marcador de oposições entre certas noções ou de noções simples: término / não término, início, resultado, etc. (p. 29-30).

¹⁰ “Aspectual verbs also resemble auxiliary verbs in that they allow complex predicate formation (i.e., the so-called restructuring phenomenon)”.

¹¹ “Aspect is understood as a notion of time, distinct from tense, that refers to the internal temporal structure of events and activities named by various linguistic forms.”

Desta forma, é possível reconhecer que o aspecto é uma categoria verbal ligada ao tempo – “referindo-se à ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase” (TRAVAGLIA, 1981, p. 31), pois ele indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, ou seja, o tempo gasto pela situação em sua realização (Ibid., p. 32).

Esclarecendo os domínios aspectuais, de acordo com Wachowicz e Foltran (2006), diferentes fatos linguísticos levam à interpretação de uma sentença e trazem dois domínios que se relacionam e que podem se confundir: o domínio do *aspecto gramatical* e o do *aspecto lexical*. Cinque (1999, p. 83) afirma que, sob o termo aspecto, enquadram-se duas coisas completamente diferentes, que nem sempre são separadas na literatura:

Uma é a estrutura interna do evento, ou situação, expressa lexicalmente pelo predicado e seus argumentos: se tem começo ou fim, se tem estágios internos, etc. [...] A outra se refere à maneira particular com a qual o falante apresenta o evento ou situação, através dos meios gramaticais, por exemplo: como terminado (através do aspecto perfectivo: John correu uma milha); em curso (através do aspecto progressivo: John estava correndo uma milha); habitual (através do aspecto habitual: John costumava correr uma milha) e assim por diante¹². (CINQUE, 1999, p. 83, tradução nossa).

A terminologia para tratar desses dois tipos de aspecto varia. Cinque (1999) distingue aspecto lexical de gramatical, do mesmo modo que Wachowicz e Foltran (2006). Já Smith (1997) difere aspecto da situação de aspecto do ponto de vista. Travaglia (1981) estabelece uma distinção entre aspecto lexical e gramatical quando admite que o aspecto (lexical) é uma categoria verbal de tempo, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista (aspecto gramatical), a saber: o do desenvolvimento, o do completude e o da realização da situação (Ibid., p. 33). Bertinetto (1986, 1991, 2001) e Basso (2007b) diferenciam aspecto (perfectivo e imperfectivo) e acionalidade (natureza do evento). “No entanto, [...], aspecto e acionalidade não são noções verdadeiramente independentes, pois são consideradas inextricavelmente interligadas¹³”. (BERTINETTO, 2001, p. 178).

O aspecto gramatical, ou aspecto do ponto de vista, se refere à localização temporal da eventualidade no tempo e em relação ao momento da fala. Basso (2007b, p. 18) ressalta que o

¹² “*One is the internal structure of the event, or situation, as lexically expressed by the predicate and its arguments: whether it has a beginning or end, internal stages, etc. [...] The other refers to the particular way in which the speaker presents the event, or situation, through grammatical means—for example, as terminated (through the perfect aspect: John has run a mile); as on-going (through the progressive aspect: John was running a mile); as habitual (through the habitual aspect: John used to run a mile); and so on.*”

¹³ “*However, [...], Aspect and Actionality are not truly independent notions, for they are considered to be inextricably intertwined.*”

aspecto gramatical “[...] refere-se à representação do evento feita pelo falante, que pode tratá-lo como concluso ou inconcluso”, acarretando eminentemente a distinção entre aspecto perfectivo: que é a situação descrita por completo e vista de fora, sem a distinção de sua estrutura interna necessariamente; e aspecto imperfectivo: que é a ação não completada, descrição de uma parte da situação, visão da estrutura interna da situação. (WACHOWICZ & FOLTRAN, 2006, p. 223; cf. BERTUCCI, 2011, p. 15-16).

Bertinetto (1986, p. 76) sugere que se consideramos um determinado processo a partir de um ponto de vista, observando sua constituição interna e seu comportamento específico, podemos considerar uma determinada situação como um todo, completada, ou podemos nos referir a um certo estágio de seu desenvolvimento. Wachowicz & Foltran (2006, p. 230) e Basso (2007b, p. 23) assumem que o aspecto gramatical advém da flexão verbal (morfemas flexionais) e contém a informação sobre a (im)perfectividade da sentença, veiculadas de maneira canônica pelas formas portuguesas do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito. Basso (2007b, p. 20-22) acrescenta que o aspecto perfectivo tem seu limite à direita fechado (evento não-continua), como no exemplo *João telefonou para sua casa*, e o imperfectivo traz o seu limite à direita aberto (evento continua), como em *João telefonava para sua casa*.

O aspecto lexical é o aspecto da situação. Ele indica as propriedades temporais intrínsecas a uma situação e está relacionado à divisão das classes acionais, presentes em Vendler (1967). Conforme o autor, as expressões verbais realizam diferentes esquemas de tempo, divididos em quatro classes acionais: atividade, *accomplishment*, *achievement* e estado. A acionalidade pode ser tomada como as características que compõem, definem e diferenciam os eventos (BASSO, 2004, p. 57). De acordo com Basso (2007b, p. 18), “a acionalidade refere-se à natureza do evento, se ele é ou não durativo, estativo ou possui [...] (telicidade)”, e suas propriedades estão ancoradas no léxico (p. 26); e Bertinetto (2001, p. 177) afirma que a acionalidade “tem a ver com a natureza do tipo de evento associado a um predicado verbal.”

1.2.1 Classes acionais

Chierchia (2003, p. 492) observa que a classificação acional dos verbos é conhecida como a “classificação aristotélica¹⁴”. Essa classificação ganhou ampla reformulação, foi amplamente desenvolvida por Vendler (1967) e se tornou a mais utilizada pela literatura

¹⁴ Chierchia (2003, p. 492) lembra que “uma primeira reformulação dessa grade aparece em Ryle (1949); depois, ela foi retomada por Kenny (1963), que apontou precedentes em Aristóteles (daí o adjetivo *aristotélica*) [...]”

linguística. Para Vendler (1967, p. 97, tradução nossa), o “uso de um verbo pode também sugerir uma forma particular de como tal verbo pressupõe e envolve a noção de tempo (*time*)¹⁵.” Esse autor descreve as várias características de tempo (*time*) e os esquemas temporais que acredita estarem presentes e serem os mais comuns no uso dos verbos.

A partir disso, Vendler (1967, p. 97, tradução nossa) distingue quatro tipos de classes verbais, de acordo com o modo como estas tratam o tempo, e ressalta que as diferenças entre as classes não podem ser explicadas apenas em termos de tempo, devendo considerar também outros fatores, “como a presença ou ausência de um objeto, condições, estados desejados de acontecimentos [...]”¹⁶. Para iniciar a descrição das classes, Vendler discute a distinção entre verbos que possuem tempos contínuos (*continuous tenses*) e aqueles sem tempos contínuos (*lacking continuous tenses*), correspondendo a tradicional distinção entre não-estativos e estativos respectivamente (FREED, 1979, p. 47).

No grupo dos verbos não-estativos (*continuous tenses*), o autor classifica o esquema temporal de dois tipos de predicados: atividades, como *correr* e *empurrar um carinho*, e *accomplishments*, como *correr uma milha* e *desenhar um círculo*. E no grupo dos verbos estativos (*lacking continuous tenses*), estão os predicados de *achievement*, como *reconhecer*, e de estado, como *saber*. Para marcar essa diferença, Vendler (1967) aplica o seguinte teste: a resposta para a pergunta *O que você está fazendo?* pode ser *Eu estou correndo/escrevendo/trabalhando...*, mas não pode ser *Eu estou sabendo/amando/reconhecendo...* Predicados como *correr/escrever/trabalhar* consistem de fases que se repetem sucessivamente no tempo, enquanto *saber/amar/reconhecer* não são constituídos por fases que se sucedem uma à outra no tempo.

Os traços binários [+dinâmico], [+durativo] e [+télico] e a combinação das classes aspectuais com expressões adverbiais como *por X tempo*, *em X tempo* e *fazer o mesmo* possibilitam a distinção dessas classes, identificando o esquema temporal indicado pelo predicado (cf. VENDLER, 1967; BASSO, 2007b). A expressão *por X tempo* é uma das principais ferramentas para a identificação de eventos atélicos, que não visam a um ponto final e que podem prolongar-se indefinidamente (BASSO, 2007a, p. 125); por isso, essa expressão se combina com eventos [+durativos] e [-télicos]. Já a expressão *em X tempo* se combina com eventos [+durativos] e [+télicos], pois mede o tempo que o evento leva para atingir seu *telos*,

¹⁵ “[...] *the use of a verb may also suggest the particular way in which that verb presupposes and involves the notion of time.*”

¹⁶ “[...] *like the presence or absence of an object, conditions, intended states of affairs [...]*”

seu fim, quando aplicado a um evento télico (Ibid.). Por fim, a expressão *fazer o mesmo* se combina apenas com eventos [+dinâmicos].

Os predicados de atividade são definidos como processos agentivos que se desenvolvem no tempo de forma homogênea. O exemplo abaixo, extraído de Basso (2007b, p. 18), mostra a compatibilidade desses predicados com as expressões *por X tempo*, *em X tempo* e *fazer o mesmo*, respectivamente:

- (10) a. João correu por vinte minutos.
b. (?)¹⁷ João correu em vinte minutos.
c. João correu e Maria fez o mesmo.

Como é possível observar a partir das sentenças em (10), a expressão *por X tempo* combina-se com predicados de atividade, indicando que a atividade de *correr* pode se desenvolver no tempo, ou seja, que é um evento [+durativo], e é [-télico], porque o tempo indicado pela expressão não marca a conclusão, o ponto final determinado do evento. A expressão *por X tempo* marca apenas um intervalo de tempo em que o evento *correr* foi realizado. *Fazer o mesmo* também se combina com atividades, por ser um predicado [+dinâmico], que possibilita a agentividade do sujeito. Já a expressão *em X tempo*, por se combinar apenas com eventos [+télicos], que não apresentam um ponto final previsível, oferece restrição de formação com predicados de atividade. Deste modo, atividades podem ser descritas pelos traços [+dinâmico], [+durativo] e [-télico].

Os predicados de *accomplishment* também são descritos como processos agentivos que se desenvolvem no tempo, mas, diferentemente dos predicados de atividade, apresentam um ponto final determinado. A partir disso, é esperado que predicados de *accomplishment* formem sequência com as expressões *por X tempo*, *em X tempo* e *fazer o mesmo*. As sentenças em (11), retiradas de Basso (2007b, p. 18), ilustram essas combinações:

- (11) a. João pintou o quadro por vinte minutos.
b. João pintou o quadro em vinte minutos.
c. João pintou o quadro e Maria fez o mesmo.

Accomplishments são compatíveis com a expressão *por X tempo*, por serem predicados [+durativos], conforme (11a). Como essa expressão é uma ferramenta que nos permite

¹⁷ Basso (2007b) não faz uso do asterisco para indicar restrições de aspecto no PB, e sim do ponto de interrogação, que convencionalmente é empregado para marcar a baixa aceitabilidade de uma sentença. Contudo, o autor comenta no corpo do texto que as construções (10b), (12a), (13) e (14) não são possíveis na língua.

identificar um evento [-télico], a sua compatibilidade com um predicado [+télico] gera a detelicização do evento, que corresponde a uma leitura “segundo a qual não podemos afirmar que o evento está terminado” (BASSO, 2007a, p. 221). Não podemos afirmar que João terminou de pintar o quadro, “que atingiu a meta usual e previsível daquele predicado télico” (Idid, p. 215), apesar do uso do pretérito perfeito (aspecto perfectivo). As sentenças (11a) e (10a) apresentam, portanto, uma semelhança: a detelicização faz com que o predicado de *accomplishment*, em (11a), se comporte como uma atividade, como em (10a).

Em (11b), o predicado de *accomplishment* é compatível com a expressão *em X tempo*, por ser marcado com o traço [+télico], permitindo medir o tempo que João levou para terminar de pintar o quadro. Por fim, *accomplishments* são compatíveis com a expressão *fazer o mesmo*, em (11c), por serem [+dinâmicos] e admitirem que os DPs *João* e *Maria* sejam agentes da ação indicada pelo predicado. Assim sendo, *accomplishments* envolvem os traços [+dinâmico], [+durativo] e [+télico].

Os predicados de *achievement* são igualmente agentivos, mas ocorrem em um momento único, sendo descritos como eventos instantâneos, pontuais. Os exemplos (12), também extraídos de Basso (2007b, p. 18), ilustram a combinação de *achievements* com as expressões adverbiais *por X tempo*, *em X tempo* e *fazer o mesmo*:

- (12) a. (?) João ganhou a corrida por vinte minutos.
b. João ganhou a corrida em vinte minutos.
c. João ganhou a corrida e Maria fez o mesmo.

As sentenças do exemplo (12) revelam que *achievements* são incompatíveis somente com *por X tempo*, por serem não-durativos e télicos (BASSO, 2007b, p. 17). Podemos, então, associar aos predicados de *achievements* os traços [+dinâmico], [-durativo] e [+télico]. Contudo, entendemos ser necessário observar a classificação de Bertinetto (1986, 1991, 2001) das classes acionais, que divide a classe dos *achievements* em três tipos: transformativos, e-pontuais e s-pontuais.

Basso (2004, p. 58), ao discutir os eventos não-durativos, aponta que os eventos transformativos, como *ganhar (uma corrida)*, são [+télicos], “visam um fim ou uma meta a ser atingida” e, por isso, são compatíveis com o adjunto *em X tempo*. É importante notar, entretanto, que a combinação de predicados transformativos com o adjunto *em X tempo* tem uma interpretação diferente da gerada quando esse adjunto se combina com *accomplishments*. Em (11b), com um *accomplishment*, o adjunto se refere ao tempo transcorrido desde o início do

evento até o seu momento final; enquanto que, em (12b), com *achievements*, se refere a uma ‘fase preparatória’ do evento, e não ao tempo transcorrido do início ao fim do evento propriamente dito. Essa fase pode ser ressaltada pelo uso do advérbio *acidentalmente*, conforme Basso (2004, p. 59):

(13) (?) João achou a chave acidentalmente em dez minutos.

O advérbio *acidentalmente*, em (13), faz com que *em X tempo* não tenha onde se aplicar, pois suspende a fase preparatória de *ganhar a corrida*. Os eventos e-pontuais, como *atingir (o alvo)* e *pular (dar um pulo)* e s-pontuais, como *impressionar-se* e *assustar-se*, diferenciam-se dos transformativos por serem atélicos (não têm uma meta a ser atingida) e não possuem uma fase preparatória (BERTINETTO, 1986, 1991, 2000; BASSO, 2004).

Por fim, diferenciando-se das demais classes aspectuais, os predicados de estado se caracterizam como não-agentivos. Estes são descritos, ainda, como eventos permanentes, que não se desenvolvem no tempo e que não apresentam um ponto final determinado. Vejamos um exemplo em que Basso (2007b, p. 18) combina um predicado estativo com a expressão *fazer o mesmo*, que o autor aponta como a forma de identificar o traço mais relevante dos estativos:

(14) (?) João sabe latim e Maria faz o mesmo.

Os estativos são predicados estáticos, constantes e imutáveis. Os traços que descrevem esses predicados são [+durativo] e [-télico], e a restrição à expressão *fazer o mesmo*, em (14), mostra que os estativos são também predicados [-dinâmicos], indicando que o sujeito de um predicado estativo não desempenha papel de agente¹⁸.

As classes acionais sistematizadas por Vendler (1967) têm sido amplamente investigadas na literatura linguística sobre verbos aspectuais (BASSO & ILARI, 2004a, 2007b; WACHWICZ & FOLTRAN, 2006; BERTUCCI, 2011; RECH, 2011; entre outros). Vendler (1967) já havia esclarecido que não tinha a pretensão de que esta classificação fosse exaustiva. Segundo Basso e Ilari (2004b, não paginado), desta forma, “novas classes de verbos, mais precisamente classes acionais, podem ser ‘descobertas’ seguindo os mesmos critérios.” O quadro a seguir sistematiza toda a descrição das classes acionais, indicando a presença [+] ou a ausência [-] dos traços *dinâmico*, *durativo* e *télico* em cada uma delas:

¹⁸ Na seção 1.2.2, tratamos de outras especificidades sobre a classificação dos estativos, como agentividade e controle, baseando-nos na subdivisão proposta por Basso e Ilari (2004a) para o PB.

QUADRO 1 – Traços das classes acionais.

	[dinâmico]	[durativo]	[téliico]
Atividade	+	+	-
<i>Accomplishment</i>	+	+	+
Estado	-	+	-
<i>Achievement</i>	+	-	+

O traço [+durativo], revelado pela expressão *por X tempo*, é atribuído a “eventos sobre cuja duração é possível e pragmaticamente plausível quantificar.” (BASSO, 2007b, p. 24). Refere-se simplesmente ao fato de que um evento dura um certo período de tempo (ou, é duradouro por um determinado período de tempo). O oposto de duratividade é a pontualidade, a qual indica que um evento pontual, ou instantâneo, não tem nenhuma duração, nem por um período muito curto (COMRIE, 1976, p. 42; SMITH, 1999). Bertinetto (2001) explica que esta noção de não-duratividade:

[...] deve obviamente ser interpretada num sentido estritamente operacional. Literalmente falando, qualquer evento tem um certo tempo físico para ocorrer. No entanto, é fato que, enquanto podemos dizer *John chegou ao topo da montanha ao meio-dia*, sugerindo que o próprio evento de *chegar ao topo* ocorreu precisamente naquele momento, frases como *??John gostou da música à meia-noite, há dois dias* ou *??John escreveu sua dissertação às 5 horas da última terça-feira* são bastante antinaturais, e podem, no máximo, indicar (dependendo da situação), o limite inicial ou final do evento¹⁹. (p. 179, tradução nossa).

Uma situação pontual como *alcançar o topo da montanha* (*reached the top of the mountain*) não tem uma estrutura interna. Entre outras situações consideradas pontuais, está o evento *tossir* (*cough*), interpretado como uma única tosse. Porém, na sentença *Ele estava tossindo* (*He was coughing*), é inapropriado interpretar como se ele tivesse tossido uma única vez; neste caso, interpretamos o evento como uma série de tosse, sendo claramente uma situação durativa (COMRIE, 1976, p. 42-43). Para definir esse comportamento, Comrie introduz os termos semelfactivo e iterativo: o primeiro nomeia a situação que ocorre uma única vez (uma única tosse); e o segundo, a situação repetida.

Smith (1997), em sua classificação, acrescenta às quatro classes acionais de Vendler (1967), a classe dos semelfactivos. Para a autora, os semelfactivos são os mais simples entre os

¹⁹ “[...] should obviously be interpreted in a strictly operational sense. Literally speaking, any event takes some amount of physical time to occur. However, it is a fact that while we may say *John reached the top of the mountain at noon*, suggesting that the very event of reaching the top occurred precisely at that moment, sentences like *??John liked the music at midnight two days ago* or *??John wrote his dissertation at 5 o’ clock last Tuesday* are rather unnatural, and can at most indicate (depending on the situation) the initial or final boundary of the event.”

tipos de eventos, consistindo de um único estágio (*single-stage*). O termo semelfactivo é usado por Smith para eventos instantâneos e atélicos: ocorrem muito rapidamente e não têm resultado, ou um fim diferente que resulte da ocorrência do evento. Smith (1997, p. 30), assim como Comrie (1976), afirma que esses eventos “frequentemente ocorrem em sequências repetitivas, em vez de eventos de único estágio.”

O traço [\pm télico] é revelado por adjuntos do tipo *em X tempo*. Smith (1997, p. 19) caracteriza os eventos que têm uma mudança de estado, que constituem o resultado ou meta do evento, como télicos: “quando a meta é atingida, a mudança de estado ocorre e o evento está completo.” No exemplo dado por Comrie (1976), *John está fazendo uma cadeira* (*John is making a chair*), a situação descrita por *fazer uma cadeira* chega a um fim quando John completa a ação, e a cadeira está pronta. Até este ponto ser atingido, o evento pode sofrer interrupções, mas não chegar ao fim.

Já eventos atélicos têm um ponto final arbitrário, pois podem ser interrompidos a qualquer momento, não há um resultado (SMITH, 1997). Em *John está cantando* (*John is singing*), a ação de *cantar* pode parar em qualquer ponto, sendo possível afirmar que John cantou mesmo que não tenha concluído a música. *Fazer uma cadeira* é um evento que termina automaticamente quando a cadeira está pronta, e “*cantar* não tem tal ponto terminal, e pode ser prolongada indefinidamente ou interrompido em qualquer ponto” (COMRIE, 1976, p. 44, tradução nossa). Na sua discussão sobre telicidade, Bertinetto (2001, p. 179) acrescenta a propriedade de subintervalos aos eventos atélicos: “se um evento *f* ocorre em um intervalo *I*, *f* também ocorre em qualquer subintervalo relevante de *I*.”

A classificação acional, bastante importante para nossa pesquisa, não é atribuída ao verbo, mas ao verbo e seus complementos (argumentos e adjuntos). É por isso que Vendler (1967), Comrie (1976), Smith (1997) e Bertinetto (2001) reforçam que a descrição da situação, ou evento, não se dá pelo verbo sozinho, mas pelo predicado que o verbo forma com seus argumentos. E os argumentos (e adjuntos) influenciam principalmente na telicidade do predicado. Em *John está cantando* (*John is singing*) temos um evento [-télico], enquanto que em *John está cantando uma música* (*John is singing a song*) temos um evento [+télico]; e, ainda, em *John está cantando músicas* (*John is singing songs*), [-télico] de novo.

Cantar uma música, desenhar um círculo, correr uma milha são [+télicos], têm um fim determinado, um “clímax” a ser alcançado para que a ação se complete; e *cantar (músicas), correr, empurrar um carinho* não têm um ponto que marca seu término. Reiterando, a atribuição de uma classe é dada, portanto, composicionalmente, e os sujeitos e objetos (que ocupam as

posições de argumento do verbo) afetam a classificação do predicado: eventos [+télicos] apresentam sujeitos ou objetos específicos e contáveis; e eventos [-télicos], sujeitos e objetos incontáveis e indefinidos. Os advérbios também influenciam no significado aspectual.

O traço [\pm dinâmico], último traço utilizado na descrição das classes, marca a oposição entre eventos estativos, em que nada acontece, e não-estativos, em que algo acontece (BASSO, 200b, p 25-26). Bertinetto (2001) afirma que esse é um fator ao mesmo tempo intuitivamente claro e muito complicado e sugere que “um meio alternativo de colocar isso consiste em dizer que os estados, em oposição a eventos dinâmicos, não têm granularidade interna: eles são densos, i.e. sua estrutura é isomórfica com a estrutura de tempo²⁰.” (Ibid., p. 180, tradução nossa).

Comrie (1976, p. 48)²¹ usa o termo “fase” para se referir a um determinado ponto da duração de uma situação. Smith (1997, p. 19) concorda que os eventos dinâmicos consistem de estágios (ou fases) sucessivos, que ocorrem em diferentes momentos. Assim, numa situação dinâmica, como *John está correndo* (*John is running*), as fases da situação são diferentes entre si: em um momento, John está com a perna direita levantada; em outro, ela está no chão; no próximo momento, levanta a outra perna, coloca no chão, e assim por diante. Numa situação estativa, como *John sabe onde eu moro* (*John knows where I live*), todas as fases da situação são idênticas; em qualquer ponto que escolhermos recortar, vamos encontrar exatamente a mesma coisa (COMRIE, 1976; VENDLER, 1967).

Um fator que interessa à nossa análise, referente à questão da dinamicidade do evento, também lembrado por Comrie (1976), é de que eventos não-dinâmicos não envolvem mudança, como *saber*; e os dinâmicos, como *correr*, envolvem necessariamente mudança²². Considerando alguns casos excepcionais, um estado, a não ser que algo aconteça para mudar esse estado, vai continuar, permanecer igual; e uma situação dinâmica só vai continuar, manter-se, se for sujeita continuamente a um novo *input* de energia. Em *João está correndo*, se João parar de colocar qualquer esforço para a execução da atividade de correr, vai chegar num ponto em que ele vai parar.

²⁰ “An alternative way of putting this consists in saying that states, as opposed to dynamic events, have no internal granularity: they are ‘dense’, i.e. their structure is isomorphic with the structure of time.”

²¹ Em nota de rodapé, Comrie (1976, p. 48) lembra que em outras discussões se distingue os termos “estado” e “ação” e que alguns linguistas usam o termo ação porque a situação dinâmica requer o envolvimento de um agente. Mas, como também assinala Bertinetto (2001), eventos dinâmicos podem envolver um sujeito não-agentivo. Então, para não causar confusão, o autor prefere manter o uso do termo “situação dinâmica”.

²² Amparando-nos nisso, em nossa análise, empregamos o traço [\pm mudança] em detrimento do [\pm dinâmico] por ser a característica do predicado que pretendemos destacar.

Em nossa abordagem, adotamos a proposta de subdivisão da classe dos estativos, inicialmente formulada por Bertinetto (1986; 1991) para a língua italiana e estendida para o português por Basso e Ilari (2004a), de acordo com alguns critérios como a aceitação da perífrase progressiva, da forma imperativa e de adjuntos temporais. Esses autores constataram que havia, nesta classe, predicados mais ou menos estativos, não constituindo, portanto, uma categoria unitária.

1.2.2 Subdivisão dos Estativos

Basso e Ilari (2004a) assinalam que a caracterização que os estativos vêm recebendo é a de verbos que não indicam uma ação, e que o sujeito dos verbos estativos é antes um experienciador que um agente. Com essas características, os estativos não poderiam aceitar a forma imperativa, a perífrase progressiva e nem alguns adjuntos temporais; no entanto, há verbos considerados estativos que aceitam essas combinações.

Por causa dessa falta de clareza, pesquisadores como Bertinetto (1986, 1991, 2001) admitiram que a classe dos estativos deve ser subdividida em subclasses. A caracterização dessas subclasses por Basso e Ilari (2004a) segue os critérios que foram usados para determinar a unidade da classe: a aceitação da perífrase progressiva, da forma imperativa e a combinação com adjuntos temporais.

Em PB, a perífrase progressiva é possível com estativos do tipo *amar*, *sentir-se cansado*, *ter dor de cabeça*, *ser chato*, como em *João está amando Maria*; mas com predicados estativos do tipo *localizar-se*, *pertencer*, *ser gordo*, *ter*, como em **João está tendo um carro*, não é possível. Por meio de testes de compatibilidade com o imperativo, Basso e Ilari (2004a) identificaram que os estativos que aceitam a forma do imperativo possuem o traço [+controle], como em *Seja bonzinho!*.

Quanto à combinação com adjuntos, os “estativos permanentes” são aqueles que duram por todo o tempo e não permitem o uso de adjuntos de duração, como *por/durante X tempo* (**João é baixo esta tarde*); e estativos “não-permanentes” são compatíveis com adjuntos de duração, como *por/durante X tempo* (*João está insolente esta tarde*) (BASSO & ILARI, 2004a; BASSO, 2004). Através desses três critérios de combinação, Basso e Ilari (2004a) demonstram que existem diferentes possibilidades dentro da classe dos predicados estativos.

Os verbos estativos são distinguidos pela manifestação dos traços [±mudança] e [±controle]. Os marcados com os traços [-mudança] e [-controle] são classificados como verbos

tipicamente estativos, incompatíveis com o imperativo e com a perífrase progressiva. Estes não sofrem mudança em seu curso: *Joana é alta*. Os predicados tipicamente estativos correspondem a verbos existenciais, locativos e epistêmicos. Os marcados com os traços [+mudança] e [-controle], que permitem somente o uso da perífrase progressiva, ou [-mudança] e [+controle], que admitem somente o imperativo, são verbos *não-tipicamente estativos*. Estes estão suscetíveis a mudanças: *Carolina está com febre*; ou à flexão no imperativo: *Pedro é esforçado/Seja esforçado*. Contudo, Basso e Ilari (2004a) assumem que não podem:

[...] afirmar categoricamente que apenas os dois traços de controle e mudança sejam responsáveis por todas as possibilidades efetivamente encontradas. Assim sendo, uma representação de estabilidade bem mais adequada em termos intuitivos consistiria em distinguir i) verbos estritamente estativos, e ii) verbos estativos que apresentam um comportamento possivelmente diferente dos tipicamente estativos. (p. 24-25).

Cunha (2005), baseado nas reflexões de Carlson (1977), Kratzer (1995) e Chierchia (1995), apresenta outra forma de subdividir a classe dos estativos: em predicados *individual-level* e *stage-level*. O autor assinala que os estativos são caracterizados por propriedades aspectuais específicas. O predicado *possuir*, por exemplo, é definido como um predicado *individual-level*, por denotar uma situação ilimitada. Os predicados estativos *stage-level* descrevem uma situação limitada. Por isso, formam sequência com os aspectuais sem o recurso de um advérbio temporal explícito para criar este limite. Além disso, eles descrevem situações não-permanentes (cf. ROCHETTE, 1999, p. 156).

Do mesmo modo que Comrie (1976) usa o termo “fase”, Cunha (2005) propõe a inclusão da ideia de “faseabilidade” e destaca que alguns estados podem ser rotulados de estados-faseáveis, quando são coagidos a processos, incorporando a função de [+dinâmico]. Desse modo, os estados-faseáveis (não-tipicamente estativos) são os que revelam características eventivas, e os estados não-faseáveis (tipicamente estativos) não têm essa característica, comportando-se sempre como situações estativas, independentemente do seu contexto de ocorrência.

Uma das interações mais evidentes que surgem entre esses dois fatores está relacionada com o fato de que os estativos faseáveis podem ser coagidos a processos. Dado que em princípio os eventos são situações “transitórias” ou “episódicas”, descrevendo as propriedades ou relações bem-limitadas, os estativos faseáveis devem ser normalmente integrados na classe de predicados *stage-level* (ver Carlson (1977), Kratzer (1995)). Isto significa que um estativo *individual-level* básico quando coagido a um processo pode, em contextos apropriados, exibir as características típicas deste tipo de situação, ou seja, ele se comporta, de certa forma, como um evento, e, portanto,

como um predicado *stage-level* (derivado)²³. (CUNHA, 2005, não paginado, tradução nossa).

Observamos, portanto, uma semelhança na descrição dos predicados tipicamente estativos e dos predicados *individual-level*, assim como na descrição dos não-tipicamente estativos e dos predicados *stage-level*. Os predicados estativos do tipo *stage-level* correspondem, na análise de Bertinetto (1986; 1991), aos predicados não-tipicamente estativos; já os do tipo *individual-level* correspondem aos tipicamente estativos.

1.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

O estudo teórico nos possibilitou identificar as propriedades dos verbos aspectuais quanto a sua classificação como predicados funcionais, como formadores de predicado complexo, comportando-se como verbos de Reestruturação, e como operadores sobre eventualidades. Tais propriedades os tornam semelhantes aos verbos auxiliares.

A noção de aspecto e seus domínios gramatical e lexical, a discussão dos traços que caracterizam as classes acionais, bem como a subdivisão dos estativos são, por sua vez, definições essenciais para o desenvolvimento de nosso estudo. A noção de aspecto relevante para esta pesquisa é a de aspecto lexical, tendo por base a classificação acional presente em Vendler (1967), considerando a subdivisão da classe dos estativos por Bertinetto (1986) e adotada por Ilari e Basso (2004a) e Cunha (2005). Consideramos também a subdivisão da classe dos *achievements*, presente em Bertinetto (1986, 1991, 2001) e Smith (1997). A seguir, apresentamos uma sistematização dos traços considerados em nosso estudo:

QUADRO 2 – Descrição das classes acionais e dos traços

Classes acionais (VENDLER, 1967)	Traços	Características	Outras classificações
Atividade	[+dinâmico] [+durativo]	- processo agentivo; -se desenvolve no tempo de forma homogênea; - [+fases], estágios sucessivos internos; - dura um período de tempo;	

²³ “One of the most evident interactions that arise between these two features is related with the fact that phase states can be coerced into processes. Given that in principle events are “transitory” or “episodic” situations, describing well-limited properties or relationships, they must be normally integrated in the class of stage-level predicates (cf. Carlson (1977), Kratzer (1995)). This means that a basic individual-level stative when coerced into a process can, in appropriate contexts, exhibit the typical characteristics of this kind of situation, that is, it behaves in some ways as an event, and, therefore, as a (derived) stage-level predicate.”

		<ul style="list-style-type: none"> - ponto final arbitrário; - não tem meta a ser atingida ou resultado, não tem mudança de estado; - [+mudança]. 	
<i>Accomplishment</i>	<ul style="list-style-type: none"> [+dinâmico] [+ durativo] [+télico] 	<ul style="list-style-type: none"> - processo agentivo; - se desenvolve no tempo; - [+fases], estágios sucessivos internos; - dura um período de tempo; - fim determinado; - tem meta a ser atingida, resultado; tem mudança de estado; - [+mudança]. 	
<i>Achievement</i>	<ul style="list-style-type: none"> [+dinâmico] [+télico] 	<ul style="list-style-type: none"> - processo agentivo; - pontual, instantâneo; - [+fases], único estágio; - fim determinado; - tem mudança de estado, resultado diferente; - [+mudança]. 	<p>Bertinetto (1986, 1991, 2001) divide em:</p> <ul style="list-style-type: none"> - transformativo: pontual, [+télico], fase preparatória; fim determinado, meta a ser atingida. - e-pontuais e s-pontuais: pontuais, [-télicos], não têm fase preparatória, não têm meta a ser atingida.
			<p>Smith (1997) acrescenta:</p> <ul style="list-style-type: none"> - semelfactivo: único estágio, instantâneo, [-télico], não tem resultado.
Estado	<ul style="list-style-type: none"> [+ durativo] 	<ul style="list-style-type: none"> - não-agentivo; - não se desenvolve no tempo; - [-fases], não tem estágios internos; - não tem ponto final determinado; - [-mudança] 	<p>Subdivisão de Bertinetto (1986, 1991) e Basso e Ilari (2004a):</p> <p>Tipicamante estativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estático, constante, imutável; - [-mudança] e [-controle] <p>Não-tipicamente estativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - [+mudança] e [-controle] - [-mudança] e [+controle]
			<p>Subdivisão de Cunha (2005):</p> <p>Individual-level:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Denota situação ilimitada; - situações estativas, independente do contexto de ocorrência. <p>Stage-level:</p> <ul style="list-style-type: none"> - descreve situação limitada; - revela características eventivas; - pode ser coagido a processo, incorporando o traço [+dinâmico];

2 RESTRIÇÕES DE SELEÇÃO DOS VERBOS ASPECTUAIS

2.1 INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo, consideramos algumas hipóteses relacionadas à categoria do complemento dos aspectuais, determinante para a classificação de um verbo como predicado funcional ou lexical. Verificamos, com base na literatura (AISSSEN & PERLMUTTER, 1976; RIZZI, 1982; BURZIO, 1986; CINQUE, 2006, entre outros), que os verbos aspectuais que subcategorizam um InfP são considerados predicados funcionais. Nenhum predicado funcional seleciona argumentos, independentemente do seu grau de gramaticalização; logo, são incapazes de atribuir papel temático. Desta forma, com emprego funcional, os verbos aspectuais não deveriam oferecer restrições significativas ao seu complemento, visto que não selecionam argumentos nem atribuem papel temático. Isso parece se confirmar nos exemplos a seguir, em que esses verbos se combinam com predicados intransitivos, transitivos, inacusativos e, até mesmo, com predicados que não selecionam argumentos²⁴:

- (15) a. Marta começou a/continuou a/parou de/deixou de chorar.
b. Joana começou a/continuou a/parou de/deixou de praticar exercícios.
c. O motor do carro começou a/continuou a/parou de/deixou de falhar.
d. Começou a/continuou a/parou de/deixou de chover.

A boa formação das sentenças do exemplo (15) revela que os aspectuais *começar*, *continuar* e *parar* não oferecem restrições ao predicado que ocupa a posição de complemento, formando sequência com verbos intransitivos (15a); transitivos (15b); inacusativos (15c) e sem argumentos (15d). Como consequência, admitem, para a posição de sujeito, DPs com traços animados, em (15a) e (15b), e inanimados, em (15c); ou até sujeito nulo, em (15d). É possível, entretanto, que esses verbos ofereçam restrições de natureza aspectual ao seu complemento, formando sequência apenas com predicados compatíveis com a noção aspectual que expressam.

O capítulo está organizado em seis seções, em que se analisa a combinação dos verbos aspectuais com as classes acionais (VENDLER, 1967), com o intuito de depreender os traços

²⁴ Os aspectuais completivos (*acabar* e *terminar*) não formam sequência com os predicados ilustrados no exemplo (15). É importante notar, entretanto, que essa restrição não está relacionada à seleção argumental do predicado encaixado, e sim à ausência de um ponto final determinado, requerido pelos completivos. Essa restrição é abordada com maior detalhamento na sequência do artigo.

relevantes para a descrição dos aspectuais inceptivo, continuativo, interruptivo e completivo. Neste capítulo, investigamos construções do PB com os verbos aspectuais *começar*, *continuar*, *parar*, *deixar*, *acabar* e *terminar* em perífrases verbais, i.e., em contextos que subcategorizam um complemento infinitivo (InfP). Nossa hipótese é de que as restrições ao complemento podem ser explicadas por uma incompatibilidade entre a noção aspectual que o verbo expressa e determinados traços presentes no predicado que ocupa a posição de seu complemento. Na literatura linguística, os aspectuais são descritos como predicados que oferecem restrições a estativos e a *achievements*, conforme Lamiroy (1987) e Rochette (1999).

Rochette (1999) observa que a boa formação dos aspectuais com predicados de *accomplishment* e com atividades se deve ao fato de esses predicados formarem uma classe aspectual natural, que pode ser caracterizada, em termos de categoria semântica, como **processo**. Essa classe natural pode “ser definida como um conjunto de eventos cujo núcleo constitui um processo.²⁵” (ROCHETTE, 1999, p. 159, tradução nossa). Os eventos que compõem essa classe têm duração e podem sofrer mudança, ou seja, podem ser iniciados, interrompidos, repetidos, continuados, concluídos; desta forma, os traços [+durativo] e [+mudança] são característicos de **processo**. Segundo a autora, as restrições de seleção dos aspectuais à posição de complemento são melhor compreendidas ao se considerar que esses verbos são caracterizados como verbos que selecionam semanticamente um processo. Por exemplo, predicados de *accomplishment*, como *escrever uma carta/pintar um quadro*, e predicados de atividade, como *dançar/correr/trabalhar*, carregam os traços [+durativo] e [+mudança]; por isso, são perfeitamente aceitáveis na posição de complemento dos aspectuais. Observe os exemplos a seguir, extraídos de Rochette (1999, p. 155):

- (16) a. *John began/continued/stopped/finished writing the letter.*
(John começou a/continua a/parou de/terminou de escrever a carta)
b. *John began/continued/stopped/finished²⁶ dancing.*
(John começou a/continua a/parou de/terminou de dançar)

A boa formação das sentenças em (16) revela que os aspectuais não oferecem restrições a *accomplishment*, como *writing the letter* (escrever a carta) em (16a), nem a predicados de atividade, como *dancing* (dançar) em (16b). Apenas o completivo *finish* (acabar/terminar) reage

²⁵ “[...] be defined as the set of events whose head constitutes a process.”

²⁶ Em nota de rodapé, Rochette (1999, p. 163) destaca que a sentença com *finish* (acabar/terminar) não é aceitável com a interpretação do predicado *dancing* (dançar) como uma atividade. A autora afirma que o aspectual completivo impõe uma restrição adicional ao seu complemento. Ele não só seleciona semanticamente um processo, como requer que haja um estado resultante identificável (telicidade).

a predicados de atividade; por envolver a noção de término do evento, o completivo requer um predicado que descreva um evento com uma conclusão, uma culminância lógica no seu final, ou seja, que apresente o traço [+télico]. As sentenças a seguir, transcritas de Rochette (1999, p. 155), exibem as restrições dos aspectuais a *achievements* e a predicados de estado, respectivamente:

- (17) a. **I began/stopped/finished finding my coat.*
(Eu comecei a/parei de/terminei de encontrar meu casaco)
b. **I began/stopped/finished owning a house.*
(Eu comecei a/parei de/terminei de possuir uma casa)

A má-formação da sentença (17a) resulta do fato de predicados de *achievement* denotarem eventos instantâneos [-durativos], como *finding my coat* (encontrar meu casaco). Já a má-formação de (17b) deriva do fato de predicados estativos, como *owning a house* (possuir uma casa), não serem marcados com o traço [+mudança], igualmente requerido pelos aspectuais.

Conforme observado nos exemplos (16) e (17), os aspectuais oferecem restrições apenas a *achievements* e a predicados tipicamente estativos. Aos primeiros, por descreverem eventos instantâneos, como *encontrar o casaco/perder a chave/bater o carro*, marcados com o traço [-durativo]; aos últimos, por configurarem o oposto de uma ação, sendo marcados com o traço [-mudança]. Aos predicados de estado falta uma estrutura interna dinâmica, com a qual os aspectuais tratam; portanto, são naturalmente incompatíveis. Entretanto, há certos fenômenos que desencadeiam um efeito de serialização, o qual licencia predicados tipicamente estativos e *achievements* na posição de complemento dos verbos aspectuais. Este será abordado na subseção a seguir.

2.1.1 Efeito de serialização

Lamiroy (1987) explica o efeito de serialização de um evento, apresentando a diferença entre duas subcategorias temporais: aspecto e sequência. Segundo a autora, aspecto refere-se às diferentes maneiras de se ver a constituição temporal interna da situação, enquanto sequência refere-se aos momentos sucessivos em que situações ocorrem. Para ilustrar essa diferença, reproduzimos, a seguir, a figura apresentada por Lamiroy:

FIGURA 1 – Representação de sequência temporal interna e externa de uma situação*

Jean continue à $t_0 t_1 t_2 \dots t_{n-2} t_{n-1} t_n$
chanter cette chanson.

Jean continue à $T_0 T_1 T_2 T_3 \dots$
chanter cette chanson.
chanter cette chanson.
chanter cette chanson.
chanter cette chanson.
 :

* t instantes de tempo interno, T para tempo externo.

Fonte: Lamiroy (1987, p. 285).

Segundo Lamiroy, a sentença ‘*Jean continue à chanter cette chanson*’ (Jean continua a cantar essa canção) é ambígua entre duas leituras para a sua constituição temporal. A primeira leitura relaciona-se aos estágios internos sucessivos da situação, em que *continuer* (continuar) tem significado continuativo, constituindo uma propriedade básica de aspecto, conforme ilustra a sentença *Vanusa continuou a cantar o Hino no Congresso Nacional mesmo tendo errado a letra*. A segunda leitura está relacionada a momentos sucessivos em que a mesma situação acontece no nível de tempo externo, caracterizando-se como repetição do mesmo evento. Nesta última, *continuer* (continuar) tem significado repetitivo e pode ser considerado como um caso especial de subcategoria temporal, a qual localiza diferentes eventos, um em relação ao outro, conforme a sentença *Os Titãs continuam cantando para dizer adeus em turnês atuais*. Então, Lamiroy (1987) chama de serialização quando um evento é descrito em sequência, é repetido. Sintetizando, aspecto envolve a sequência interna de uma situação em estágios sucessivos, enquanto serialização temporal indica a relativa localização de eventos na linha cronológica do tempo.

A autora observa que com *achievements* e estativos na posição de complemento de um aspectual não é gerada essa ambiguidade. Isso porque Lamiroy defende que a única possibilidade de licenciar esses predicados na posição de complemento de um aspectual é através do efeito de serialização, que pode ocorrer com elementos que desencadeiam uma operação cognitiva particular: a multiplicação²⁷ do evento. Talmy (1978, p. 17, tradução nossa)

²⁷ Para a nossa análise, empregamos os termos **multiplicação** ou **repetição** em substituição ao termo **serialização**, por os considerarmos mais adequados ao que pretendemos destacar.

define multiplicação do evento como uma operação em que “[...] um referente original único é, na realidade, copiado para vários pontos de espaço ou tempo²⁸.” Lamiroy (1987) identificou estratégias que legitimam essa ocorrência, como o emprego de sintagmas nominais no plural e de sintagmas nominais genéricos na posição de sujeito superficial ou na posição de complemento do predicado encaixado, e o emprego de expressões adverbiais temporais como complemento (adjunto) do verbo encaixado, conforme ilustram as sentenças em (18), extraídas de Lamiroy (1987, p. 282-283):

- (18) a. *Jean commence à posséder beaucoup de voitures/une sérieuse collection de voitures.*
(Jean começa a possuir muitos carros/um considerável número de carros)
b. *La bande dessinée commence à être lue (dans les écoles).*
(A história em quadrinhos começa a ser lida (nas escolas))
c. *Jean a commencé à savoir qu'Anne le trompait (peu avant de soutenir sa thèse)*
(Jean começou a saber que Anne o estava traindo (pouco antes de defender sua tese))

Em (18a), o sintagma no plural como complemento do predicado estativo gera um efeito que multiplica a situação descrita por esse predicado. Este efeito de multiplicação do evento, conforme Lamiroy (1987), ativa uma leitura de repetição, que traz dinamicidade ao evento, fazendo com que o predicado estativo seja interpretado como um predicado de atividade. No exemplo (18b), o DP *La bande dessinée* (a história em quadrinhos), que figura como sujeito da sentença, adquire uma interpretação genérica, que se torna explícita quando um PP, como *dans les écoles* (nas escolas), é adicionado à sentença. Essa interpretação genérica do DP, em que o evento passa a ser recorrente, é a responsável por gerar o efeito de multiplicação do evento. Em (18c), uma sentença adverbial temporal é inserida como adjunto do verbo encaixado. Essa combinação relaciona o estado descrito pelo predicado infinitivo com outro evento. O aspectual *commencer* (começar) denota que o evento *savoir qu'Anne le trompait* (saber que Anne o estava traindo) tem início no momento indicado pela oração adverbial temporal *peu avant de soutenir sa thèse* (pouco antes de defender sua tese).

Lamiroy (1987, p. 285) argumenta que a ocorrência dos aspectuais com predicados de estado ou com *achievements* só é possível com o efeito de serialização (multiplicação), que descreve eventos em sequência. Segundo a autora, a sequenciação corresponde a uma subcategoria temporal que localiza eventos diferentes relacionados entre si, não expressando, portanto, aspecto.

A presença desses elementos que desencadeiam a multiplicação do evento, influenciam

²⁸ “[...] an original solo referent is, in effect, copied onto various points of space or time.”

na classificação acional do predicado, a qual deve considerar, ainda, aspectos relativos à estrutura argumental e à natureza do sintagma determinante, conforme observa Bertinetto (2001, p. 181):

Deste modo, enquanto *desenhar um/ três/ vários círculo(s)* é um *accomplishment*, *desenhar círculos* é novamente uma atividade, apesar da presença de um objeto direto. Igualmente, embora *John caiu* seja um *achievement*, *as pedras caíram na estrada (durante o verão)* instancia uma atividade. Como os exemplos deixam claro, a maioria dos predicados pode ter mais de uma classificação acional. Além disso, a classificação não diz respeito ao predicado nu, mas aos diferentes conjuntos de contextos em que pode ocorrer, especificado (pelo menos) em relação aos argumentos relevantes e à estrutura de sintagmas determinantes relevantes²⁹.

De acordo com este autor, a maioria dos predicados pode ser classificado em mais de uma classe acional, dependendo dos diferentes contextos em que podem ocorrer. Basso (2004, p. 61) chama de “sensibilidade contextual” quando a acionalidade é influenciada pelas características dos sintagmas nominais presentes nas sentenças. Smith (1997, p. 4, tradução nossa) converge nesse mesmo entendimento ao mencionar que “a evidência disso vem de sentenças de diferentes tipos de situações que diferem apenas no complemento do verbo ou na estrutura interna de argumentos verbais³⁰.” Os pares de sentenças abaixo, retirados de Smith (1997, p. 4), exemplificam diferenças relacionadas ao traço [\pm télico], mostrando que a classe acional é composicional, construída com o verbo, argumentos de uma sentença e adjuntos:

- (19) a. *Edward smoked cigarettes.*
(Edward fumou cigarros)
b. *Edward smoked a cigarette.*
(Edward fumou um cigarro)
- (20) a. *Famous movie stars discovered that little spa for years.*
(Famosas estrelas de cinema descobriram aquele pequeno *spa* por anos)
b. *A famous movie star discovered that little spa.*
(Uma famosa estrela de cinema descobriu aquele pequeno *spa*)

²⁹ “Thus, while *draw a/ three/ several circle(s)* is an *accomplishment*, *draw circles* is again an activity, despite the presence of a direct object. Equally, although *John fell* is an *achievement*, *the stones fell on the road (all along the summer)* instantiates an activity. As the examples make clear, most predicates may have more than one actional classification. Moreover, the classification does not concern the bare predicate, but rather the different sets of contexts in which it may occur, specified (at least) in relation to the relevant arguments and to the structure of the relevant determiner phrases.”

³⁰ “The evidence comes from sentences of different situation types which differ only in complements of the verb or the internal structure of verb arguments.”

Em (19a), temos uma atividade, pois o DP plural na posição de argumento do predicado implica a multiplicação do evento. Conforme Smith (1997), *cigarettes* (cigarros) é uma quantidade incontável, portanto *smoke cigarettes* (fumar cigarros) se caracteriza como um evento [-télico], que pode se repetir indefinidamente. Em (19b), a realização do sintagma determinante junto ao nome (*a cigarette*) altera o aspecto do predicado, descrevendo um evento [+télico], especificamente um *accomplishment*: fumar um único cigarro tem um ponto final definido/específico, que corresponde ao momento em que o cigarro acaba.

No exemplo em (20a), o predicado *discover that little spa* (descobrir aquele pequeno spa) é interpretado como uma atividade devido à repetição do evento pelo emprego do plural *nu* – *Famous movie stars* (Famosas estrelas de cinema) – na posição de sujeito da sentença. Essa interpretação é reforçada pela expressão adverbial *for years* (por anos), na posição de adjunto.

O quadro 3 traz um resumo do que foi tratado nesta subseção:

QUADRO 3 – Resumo da subseção 2.1.1

Estratégias de serialização/multiplicação do evento
<ol style="list-style-type: none"> 1- Emprego de sintagmas nominais no plural e de sintagmas nominais genéricos na posição de sujeito superficial ou na posição de complemento do predicado encaixado; 2- Emprego de expressões adverbiais temporais como complemento (adjunto) do verbo encaixado.
Influência na classificação acional do predicado
<ol style="list-style-type: none"> 1- Estrutura argumental; 2- Estrutura dos sintagmas determinantes; 3- Características dos sintagmas nominais presentes nas sentenças; 4- Contexto; 5- Diferenças quanto ao traço [\pmtélico]; 6- Composição: verbo, argumentos e adjuntos.

2.1.2 Propriedades do complemento dos verbos aspectuais

Dentre os trabalhos que abordam a natureza das restrições de seleção dos aspectuais, o de Dascal (1982) destaca que o complemento subcategorizado por esses verbos precisa ter fases (ou estágios): “[...] o núcleo semântico da maioria das expressões consideradas neste trabalho reside na concepção de uma ação/processo/evento como divisível em fases.” (DASCAL, 1982,

p. 139). O autor defende que devemos levar em conta as propriedades do sintagma verbal que compõe o complemento em uma análise de construções com os verbos aspectuais.

Bertucci (2011, p. 93), ao relacionar os trabalhos de Dascal (1982) e Rochette (1999), observa que o que eles têm em comum “é a ideia de que verbos aspectuais, por expressarem um momento específico da eventualidade (o começo ou o fim, por exemplo) exigem complementos que tenham esses momentos identificáveis.” Já Freed (1979, viii) ressalta que a análise dos verbos aspectuais exige uma descrição das estruturas do complemento em termos de uma categoria semântica que caracteriza adequadamente a maioria dessas estruturas: “eventos”. Segundo a autora, “[...] eventos são descritos como constituídos por vários segmentos temporais diferentes; [...]”³¹ (FREED, 1979, viii, tradução nossa); e cada um dos verbos aspectuais referem-se a um ou outro dos segmentos dos eventos nomeados em seus complementos.

Eventos, assume Freed (1979), visto que ocorrem através do tempo, são compatíveis com uma análise dos verbos aspectuais devido a suas qualidades temporais; nessa perspectiva, argumentos que ocorrem com os aspectuais devem apresentar propriedades eventivas. A autora assinala que predicados estativos normalmente não ocorrem com verbos aspectuais porque não são equivalentes a eventos. Em relação aos *achievements*, somente ocorrem com os aspectuais aqueles que, ocasionalmente, permitem referência ao estágio inicial, a uma fase de transição ou ao andamento do evento. Estes são denominados predicados incrementais (BERTINETTO, 1986) ou *degree achievements* (BASSO & ILARI, 2004b). No exemplo de Freed (1979, p. 52): *The pond began to freeze last night* (A lagoa começou a congelar na noite passada), *freezing* (congelamento) é entendido como um processo que ocorre em um período de tempo, e não como uma transição instantânea, constituindo um predicado incremental. Logo, a referida classe pode expressar a telicidade de maneira gradual, incorporando no evento o traço [+durativo]. Dessa forma, tais predicados permitem a captura do momento ao qual o aspectual se reporta.

Na seção 2.2, definimos o aspectual inceptivo e observamos como reage às classes acionais, a fim de identificar o traço principal que esse aspecto requer do seu complemento. Na seção 2.3, nosso foco é investigar quais traços estão envolvidos na seleção do complemento dos verbos de aspecto continuativo. A seção 2.4 é dedicada às propriedades de seleção do aspectual interruptivo. Por fim, a seção 2.5 apresenta a discussão sobre a seleção de complemento dos verbos de aspecto completivo. Para encerrar, a seção 2.6 traz as considerações finais do capítulo, abordando quais traços cada um dos aspectuais estudados requer, aos quais oferece

³¹ “[...] events are described as consisting of several different temporal segments; [...]”

restrição e se há uma característica comum presente nos predicados das diferentes classes acionais que se combinam com os aspectuais *começar, continuar, parar, deixar, acabar e continuar*.

Procuramos, neste capítulo, esclarecer quais são os traços que um predicado precisa carregar para ocupar a posição de complemento dos aspectuais. Para isso, investigamos a relação entre o aspecto dos verbos aspectuais e o aspecto do complemento, identificando os traços/características relevantes requeridos por cada noção aspectual presentes nos complementos. Analisamos, através de perífrases verbais, em que os aspectuais aparecem com complemento InfP, a combinação de cada noção aspectual exibida pelos verbos *começar, continuar, parar, deixar, acabar e terminar* com as classes acionais de Vendler (1967) definidas no capítulo anterior.

2.2 ASPECTUAL INCEPTIVO

O aspectual inceptivo descreve o início de um evento, deixando subentendido o seguimento do processo: “indica claramente os primeiros momentos da ação, escapando-nos a duração sequente que é, todavia, pressentida pelo falante.” (CASTILHO, 1968, p. 62). No PB, ele é lexicalizado pelos verbos *iniciar, principiar e começar*. Destes, apenas *começar* admite um InfP e um DP na posição de complemento. Por isso, será analisado apenas o inceptivo *começar* em relação às restrições ao complemento. As sentenças em (21) permitem observar o comportamento desse verbo quando se combina com *accomplishments* e com *achievements*, respectivamente:

- (21) a. Pedro começou a arrumar o quarto.
b. *Maria começou a morrer.

A sequência (21a) é bem formada, com o *accomplishment arrumar o quarto* na posição de complemento do aspectual *começar*. Já a má-formação de (21b) sugere que esse aspectual não se combina com *achievements*. Predicados de *accomplishment* diferem de *achievements* pelo traço [durativo], enquanto os primeiros são [+durativos]; os últimos são [-durativos], o que pode explicar a diferença de gramaticalidade das sentenças em (21): os predicados [+durativos] admitem que o aspectual *começar* aponte o momento de início do evento (estágio inicial).

Smith (1997, p. 35, tradução nossa) defende que os eventos são entidades delimitadas (*bound*). “O ponto inicial é uma mudança a partir de um estado de repouso, o ponto final é uma

mudança para um estado de repouso, se o evento é [+télico] ou [-télico]³², mas essa argumentação só é válida para os eventos [+durativos]. Dascal (1982, p. 162) ressalta que os verbos pontuais não formam perífrases com *começar* por denotarem ações monolíticas, “nas quais é impossível distinguir temporalmente etapas.” O exemplo (22), extraído de Rech e Nascimento (2014, p. 242), entretanto, ilustra uma combinação do aspectual *começar* com um complemento *achievement* acompanhado de uma expressão adverbial locativa:

(22) Vettel começou a vencer a corrida com a ultrapassagem na última curva.

A sentença em (22) sugere que a ação seja encarada retrospectivamente, i.e, do ponto de vista da sua completção (DASCAL, 1982, p. 162). Dada ou suposta a completção, a ação passa a ser analisada como se tivesse etapas (fases), sendo possível distinguirmos o ponto (estágio) a partir do qual a vitória de Vettel começou a ser garantida³³. O adjunto *na última curva* pode, ainda, receber uma interpretação temporal, por abstratização: no momento de ultrapassagem. “As fases ou etapas iniciais consideradas retrospectivamente podem ser vistas não como fases da própria ação, mas sim como fases pré-iniciais, preparatórias, que com a ajuda da visão retrospectiva (*hindsight*) são percebidas como levando à ocorrência da ação. Esta sugestão tem a vantagem de preservar o caráter pontual dos verbos em questão.” (DASCAL, 1982, p. 163). O adjunto *com a ultrapassagem na última curva* pode, portanto, ser interpretado como o momento de referência que indica o início de uma fase preparatória para a vitória.

Basso (2004) aponta que a combinação de predicados transformativos³⁴ com o adjunto *em X tempo* se refere a uma ‘fase preparatória’ do evento, e não ao tempo transcorrido do início ao fim, exemplificando com a sentença a seguir (BASSO, 2004, p. 59):

(23) João achou a chave em 10 minutos.³⁵

³² “The initial endpoint is a change from a state of rest; the final endpoint is a change into a state of rest, whether the event is telic or atelic.”

³³ A professora Dra. Morgana F. Cambrussi, em correção de um artigo submetido à disciplina de Semântica Lexical ministrada por ela, chamou-nos a atenção para o fato de que o adjunto se torna temporal por abstratização: ‘no ponto de ultrapassagem’.

³⁴ Vendler (1967) classifica os predicados não-durativos como *achievements*; Basso (2004), assumindo a classificação de Bertinetto (1986, 1991, 2001), define três tipos de predicados não-durativos: transformativos, e-pontuais e s-pontuais. Os dois últimos se diferenciam dos transformativos por serem atélicos e não possuírem fase preparatória.

³⁵ Basso e Ilari (2004b, não paginado) trazem o exemplo *Paulo resolveu o problema em 20 minutos*, em que um adjunto do tipo *em X tempo* aparece com um *achievement*, referindo-se a fase preparatória associada pragmaticamente ao evento: “o que levou 20 minutos foi toda a ‘maquinação’ de Paulo em cima do problema, avaliando quais seriam as possíveis soluções, testando-as, etc., a resolução propriamente dita não leva tempo.”

A sentença (23) pode ser parafraseada por *João procurou a chave por 10 minutos até achá-la*, em que *em X tempo* mede o tempo que João ficou procurando pela chave. Nessa mesma linha de análise, o predicado *vencer a corrida*, em (22), pode ser interpretado como tendo uma fase preparatória, identificável através da combinação com a expressão *em X tempo*, em (24a), e com a perífrase progressiva, em (24b):

- (24) a. Vettel venceu a corrida em 10 minutos.
b. Quando Rubens entrou na pista, Alonso estava vencendo a corrida.

A sentença (24a) pode significar que, depois da ultrapassagem na curva, Vettel manteve-se na liderança da corrida durante dez minutos, até o ponto em que, de fato, venceu a corrida, ultrapassando a linha de chegada. A perífrase progressiva, em (24b), ressalta uma etapa da fase preparatória, que, neste caso, indica um estágio final da fase. Assim, a construção com *começar*, em (22), indica que o adjunto, *com a ultrapassagem na última curva*, marca o ponto de início/estágio inicial dessa fase preparatória do evento *vencer a corrida*.

Segundo Rochette (1999), sentenças adverbiais temporais licenciam *achievements* na posição de complemento dos aspectuais. No exemplo extraído de Rochette (1999, p. 156), em (25), a expressão adverbial *the day he understood that it did not matter* (o dia que ele entendeu que isso não importava) desencadeia a multiplicação do evento descrito na sentença, permitindo que o *achievement to arrive* (chegar) ocupe a posição de complemento de um aspectual:

- (25) *Jonh began to arrive late the day he understood that it did not matter.*
Jonh começou a chegar tarde o dia (que) ele entendeu que isso não importava.

Sentenças do PB equivalentes à do exemplo (25) nos permite supor que o elemento responsável pelo licenciamento do predicado na posição de complemento do aspectual não é a oração temporal em si, e sim o sintagma adverbial *late* (tarde). O momento de referência a partir do qual o evento tem início, indicado na oração adverbial temporal, não é requerido na estrutura, conforme depreendemos da boa formação de (26):

- (26) João começou a chegar tarde.

O sintagma *tarde* combinado com o aspectual seguido do predicado de *achievement chegar* está indicando a criação de um hábito, atribuindo, ao evento descrito na sentença, o traço

requerido pelo aspectual *começar*: [+durativo]. Esse evento passa, então, a ser interpretado como recorrente: *João frequentemente/sempre chega tarde*, caracterizando-se como um predicado de atividade. Assim como o complemento adverbial, a ocorrência de DPs plurais como sujeito ou complemento do verbo encaixado são responsáveis pela gramaticalidade de sentenças com o inceptivo *começar* em perífrases como a do exemplo (27):

(27) Ana começou a quebrar os vasos.

A sentença (27) é bem formada porque o sintagma *os vasos* está flexionado no plural, desencadeando, assim, a repetição do evento *Ana quebrar o vaso*. O processo de repetição desses eventos resulta da multiplicação do referente *o vaso*. A sentença significa que *Ana* pratica um evento (*quebrar vaso*) sucessivas vezes em um intervalo de tempo. Esse evento se repete até o limite (*bound*) da quantidade de vasos que podem ser quebrados. Neste caso, o predicado está denotando um *accomplishment*, pois carrega os traços [+durativo] e [+tético].

Constatamos, em análise de sentenças do PB, que, além do definido plural, o nominal nu atribui o traço [+durativo] aos predicados de *achievement* por meio da multiplicação do evento. Dessa forma, estes são licenciados na posição de complemento do aspectual *começar*. Observemos as sentenças do exemplo (28) a seguir:

(28) a. Ana começou a quebrar pratos depois da briga com o namorado.
b. Ana começou a quebrar prato depois da briga com o namorado.

Com o nominal nu (*pratos/prato*), o predicado na posição de complemento do aspectual *começar*, em (28a) e (28b), é interpretado como um evento recorrente. A repetição sem um ponto final natural, ou sem limites (*unbound*), marca o início de um hábito, de uma série de eventos de mesma natureza, compartilhando os traços [+durativos] e [-téticos]. Embora o nominal nu assuma a forma plural em (28a) e singular em (28b), essas sentenças não apresentam diferenças substanciais de significado. No PB, de acordo com Mezari (2013), as formas plural e singular são variantes do nominal nu em alguns contextos sintáticos³⁶. É importante notar que,

³⁶ Mezari (2013) lembra que o PB apresenta um sistema bastante rico de sintagmas nominais. Entre eles está o sintagma nominal nu. Como exemplos de SNs, a autora traz:

(i) *Flores* são cheirosas. (p. 12)

(ii) *Homem* é chorão. (p. 12)

(iii) João adora *laranja*. (p. 24)

O sintagma nominal *flores* na posição de sujeito, em (i), é chamado de plural nu. Em (ii), temos o singular nu (SNu) na posição de sujeito, o qual, segundo Mezari (2013, p. 12-13) “[...] é bastante particular no PB especialmente por, nessa língua, ocorrer sem muitas restrições e em diferentes posições sintáticas – diferente do

mesmo com morfologia de singular, o nominal nu, em (28b), recebe interpretação de DP plural e gera o efeito de repetição do evento.

Cabe ressaltar que a variação no emprego do nominal nu, ilustrada pelas sentenças do exemplo (28), não é recorrente em outras línguas. Conforme Mezari (2013), o PB não se insere em nenhum dos parâmetros propostos por Chierchia (1998) para os nominais. Mezari (2013, p. 36) apresenta as seguintes propriedades do PB: (i) contraste morfológico de singular e plural nos SNs e artigos, distinguindo-se de línguas [+arg, -pred], como o chinês e o japonês; (ii) ausência do determinante em alguns casos, distinguindo-se de línguas [-arg, +pred], como o francês e o italiano; e (iii) ocorrência de nominal nu singular, distinguindo-se de línguas [+arg, +pred], como o inglês e as línguas germânicas. Por fim, a autora observa que o PB permite tanto o plural nu quanto o singular nu em posição argumental.

As sentenças a seguir mostram o comportamento do aspectual *começar* com predicados de atividade:

- (29) a. O menino começou a estudar Matemática.
b. Júlia começou a dançar/correr/brincar.

A boa formação das sentenças do exemplo (29) revela que o aspectual *começar* forma sequência com predicados de atividade. O inceptivo marca o ponto de início da atividade, ou seja, o início de um processo em que qualquer uma de suas partes (subeventos) é da mesma natureza que o inteiro (VENDLER, 1967, p. 101). A boa formação dessa sentença é garantida pela presença do traço [+durativo] no predicado encaixado, o qual também garante a ocorrência dos verbos aspectuais quando os predicados semelfactivos aparecem em sequências repetitivas. Essa classe de predicados é acrescentada às quatro classes vendlerianas pela classificação de Smith (1997). Na sentença (30), *tossir*, um dos verbos citados por Smith que recebe essa classificação, é complemento do aspectual *começar*:

- (30) Mariana começou a tossir.

Os predicados semelfactivos, como *tossir* em (30), são diferentes dos *achievements* quanto ao traço télico: enquanto estes são [+télicos], aqueles são [-télicos]. As características comuns são que ambos são instantâneos e [+mudança]. Os semelfactivos são eventos de um

que se observa nas demais línguas românicas ou no inglês [...]. Em (iii), temos o singular nu na posição sintática de objeto.

único estágio (*single-stage*) e que têm a peculiaridade de ocorrerem em sequências repetitivas, gerando uma leitura de multiplicação do evento, como nas atividades, o que o torna compatível como complemento de *começar*. Essa leitura pode ser desencadeada por uma expressão adverbial, e.g., *Mariana bateu na porta por cinco minutos*.

Na combinação com predicados de estado, é importante observar as subdivisões dos estativos proposta por Bertinetto (1986; 1991). O exemplo (31) mostra algumas combinações de *começar* com predicados estativos:

- (31) a. Pedro começou a ter febre.
b. *Ana começou a ter três filhos.
c. ³⁷*Maria começou a ter olhos azuis.

Ter febre, em (31a), é marcado com o traço [+mudança], característico dos predicados não-tipicamente estativos, ou *stage-level*, descrevendo uma situação com propriedades transitórias (SMITH, 1997). Esses predicados formam sequência com aspectuais como *começar*. As sequências (31b) e (31c) ilustram como *começar* reage a predicados tipicamente estativos, ou *individual-level*, marcados com o traço [-mudança] e que não têm limites (*bound*) internos (SMITH, 1997). O aspectual inceptivo requer um evento dinâmico, indicando apenas o momento (estágio) em que a ação principia, mas que pode mudar durante seu seguimento (pode ser interrompida ou concluída). Neste caso, a restrição aos estativos parece se aplicar apenas aos predicados estativos marcados com o traço [-mudança]. Predicados tipicamente estativos são, em princípio, incompatíveis com “operadores aspectuais que requerem um *input* dinâmico³⁸” (CUNHA, 2005, não paginado, tradução nossa), como *começar* e *parar*. Um predicado tipicamente estativo não adquire características eventivas, não podendo ser coagido a processo (adquirir dinamicidade), comportando-se de forma consistente, como situações estáticas, independente do contexto de ocorrência (CUNHA, 2005), i.e, é classificado como [-fases]. Por isso, é esperado que predicados tipicamente estativos, ou, considerando-se a subclassificação proposta por Cunha (2005), predicados *individual-level* não-faseáveis, não se

³⁷ A sentença (31c) é bem formada com a expressão de um adjunto temporal, conforme: *Maria começou a ter olhos azuis a partir do 3º mês de vida*. Este adjunto indica o ponto de referência a partir do qual Maria passa a ter olhos azuis. Ele indica a mudança para a situação estiva: Maria teve a cor dos olhos definida a partir do 3º mês de vida. Desse momento em diante, o evento se torna estativo, permanente, estático e não sofre mais mudanças, pois o predicado *ter olhos azuis* não envolve um estado transitório. O aspectual *começar* se refere ao processo (progressivo) que antecede o limite, indicado pelo adjunto, para que a situação torne-se definitivamente estativa. (BASSO e ILARI, 2004a).

³⁸ “[...] *aspectual operators requiring a dynamic input*, [...]”

combinem com aspectuais. Contudo, há situações em que começar pode aparecer em sequência com predicados tipicamente estativos, como ocorre em (32):

- (32) a. “O Internacional começou a existir em 2006.” (Kleber, jogador do Grêmio, entrevista ao jornal ZH em 20/10/2012)
b. Ela começou a morar sozinha.
c. Irina começou a saber da história pela imprensa.

As sentenças em (32a), (32b) e (32c) são bem formadas, indicando que o início de uma situação estativa pode ser marcada. Em (32a), o aspectual inceptivo *começar* marca o ponto inicial da situação estativa que, como afirma Smith (1999, p. 32), constitui uma mudança de estado, em que o *Internacional* passa a *existir*. O adjunto *em 2006* indica o momento de referência, o qual localiza o início do estado de *existir* no tempo. Em (32b) e (32c), o aspectual indica o início de uma nova situação estativa. *Começar* demarca, nestes exemplos, a mudança de um estado (SMITH, 1999, p. 32): *morar com os pais* > *morar sozinha*; *não saber da história* > *saber da história*. Esses exemplos mostram que o aspectual inceptivo forma sequência com predicados tipicamente estativos se houver, no contexto da sentença, elementos indicadores do início de uma nova situação estativa.

Deste modo, concluímos esta seção observando que o traço principal requerido pelo aspectual inceptivo *começar* é o [+durativo]. Por serem eventos durativos, atividades e *accomplishments* permitem que o inceptivo assinale o início do evento (*initial endpoint*). Já *achievements*, que são eventos [-durativos], e predicados tipicamente estativos, com o traço [-mudança], não permitem referência a esse momento. Os predicados não-tipicamente estativos, que exibem os traços [+durativos] e [+mudança], têm todas as características para serem admitidos na posição de complemento de *começar*, assim como as construções em que há repetição de subeventos da mesma natureza que o evento maior, que pode gerar leitura genérica ou habitual. A multiplicação/repetição dos eventos atribui o traço [+durativo] aos predicados, tornando-os semelhantes às atividades, como ocorre com os semelfactivos, podendo formar sequência com *começar*. A boa formação das sentenças em (32) mostra que *começar* pode se combinar com predicados tipicamente estativos em contextos especiais, marcados, em que determinam o início de uma nova situação estativa, revelando que os predicados são sensíveis ao contexto. As sentenças parecem ser aceitáveis se avaliarmos o seu valor de verdade considerando o contexto (cf. CHIERCHIA, 2003). A seção seguinte dá continuidade à análise sobre os traços requeridos e restrições dos aspectuais, abordando o aspectual continuativo.

2.3 ASPECTUAL CONTINUATIVO

O aspecto continuativo é lexicalizado, no PB, pelo verbo *continuar*. “A ação é apanhada em seu pleno desenvolvimento, inexistindo preocupações em torno do princípio ou do fim do processo.” (CASTILHO, 1968, p. 69). Este admite, na posição de complemento, um sintagma gerundivo (GerP) e um infinitivo (InfP), conforme ilustramos em (33):

- (33) a. Natália continuou jogando futebol.
b. Natália continuou a viajar pela Europa.

Os dados em (33) mostram que o aspectual *continuar* destaca o andamento do processo em todas as ocorrências, carregando a informação aspectual de continuidade de um evento. A combinação com um complemento no gerúndio é uma confirmação de que podemos nos reportar não ao início ou ao fim de um processo, mas sim ao seu desenvolvimento, pois o gerúndio indica uma ação em curso, contínua. As sentenças em (34) mostram o comportamento do verbo *continuar* com predicados de *accomplishment* e de *achievement* na posição de complemento:

- (34) a. Pedro continuou a pintar o quadro.
a'. Pedro continuou pintando o quadro.
b. *Maria continuou a achar a chave do carro.
b'. *Maria continuou achando a chave do carro.

A sequência (34a) e (34a'), com um *accomplishment* na posição de complemento do verbo *continuar*, é bem formada. Porém, esse aspectual não se combina com *achievements*, conforme se depreende da agramaticalidade de (34b) e (34b'). Os *accomplishments* são predicados [+durativos], enquanto *achievements* são [-durativos]. A diferença nas sentenças com *accomplishments* e *achievements* se dá pelo traço [durativo]. O aspectual continuativo seleciona predicados [+durativos] para a posição de complemento. Mas, as sentenças em (35) trazem o predicado *achievement contaminar*, que é [-durativo], em combinação com o aspectual *continuar*:

- (35) a. O vírus da AIDS continuou a contaminar o homem heterossexual e a mulher.
b. O vírus da AIDS continuou contaminando o homem heterossexual e a mulher.

As sentenças em (35) são bem formadas devido à presença de DPs genéricos na construção – *o homem homossexual e a mulher*. Estes desencadeiam o fenômeno de multiplicação do evento, por se referirem à classe masculina homossexual e à feminina. O predicado descreve uma situação que se repete, é recorrente, conferindo-lhe o traço [+durativo]. Entre as construções com *continuar*, cabe apontar ocorrências como as de (36):

- (36) a. José Aldo continuou a ganhar a luta (mesmo depois de sofrer uma queda).
a'. José Aldo continuou ganhando a luta (mesmo depois de sofrer uma queda).
b. Os idosos continuaram a morrer nos asilos.
b'. Os idosos continuaram morrendo nos asilos.

A exemplo do que ocorre em (22), em (36a) e (36a'), temos um predicado classificado como transformativo por Bertinetto (1986, 1991, 2001). *Ganhar a luta* tem uma fase preparatória (todo o tempo da luta em si), e (36) parece estar se referindo a essa fase, e não ao tempo transcorrido do evento, que continua instantâneo, de um único ponto (estágio). A repetição do evento em (36b) e (36b'), é desencadeada por um DP plural na posição de sujeito da sentença e por um PP na posição de adjunto. Com esses sintagmas, o predicado *achievement morrer* recebe uma leitura durativa e é interpretado como uma atividade. O traço [+durativo], decorrente da multiplicação do evento *morrer*, permite a sua combinação com o aspectual *continuar*. No entanto, em (37), algumas diferenças no que diz respeito ao predicado podem ser notadas:

- (37) a. Mariana continuou a acordar às 7 horas.
a'. Mariana continuou acordando às 7 horas.
b. Jaqueline continuou a soluçar.
b'. Jaqueline continuou soluçando.

Em (37a) e (37a'), a combinação de *continuar* com o predicado *acordar às 7 horas* é possível por esse predicado descrever um evento que se repete diariamente, assinalando a manutenção de um hábito. “A interpretação habitual depende das informações na sentença e do conhecimento do mundo³⁹.” (SMITH, 1997, p. 35, tradução nossa). O predicado *soluçar*, em (37b) e (37b'), comporta-se como *tossir*, exemplificado em (30): ocorre em sequências repetitivas, aproximando-se das atividades pelo traço [+durativo], que lhe é atribuído pela multiplicação do evento. A seguir, observamos o comportamento de *continuar* quando forma sequência com atividades e com predicados tipicamente estativos:

³⁹ “The habitual interpretation depends both on information in the sentence, and on word knowledge.”

- (38) a. O menino continuou a lutar muay thai.
 a'. O menino continuou lutando muay thai.
 b. ⁴⁰Pedro continuou a amar Teresa.
 b'. Pedro continuou amando Teresa.

O aspectual *continuar*, que exige duratividade do complemento, forma sequência com predicados de atividade, em (38a) e (38a'), cujo desenvolvimento (estágios internos) consiste de subeventos de um evento maior, e de estado, em (38b) e (38b'). Destaca-se que *ama(r/ndo) Teresa*, em (38b) e (38b'), constitui um predicado não-tipicamente estativo, ou *stage-level*, que possui o traço [+mudança], recebendo uma interpretação não-estável, característica de processos. Em seguida, vejamos a formação com os predicados tipicamente estativos:

- (39) a. Ana continuou a saber inglês (depois de 10 anos de volta ao Brasil).
 a'. Ana continuou sabendo inglês (depois de 10 anos de volta ao Brasil).
 b. Joana continuou a ser alta (mas não o suficiente para ser tornar uma modelo).
 b'. Joana continuou sendo alta (mas não o suficiente para ser tornar uma modelo).
 c. O desemprego continua a situar-se em níveis inaceitavelmente elevados. (Comunicados de imprensa – Comissão Europeia)
 d. O Império Bizantino continuou a existir por quase mil anos. (Wikipedia: queda do Império Romano do Ocidente)

A aceitabilidade das sentenças em (39) mostra que o aspectual continuativo pode se combinar com predicados tipicamente estativos, ou *individual-level*, em contextos especiais. A combinação desse aspectual com tais predicados só é possível em contextos marcados, como os de (39), em que há elementos indicadores da continuação da situação estativa. O aspectual *continuar* descreve a continuidade de uma situação tanto em (39a) quanto em (39c). No primeiro caso, o conhecimento de *Ana* sobre a língua inglesa se mantém, mesmo depois de 10 anos de seu retorno ao Brasil; no segundo caso, *o desemprego* se mantém *em níveis inaceitavelmente elevados*. Em (39d), o aspectual *continuar* indica a permanência de uma situação por um determinado tempo, marcado na sentença pela expressão temporal *por quase mil anos*.

Nesse sentido, podemos considerar que as construções em (39) são aceitáveis se avaliarmos o seu valor de verdade através de uma classe de comparação que pode ser inferida no contexto (cf. CHIERCHIA, 2003). As sentenças (39b) e (39b') exemplificam de maneira satisfatória como alguns predicados tipicamente estativos podem ser sensíveis ao contexto: o

⁴⁰ Essa construção é bem formada no PB, contudo, é mais recorrente no Português Europeu (PE).

complemento do aspectual, em (39b) e (39b'), é formado por um predicado que tem como núcleo um adjetivo, diferindo dos demais exemplos de (39). Em semântica formal, adjetivos como *alto*, *baixo*, *pesado*, *inteligente*, *bom* “são sempre usados com referência implícita ou explícita a uma classe de comparação.” (CHIERCHIA, 2003, p. 314). A sentença *Joana é alta* é verdadeira se dissermos que ela tem 1m70 de altura, mas, se acrescentarmos que ela é uma jogadora de basquete, a avaliação da sentença pode ser mudada: *Joana é uma das jogadoras mais baixas da divisão em que joga*. Chierchia (2003, p. 313-314) afirma que *ser alto* muda o valor de verdade conforme o contexto: sempre que não houver nada explicitamente, esta classe precisa ser inferida no contexto para que possamos avaliar a sentença. O autor abrevia a forma lógica do adjetivo: *alta* “enquanto *F*, onde *F* indica a classe de comparação relevante.” (Ibid., p. 314). Adjetivos (predicativos) como *alto* são vagos, e seu valor de verdade é variável: quando dizemos que *Joana continua sendo alta, mas não o suficiente para ser tornar uma modelo*, temos uma classe de comparação e o valor de verdade da sentença pode ser avaliado.

Nesta seção, distinguimos a restrição do aspectual continuativo aos predicados de *achievement*, que, por serem de um único momento, não têm duração, são instantâneos. O traço requerido pelo aspectual continuativo é o [+durativo], aceitando, então, atividades, *accomplishments* e os predicados não-tipicamente estativos na posição de seu complemento. *Continuar* não requer necessariamente o traço [+mudança], podendo, por isso, combinar-se também com predicados tipicamente estativos, que não apresentam fases e “limites (*bound*) internos”, como alega Smith (1997). Situações genéricas, repetitivas, além das habituais, são muito comuns em construções com *continuar*, como vimos nos exemplos (35), (36) e (37), pois também carregam a duratividade que o aspectual exige.

2.4 ASPECTUAIS INTERRUPTIVOS

O aspecto interruptivo, lexicalizado pelos verbos *parar*, *deixar* e *interromper*, marca a interrupção do processo, a noção de acabamento perfeito e total da ação (CASTILHO, 1968, p. 90). Destes, somente *parar* e *deixar* admitem InfP e DP na posição de complemento. Nesta seção, passamos a verificar como os aspectuais interruptivos *parar* e *deixar* se combinam com as classes vendlerinas. As sentenças em (40) ilustram a combinação desses verbos com predicados InfP correspondentes a *accomplishment* e a *achievement*, respectivamente:

- (40) a. O rapaz parou/deixou⁴¹ de beber a taça de vinho.
 b. *O carro parou/deixou de atropelar o ciclista.
 c. *O alpinista parou/deixou de alcançar o topo da montanha.

A sentença (40a) revela que os aspectuais interruptivos formam sequência com predicados de *accomplishment*, que apresentam os traços [+durativo] e [+télico]. Já a sentença (40b) revela que esses verbos oferecem restrições a predicados de *achievement*, marcados com os traços [-durativo] e [+télico]. Considerando que o traço que diferencia esses predicados é o [durativo], é possível inferir que os aspectuais interruptivos selecionam eventos [+durativos], que têm o momento (estágio) em que foi interrompido identificável. Por descreverem eventos instantâneos, de um único ponto, os *achievements* impossibilitam que o ponto exato de início, interrupção ou fim de um evento seja identificado, não formando, desse modo, sequência com *parar* e *deixar*. O predicado na posição de complemento em (40c) também não se combina com os aspectuais que se reportam ao momento exato em que o evento *alcançar o topo da montanha* é interrompido. Como vimos nas duas seções anteriores, predicados como os de (40c) são [-durativos] mas apresentam uma fase preparatória, pré-inicial, permitindo que sejam marcados apenas o ponto de início, (22), e a continuação, (36a) e (36a') dessa fase. O acréscimo de um sintagma de conotação temporal, no entanto, atribui uma interpretação de repetição para o predicado de *achievement*, conforme se verifica em (41):

- (41) Joana parou/deixou de comparecer à reunião mensal.

O termo *mensal* é responsável pela leitura repetitiva que temos em (41). O predicado comporta-se como atividade, sugerindo que, dentro do evento maior de *comparecer à reunião*, tem-se vários subeventos, em que o mesmo evento se repete mensalmente. Os interruptivos em (41) indicam que *Joana parou de comparecer às reuniões que acontecem todo mês*. Seguindo esse mesmo raciocínio, quando *parar* e *deixar* aparecem acompanhados de *accomplishments*, como *limpar a casa*, parecem estar interrompendo uma série de realizações do mesmo evento, ou seja, os subeventos de uma eventualidade maior:

- (42) a. Marta parou/deixou de limpar a casa.
 b. Marta parou/deixou de passar a roupa.
 c. Marta parou/deixou de arrumar a cama. (HAMMES, 2013, handout)

⁴¹ A sentença (40a) com o verbo *deixar* também é possível com o sentido de negação, indicando a não-realização do evento. Nesta sentença, como nas sentenças (41), (42), (44b) e (44c) a seguir, não está sendo considerada essa conotação.

Os predicados *limpar a casa* (42a), *passar a roupa* (42b) e *arrumar a cama* (42c) configuram-se hábitos, e os interruptivos marcam a interrupção desses hábitos. É interessante observar a combinação desses aspectuais com a classe acional que envolve a aproximação gradual a uma meta, classificada por Bertinetto (1986) como incremental e por Basso e Ilari (2004b) como *degree achievements*:

- (43) a. Gabriela parou/deixou de engordar.
b. O nível da água parou/deixou de subir.

A referida classe, exemplificada em (43), acrescentada pelos autores com o objetivo de ampliar a classificação vendleriana, trata a telicidade de maneira gradual, o que destaca o traço [+durativo] da classe. A sentença (43a) significa que, a cada dia, *Gabriela* estava engordando um pouquinho a mais, até o momento em que decidiu fazer uma dieta, por exemplo, e parar de engordar. *O nível da água*, em (43b), continuava a subir cada vez mais, até ser interrompido antes de atingir o limite. Tais predicados, da mesma forma que os *accomplishments*, permitem a captura do momento ao qual o aspectual se reporta. O exemplo (44) mostra a combinação dos aspectuais interruptivos com predicados marcados por repetição do evento:

- (44) a. O carpinteiro parou/deixou de martelar.
b. Juliana parou/deixou de sentar à beira mar.
c. Maria parou/deixou de resolver os problemas.
d. Maria parou/deixou de resolver problemas.

Parar e deixar marcam a interrupção de um hábito ou de repetições do mesmo evento, como nas sentenças em (44). O semelfactivo, (44a), de acordo com a classificação de Smith (1997), por ter a peculiaridade de ocorrer em repetições, pode ter a sequência interrompida por *parar e deixar*. Os aspectuais em questão também interrompem uma atividade habitual, como a de *sentar à beira mar*, (44b), e ocorrem em construções em que o predicado é composto de DPs plurais, como em (44c) e (44d). Com o definido plural, em (44c), o predicado *resolver os problemas* caracteriza-se como *accomplishment*, trazendo os traços [+durativo] e [+télico]: a multiplicação do referente (*o problema*) gera a repetição do evento em um intervalo de tempo, até o limite (*bound*) da quantidade de *problemas* de acordo com o contexto. E com o nominal nu, (44d), o predicado *resolver problemas* caracteriza-se como atividade, conforme argumentado no exemplo (28) da seção 2.2.

O exemplo (45) ilustra a combinação dos aspectuais interruptivos *parar* e *deixar* com predicados de atividade e predicados de estado marcados com o traço [+mudança], ou seja, com os não-tipicamente estativos:

- (45) a. A fábrica parou/deixou de produzir/funcionar.
b. Fábio parou/deixou de confiar em Luíza.
c. Francisco parou/deixou de ser incrédulo.

A boa formação das sentenças em (45) revela que *parar* e *deixar* se combinam com predicados de atividade, (45a), e com predicados não-tipicamente estativos, (45b) e (45c). Ambos os predicados exibem os traços [+durativo] e [+mudança], permitindo que o aspectual marque o momento de interrupção do evento. Os predicados de estado que apresentam o traço [+mudança], de acordo com Cunha (2005), adquirem características eventivas. A sentença (46), a seguir, demonstra como os aspectuais interruptivos reagem a um predicado tipicamente estativo, que possui o traço [-mudança]:

- (46) *Siena parou/deixou de localizar-se na Itália.

A má-formação da sentença (46) resulta de um impedimento para que ocorra mudança, pois *localizar-se na Itália* não é um processo que possa ser interrompido. O predicado caracteriza-se como *individual-level*, contendo propriedades estáveis; e os aspectuais *parar* e *deixar* expressam interrupção de evento quando figuram com complemento InfP. Além dessa noção, *deixar* parece poder ser empregado também como uma espécie de operador de negação nesse contexto sintático, como se verifica nas sentenças do exemplo a seguir:

- (47) a. Pedro deixou de lavar a louça.
b. Pedro deixou de bater o carro/ligar o rádio/atender ao telefone.

A sentença (47a), em que *deixar* se combina com um *accomplishment*, é ambígua entre a expressão de interrupção do evento *lavar a louça* e sua não-realização. Em (47b), *deixar* pode indicar tanto a interrupção de uma série de eventos recorrentes quanto a não realização desses eventos. Neste último caso, não constitui predicado aspectual. Há casos, entretanto, em que *deixar* não denota aspecto interruptivo; ao se combinar com predicados de *achievement*, *deixar* pode ser empregado também como uma espécie de operador de negação, conforme (48):

(48) O menino deixou de estourar o balão.

Deixar não aciona leitura ambígua em (48). A única interpretação disponível para a sentença é a de não-realização do evento, significando que o evento *estourar o balão* não se realizou. *Deixar* parece comportar-se diferentemente do verbo *parar* também em contextos em que forma sequência com alguns predicados não-tipicamente estativos, como *ser gord(a)/magro(a)*, como mostra o contraste de gramaticalidade entre as sentenças em (49):

- (49) a. *Rita parou de ser gorda depois da dieta.
b. Rita deixou de ser gorda depois da dieta.

A má-formação de (49a) está possivelmente relacionada aos traços do predicado que ocupa a posição de complemento. Predicados não-tipicamente estativos como *ser gordo (a)*, *ser magro (a)*, *ser criança*, *ser médico (a)*, *ser casado (a)* são marcados com o traço [+mudança]; contudo, não exibem o traço [+fases]. Cunha (2005) classifica esses predicados como *stage-level* não-faseáveis⁴². O autor define fase como “um conceito predominantemente aspectual, que designa um período de tempo relevante com relação à mudança do perfil de eventualidade em que está envolvido. Uma situação completamente uniforme não tem fases ao longo da sua estrutura temporal interna⁴³.” (CUNHA, 2005, não paginado, tradução nossa). Predicados como *ser gordo(a)* não podem ser interrompidos ao longo de seu curso, não sofrem modificações, configurando um estado contínuo e uniforme, sem subfases ou subeventos que possam ser destacados do estado como um todo. Consideramos que essas propriedades explicam a restrição imposta pelo aspectual interruptivo *parar* a tais predicados, evidenciada na má-formação de (49a).

A boa formação da sentença com o interruptivo *deixar*, (49b), não impõe a mesma restrição à posição de seu complemento, combinando-se com predicados [+mudança] não-faseáveis, como *ser gordo(a)*. Isso é possível porque esses predicados descrevem propriedades transitórias, mesmo que estas não apresentem subfases. Smith (1999) descreve os estados como situações que podem durar por um momento ou por um intervalo de tempo. “O ponto inicial e final do estado não são parte do estado: eles são situações distintas, constituindo mudanças de

⁴² Cunha (2005) subdivide os estativos em *individual-level* não-faseável, *individual-level* faseável, *stage-level* não-faseável e *stage-level* faseável.

⁴³ “[...] a predominantly aspectual concept, which designates a relevant period of time with respect to the change of the eventuality profile it is involved in. A completely uniform situation has no phases along its internal temporal structure.”

estado⁴⁴.” (SMITH, 1999, p. 32, tradução nossa). A autora explica que os estativos requerem um agente externo para que ocorra mudança. Em (49b), o DP *Rita*, sujeito da sentença, não é o elemento desencadeador dessa mudança, e sim o DP *a dieta*, que está em posição de adjunto. Um predicado [-fases], por descrever uma situação uniforme, não permite referência ao momento de início, interrupção ou fim do evento. Por isso, não se combina com o interruptivo *parar*, que remete ao ponto exato em que o evento foi interrompido. Entretanto, esses predicados admitem uma mudança de estado, conforme descrito por *deixar* em (49b). A interpretação de (49b) é de que houve a interrupção do estado [*ser gorda*], marcando a mudança para outro estado [*não ser (mais) gorda*].

Deixar e *parar* diferem ainda em relação às restrições impostas a predicados tipicamente estativos como *ser brasileiro* e *existir*, conforme se depreende da diferença de gramaticalidade entre as sentenças em (50):

- (50) a. *Pedro parou de ser brasileiro (com a naturalização/com a anulação da naturalização).
b. Pedro deixou de ser brasileiro (com a naturalização/com a anulação da naturalização).
(BERTUCCI, 2011, p. 96)
c. *Os dinossauros pararam de existir há cerca de 65 milhões de anos.
d. Os dinossauros deixaram de existir há cerca de 65 milhões de anos.
(<brainly.com.br>)

O predicado tipicamente estativo, que não adquire características eventivas e é classificado como [-fases], não se combina com o aspectual que se refere ao momento de interrupção do evento: *parar*, como se verifica na agramaticalidade de (50a) e (50c). Em (50b), o aspectual *deixar* descreve uma situação de mudança de estado: *ser brasileiro* > *não ser (mais) brasileiro*. Em (50d), *deixar* também assume uma interpretação de mudança de um estado, indicando uma nova situação dos dinossauros. Essa interrupção do estado é localizada no tempo pela expressão *há cerca de 65 milhões de anos*. Embora descrevam propriedades estáveis de uma entidade e/ou indivíduo, predicados como os ilustrados em (50) são passíveis de mudança com uma motivação. Por exemplo, em (50b), *deixar* descreve a interrupção de uma situação estável, como *ser brasileiro*. Essa mudança é motivada, neste exemplo, por leis de desnaturalização.

Conforme vimos, os aspectuais interruptivos formam sequência com predicados de atividade, de *accomplishment* e com predicados não-tipicamente estativos. Os predicados

⁴⁴ “The initial and final endpoints of a state are not part of the state: they are distinct situations, constituting changes of state.”

compatíveis com os aspectuais interruptivos têm em comum os traços [+durativo] e [+mudança]. Ambos os traços qualificam predicados que se configuram hábitos, repetições do mesmo evento e aproximação gradual a uma meta para a posição de complemento do aspectual interruptivo. O destaque vai para o traço [+durativo], que permite marcar o momento de interrupção do evento, o que faz com que eventos [-durativos], como os *achievements*, sejam rejeitados na posição de complemento desses aspectuais. Os interruptivos oferecem restrições ainda aos predicados tipicamente estativos, por estes não exibirem o traço [+mudança], que garante a dinamicidade do evento, permitindo sua interrupção. Os aspectuais interruptivos selecionam complementos que sejam, portanto, durativos e dinâmicos.

Destacamos, ainda, que *deixar* pode expressar tanto interrupção de um evento quanto a sua não-realização. Isso ocorre quando esse verbo forma sequência com predicados de *accomplishment*, como ilustrado em (47a). Quando figura com certos predicados de *achievement*, *deixar* pode expressar interrupção de eventos recorrentes (hábitos), ou, ainda, indicar a não-realização destes, conforme (47b). Em contextos com *achievements* como *estourar o balão*, *deixar* aciona apenas a leitura de não-realização do evento. Por fim, esse verbo indica interrupção de evento também quando forma sequência com predicados não-tipicamente estativos [-fases] e com tipicamente estativos em contextos em que é expressa uma motivação capaz de desencadear uma mudança nesses predicados, conforme ilustrado em (50b).

Mesmo com as diferenças no comportamento do verbo *deixar* em relação a *parar*, acreditamos que os traços típico de eventos, [+durativo] e [+dinâmico], o qual implica necessariamente mudança (COMRIE, 1976), são fundamentais para que um predicado possa ocupar a posição de complemento de um aspectual interruptivo. Partimos para a última das quatro seções que expõem os testes dos aspectuais em estudo com perífrases verbais.

2.5 ASPECTUAIS COMPLETIVOS

Os verbos aspectuais indicadores da noção de término do evento são lexicalizados por *acabar*, *terminar* e *findar*. Destes, os que admitem como complemento um verbo infinitivo e um DP na posição de complemento são *acabar* e *terminar* apenas. As sentenças a seguir, com complementos InfPs, mostram como os completivos *acabar* e *terminar* reagem a predicados de atividade, (51a), e de estado, (51b) e (51c).

- (51) a. *Gustavo acabou/terminou de advogar.
b. *Maria acabou/terminou de ter olhos azuis/ser mãe de Ana.

c. *O Pedro acabou/terminou de ser inseguro.

A má-formação das sentenças em (51a), (51b) e (51c) revela que os aspectuais completivos reagem a predicados de atividade e a predicados de estado. Por envolverem a noção de término do evento, os completivos requerem um predicado que descreva um evento com culminância lógica, ou seja, que apresente o traço [+télico]. “Eventos télicos têm um ponto final natural, ou um limite intrínseco⁴⁵.” (SMITH, 1997, p. 19, tradução nossa). As atividades descrevem processos que não têm um ponto final natural ou delimitado; são, portanto, [-télicos], assim como todos os estados (tipicamente e não-tipicamente estativos). O exemplo (52), a seguir, mostra o comportamento dos completivos com predicados de *achievement* e de *accomplishment*, respectivamente:

- (52) a. O aluno acabou de entrar na sala de aula.
a'. *O aluno terminou de entrar na sala de aula.
b. Mariana acabou/terminou de redigir o projeto.

A sentença (52a) é possível com *acabar* indicando retrospectão do evento. Porém, não é bem formada com *acabar* indicando aspecto completivo, equivalente a *terminar*, noção que nos interessa investigar. O mesmo comportamento é observado na construção *Ana acabou de chegar/sair*. A sentença é malformada com o verbo *acabar* indicando aspecto completivo; entretanto, torna-se gramatical com *acabar* como um aspectual retrospectivo.

Os *achievements*, como em (52a) e (52a'), são [+télicos], mas descrevem eventos instantâneos, [-durativos], por isso não admitem que se faça referência ao momento correspondente ao término do evento. No entanto, com predicados de *accomplishment*, [+télicos] e [+durativos], é possível referir-se ao ponto que corresponde ao final do evento, conforme se depreende da boa formação de (51b). A partir disso, é possível inferir que os aspectuais completivos selecionam o traço [+durativo], além do traço [+télico].

Como indicadores de término de evento, os verbos *acabar* e *terminar* também aparecem em construções como (53):

- (53) As crianças acabaram/terminaram de desenhar.

Os completivos *acabar* e *terminar* se combinam com predicados como *desenhar*; (53),

⁴⁵ “[...] *telic events have a natural final endpoint, or intrinsic bound.*”

apenas se estes assumirem uma conotação de *accomplishment*, em que *acabar/terminar de desenhar* remeta a uma situação em que foi solicitado às crianças que fizessem um desenho. Neste caso, *desenhar* não constitui um predicado de atividade. Bertucci (2010, p. 51) realiza testes semelhantes com os aspectuais terminativos e conclui que “*terminar* forma boas sentenças ao lado de *accomplishments* ou exige leituras de *accomplishments* para determinadas situações.” Parece, portanto, ser o caso de os aspectuais completivos se combinarem somente “com predicados que tenham em sua estrutura temporal interna um ponto final logicamente definido: processos culminados e culminações.” (LUNGUINHO et al., 2007, p. 153). Os exemplos em (54) e (55), a seguir, reforçam tal afirmação.

- (54) a. Fábio acabou de bater na porta.
 a'. *Fábio terminou de bater na porta.
 b. *Fábio acabou/terminou de chegar atrasado.

Em (54a), a sentença é bem formada apenas com o verbo *acabar* indicando aspecto retrospectivo. Os completivos não operam sobre eventos repetitivos: tanto eventos atélicos que ocorrem em sequência, (54a) e (54a'); quanto repetições de eventos télicos, que configuram uma atividade habitual, (54b). O sintagma adverbial *atrasado*, responsável pelo efeito de repetição do evento, em (54b), confere o traço [+durativo] ao predicado, que passa a ser interpretado como um predicado de atividade; contudo, atividades se caracterizam como [-télicos]; logo, *chegar atrasado* não é licenciado como complemento dos completivos *acabar* e *terminar*.

No exemplo (55), o DP plural e o nominal nu, da mesma forma, atribuem duratividade ao predicado que, por constituir um predicado de *achievement*, (55a), não figura na posição de complemento dos aspectuais que indicam término de evento:

- (55)⁴⁶ a. *Fábio acabou/terminou de estourar o balão.
 b. Fábio acabou/terminou de estourar os balões.
 c. *Fábio acabou/terminou de estourar balões.
 d. *Fábio acabou/terminou de estourar balão.

O predicado encaixado com um DP plural na posição de complemento, *os balões*, em (55b), é interpretado como um *accomplishment*, conforme argumentamos nas seções 2.2 e 2.4 (ver exemplos (27) e (44c)), e, por isso, não recebe restrição dos aspectuais completivos,

⁴⁶ Neste exemplo e no exemplo (56) a seguir, consideramos para análise apenas *acabar* como aspectual completivo, indicando término de evento. *Acabar* como um aspectual retrospectivo não é nosso foco de investigação, por isso não ampliaremos a discussão.

podendo figurar como seu complemento. A agramaticalidade dos exemplos (55c) e (55d), com nominais nu, na forma plural e singular, na posição de complemento do predicado encaixado, resulta do fato de os predicados configurarem eventos recorrentes, sendo, portanto, [+durativos] e [-télicos].

As construções em (56) trazem predicados formados com DP genérico, (56a), e predicados classificados como transformativos, (56b), na posição de complemento de *acabar* e *terminar*:

- (56) a. *A humanidade acabou/terminou de ser sábia.
b. *Malala Yousufzai acabou/terminou de conquistar o prêmio Nobel da Paz.

Em (56a), o sintagma nominal *a humanidade* é um termo genérico que corresponde a classe dos seres humanos em geral, motivando a interpretação de repetição do evento por todos os membros da classe. Nesse sentido, exibe o traço [+durativo], mas não o [+télico]. A sentença (56b) mostra que predicados transformativos não se combinam com completivos. Apesar de ter uma fase preparatória – que, em (56b), envolve todas as coisas que *Malala* fez no decorrer do tempo que lhe garantiram a conquista do prêmio –, o predicado transformativo não pode ter marcado o momento exato em que o evento *conquistar o prêmio Nobel da Paz* atingiu seu ponto final.

A partir disso, destacamos que os aspectuais indicadores de término do evento, *acabar* e *terminar*, formam sequência apenas com predicados de *accomplishment*, como mostra a boa formação das sentenças (52b) e (55b). Esses aspectuais oferecem restrições a predicados de atividade e de estado, por não terem ponto final em sua estrutura temporal, e de *achievement*, por ser interpretado como um evento instantâneo [-durativo], impedindo, assim, que se aponte o momento do término do evento. Os testes que propomos permitem supor que os traços requeridos pelos completivos são [+durativo], [+mudança] e [+télico], necessariamente.

2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Ao longo deste capítulo, foi possível constatar que o aspectual inceptivo (*começar*) e os interruptivos (*parar* e *deixar*) selecionam um complemento marcado, necessariamente, com os traços [+mudança] e [+durativo]. *Começar* e *deixar* ainda podem figurar com predicados tipicamente estativos quando estes admitem a descrição de mudança de estado. Constatamos, ainda, uma diferença entre os aspectuais interruptivos *parar* e *deixar* em construções com

predicados estativos marcados com o traço [-fases]. O interruptivo *parar* não forma sequência com tais predicados; já *deixar* não oferece restrições a predicados estativos [-fases], indicando, nestes casos, a interrupção de uma situação, a qual marca a mudança de um estado para o início de outro. O aspectual *continuar*, por não remeter a um ponto específico do evento, não requer necessariamente o traço [+mudança], podendo, por isso, combinar-se também com predicados tipicamente estativos.

Para a classe dos aspectuais completivos (*acabar* e *terminar*), além dos traços [+durativo] e [+mudança], o traço [+télico] se mostrou relevante. Esse resultado revela uma restrição da classe dos aspectuais aos traços [-mudança] e [-durativo]. A restrição dos aspectuais a estativos e a *achievements*, apontada na literatura (LAMIROY, 1987; ROCHETTE, 1999), é resultante de sua restrição aos traços [-mudança] e [-durativo] e pode ser explicada pela incompatibilidade entre a noção de aspecto que expressam e o aspecto do complemento.

Apenas eventos [+durativos] permitem a captura de um determinado momento do evento, possibilitando a expressão de diferentes noções de aspecto: inceptivo, continuativo, interruptivo ou completivo. Embora os predicados de estado sejam marcados com o traço [+durativo], nem todos são admitidos na posição de complemento dos aspectuais, pois o traço [+mudança] também é importante. O traço [+mudança], que garante a dinamicidade do evento, está presente em predicados de atividade, *accomplishments*, *achievements* e na subclasse dos predicados de estado, denominados não-tipicamente estativos.

Lamiroy (1987), como destacamos na seção de introdução do capítulo, sugere estratégias que podem licenciar, na posição de complemento dos aspectuais, alguns predicados com traços aos quais os aspectuais oferecem restrição. Em nossos dados, constatamos que predicados com sintagma plural ou termo genérico ou, ainda, com o acréscimo de uma expressão temporal na sentença podem ser interpretados como atividades ou *accomplishments*. Se nenhum desses recursos for empregado, predicados *achievements* e tipicamente estativos não serão licenciados na posição de complemento dos aspectuais, por estes não se combinarem com eventos marcados com o traço [-durativo] e [-mudança], respectivamente.

No PB, constatamos que predicados transformativos e nominais nu também atuam como licenciadores de predicados de *achievement* na posição de complemento dos aspectuais. Bertinetto (1986, 1991, 2001) divide a classe dos *achievements* em três tipos e classifica como transformativos os predicados que têm uma fase pré-inicial, preparatória, entendida como um período de tempo que antecede a ação instantânea. Esses predicados podem ocorrer com os aspectuais inceptivo e continuativo, pois permitem a referência ao momento de início desta fase

preparatória e ao seu desenvolvimento até a realização do evento propriamente dito. Já o nominal nu atribui o traço [+durativo] aos predicados de *achievement*, que passam a ter leitura de atividade.

Essas considerações nos permitem reforçar que a combinação dos aspectuais ocorre com predicados eventivos que tenham os traços [+durativo] e [+mudança]. Dentre esses predicados, encontram-se os estativos que têm o traço [+mudança]. De acordo com Cunha (2005), estes predicados apresentam características eventivas. O autor faz algumas observações:

Nós vimos que, em circunstâncias apropriadas, existem alguns estados que se comportam como processos. Argumentamos, no entanto, que estas estruturas são basicamente estativas, sendo seu comportamento eventivo o resultado da aplicação de algumas possibilidades de coerção na Rede Aspectual (Aspectual Network) que levam a sua mudança (das estruturas estativas) em processos. Para validar esse tipo de análise, no entanto, será necessário descobrir alguns critérios que nos permitem identificar a classe de estativos propriamente dita, distinguindo-a claramente de eventos.⁴⁷ (CUNHA, 2005, não paginado, tradução nossa).

Com estrutura básica de estado, os predicados não-tipicamente estativos são coagidos a processos e passam a manifestar suas características inerentes, como o traço [+mudança], que inclui dinamicidade ao verbo, conferindo-lhe um comportamento eventivo. Cunha (1998, p. 4) assinala que esses estados recebem uma estrutura fásica, tornam-se [+faseáveis]. Fases são responsáveis por alguns tipos de dinâmica transformacional no curso de um situação, i.e, são capazes de produzir mudanças significantes.

Freed (1979) afirma, logo na introdução do seu livro, que uma análise dos verbos aspectuais exige uma descrição dos seus complementos, que são basicamente os eventos. A partir disso, ressaltamos que os predicados que se combinam mais facilmente com os aspectuais são os eventos que trazem consigo os traços [+mudança] e [+durativo], possibilitando a identificação de um momento específico da eventualidade.

O quadro 4 sintetiza os resultados do capítulo:

⁴⁷ “We have already seen that, in appropriate circumstances, there exist some states that behave like processes. We have argued, however, that these structures are basically stative, being their eventive behaviour the result of the application of some coercion possibilities in the Aspectual Network that lead to their change into processes. In order to validate this kind of analysis, however, it will be necessary to find out some criteria that enable us to identify the class of statives in its own right, distinguishing it clearly from events.”

QUADRO 4 – Combinação dos verbos aspectuais do PB com complementos InfPs

Verbos aspectuais	Classe acional que se combina	Traços que requer
Aspectual inceptivo (começar)	- Atividades - <i>Accomplishments</i> - Não-tipicamente estativos - Tipicamente estativos (contextos especiais) - Eventos repetitivos, hábitos	[+durativo]
Aspectual continuativo (continuar)	- Atividades - <i>Accomplishments</i> - Não-tipicamente estativos - Tipicamente estativos* - Eventos repetitivos, hábitos	[+durativo] *Não requer necessariamente o traço [+mudança], por isso, pode combinar-se com tipicamente estativos
Aspectuais interruptivos (parar e deixar)	- Atividades - <i>Accomplishments</i> - Não-tipicamente estativos - Eventos repetitivos, hábitos - <i>Deixar</i> : Tipicamente estativos (contextos especiais)	[+durativo] [+mudança] ou [+dinâmico]
Aspectuais completivos (acabar e terminar)	- <i>Accomplishments</i>	[+durativo] [+mudança] ou [+dinâmico] [+télico]

3 A NATUREZA DO COMPLEMENTO DOS ASPECTUAIS

3.1 INTRODUÇÃO

No capítulo 2, nossa análise revelou que os verbos aspectuais subcategorizam predicados infinitivos [+durativos] e [+dinâmicos]. A partir desses dados, pretendemos investigar a natureza do complemento nas construções em que os aspectuais subcategorizam InfP e DP. A discussão deste capítulo envolve a hipótese de que os InfPs e DPs admitidos nessa posição têm em comum os traços [+durativo] e [+mudança], e que, portanto, os aspectuais selecionam um complemento de natureza verbal. Essa hipótese vai ao encontro das propostas de Rochette (1999) e Cinque (1999; 2006). Para esses autores, os verbos aspectuais subcategorizam um único complemento de natureza verbal, que pode sofrer um processo de nominalização, assumindo a forma de um DP (cf. ROCHETTE, 1999). Neste caso, todas as construções envolvendo verbos aspectuais constituem estruturas de alçamento⁴⁸, como propõe Rochette (1999).

Em sua proposta, Rochette analisa as construções com esses verbos nas línguas românicas, com ênfase no francês, e considera, “na contramão de muitos estudos, o DP que figura na posição de complemento dos verbos aspectuais como nominalizações do predicado verbal requerido pelos aspectuais; ou, ainda, no caso de DPs concretos, que não podem ser considerados nomes derivados de verbo, a autora considera a existência de um complemento infinitivo implícito na construção.” (RECH, NASCIMENTO, 2014, p. 230). Com base nessa proposta, dedicamos este capítulo a uma análise mais detalhada dos verbos aspectuais do PB em estudo (*começar, continuar, parar, deixar, terminar e acabar*) em contextos que subcategorizam um complemento nominal (DP), correspondente ou não a verbos.

Para investigar as propriedades de seleção dos aspectuais quando figuram com um complemento DP, analisamos as combinações em quatro seções: na seção 3.2, discutimos a hipótese de que há um InfP implícito na estrutura; na seção 3.3, pretendemos evidenciar os traços presentes nos DPs, correspondentes ou não verbos, admitidos na posição de complemento dos aspectuais; e, por fim, na seção 3.4 descrevemos os resultados relacionados à natureza do complemento desses verbos.

⁴⁸ A hipótese relacionada à estrutura projetada pelos aspectuais é o assunto discutido no 4º capítulo.

3.2 COMPLEMENTO InfP IMPLÍCITO

Verbos aspectuais que subcategorizam um sintagma infinitivo (InfP) são considerados predicados funcionais, conforme argumentamos nos capítulos anteriores. De acordo com a literatura (AISSSEN & PERLMUTTER, 1976; RIZZI, 1982; BURZIO, 1986; CINQUE, 2006, ROCHETTE, 1999, entre outros), os predicados funcionais subcategorizam um único complemento, que deve ter natureza verbal e ser não-finito. Quando esses verbos aparecem em estruturas transitivas simples, em que DPs estão na posição de sujeito e de complemento dos aspectuais, como em (57a), temos um contra-argumento a essa classificação. Rochette (1999) defende que a interpretação de construções transitivas, com um DP concreto como complemento, indica a presença de um InfP oculto, nomeado “processo oculto” pela autora. As sentenças em (57) foram transcritas de Rochette (1999, p. 160):

- (57) a. *John begins a new book.*
(John começa um novo livro)
b. *John begins to write/read a new book.*
(John começa a ler/escrever um novo livro)

A interpretação de Rochette (1999) para a sentença (57a) indica um infinitivo implícito na posição de complemento do aspectual *begin* (começar). O exemplo (57b) sugere que o DP na posição de complemento do aspectual não é seu argumento, mas sim argumento do predicado infinitivo, que pode estar implícito na sentença, como ocorre em (57a). De acordo com a proposta de Rochette (1999), as sentenças (57a) e (57b) têm a mesma estrutura, visto que em ambas o aspectual *begin* (começar) seleciona um complemento infinitivo, implícito em (57a). O DP *John*, que figura na posição de sujeito superficial das sentenças, é argumento do verbo no infinitivo (*read/write*), tanto em (57b) quanto em (57a). Outro fator de destaque é que (57a) pode receber diferentes interpretações, mas estas devem ser são compatíveis com as restrições impostas por *begin* (começar), como mostram o exemplos de Rochette (1999, p. 160):

- (58) a. *John begins to write/read/illustrate/bind... a new book.*
(John começa a escrever/ler/ilustrar/encadernar ... um novo livro)
b. **John begins to own/find/win... a new book.*
(John começa a possuir/encontrar/vencer... um novo livro)

Os predicados implícitos obedecem às restrições de seleção de *begin* (começar) a predicados de estado e *achievement*, como sugere (58b). Rochette (1999, p. 159-160) explica

que a existência de exemplos como o de (57a) produz evidências em favor do mecanismo de seleção semântica, desenvolvido por Grimshaw (1979). Esta autora considera a existência de sentenças que exibem interrogações ou exclamações ocultas. Grimshaw (1979) analisa construções com complementos DP que são interpretadas como sentenças interrogativas e exclamativas indiretas. Os exemplos a seguir foram extraídos de Grimshaw (1979, p. 299):

- (59) a. *John asked the height of the building.*
(John perguntou a altura do prédio)
b. *John couldn't believe the height of the building.*
(John não podia acreditar na altura do prédio)

A formação em (59a) possui uma interpretação interrogativa, exibindo a mesma propriedade de indeterminância associada às interrogativas-*wh*⁴⁹, isto é, não informa qual a altura do prédio; e (59b) possui uma interpretação exclamativa, exibindo a característica de determinância dos complementos das exclamativas. Baker (1968 apud GRIMSHAW, 1979, p. 298) dá duas evidências de que os DPs em (59) devem ser analisados como variantes de sentenças interrogativas e exclamativas indiretas. Para verificar tais evidências, observamos os exemplos da interrogativa e da exclamativa na forma indireta, retirados de Grimshaw (1979, p. 299):

- (60) a. *John asked what height of the building was.*
(John perguntou qual era a altura do prédio)
b. *John couldn't believe what a height of the building was.*
(John não conseguia acreditar na altura que o prédio era)

A primeira evidência é de que os DPs estão na posição de complemento de predicados que ocorrem em sentenças interrogativas-*wh* e exclamativas-*wh*, conforme (60); a segunda é de que verbos como *ask* (perguntar) e *believe* (acreditar) impõem uma interpretação especial ao complemento, também encontrada nas construções com DPs. O complemento de (60a) é marcado pela presença do pronome interrogativo *what* (qual) e o verbo *to be* (ser), ocultos em (59a). Em (60b), o complemento é marcado por *what+a+adjetivo*, uma das características das exclamativas indiretas na língua inglesa, e pelo verbo *to be* (ser), ocultos em (59b). A estrutura sintática das construções (59) e (60) diferem: em (60), as interrogativas e exclamativas-*wh*, na posição de complemento, têm estrutura de sentença (AE+V(aux.)+AI); já as interrogativas e

⁴⁹ Esse termo é usado na língua inglesa para se referir aos pronomes interrogativos que iniciam com *wh* (*who*, *what*, *whose*, *when*, etc.), que correspondem aos pronomes interrogativos que iniciam com *qu* no PB (quem, qual, o que, quando, etc.)

exclamativas em (59) são DPs. Assim, à semelhança da hipótese do infinitivo implícito nas sequências em que os verbos aspectuais aparecem com um DP concreto como complemento, sentenças interrogativas e exclamativas podem estar ocultas numa construção com DP.

Em estudo sobre auxiliares e aspectualizadores, Wachowicz (2007, p. 227) assinala que os verbos aspectualizadores não precisam necessariamente estar em perífrases para operar sobre uma eventualidade. Nas ocorrências em sentenças simples, os aspectuais parecem manter a denotação de operadores sobre eventualidades. Wachowicz (2007, p. 231) propõe que a eventualidade pode estar incluída na informação lexical do complemento do aspectual. Pustejovsky (1991, p. 430) argumenta que a semântica lexical do verbo aspectual e as regras para a boa formação da sentença requerem que haja algum evento envolvendo o complemento. O autor exemplifica sua proposta com a sentença transcrita a seguir (PUSTEJOVSKY, 1991, p. 424):

- (61) *Jonh began a novel.*
(John começou um romance)

Semanticamente, o complemento do verbo *begin* (começar) normalmente é uma ação. Sintaticamente, quando o verbo aparece com um complemento que não é o que normalmente seleciona, pode ser uma subcategorização adicional. Semanticamente, Pustejovsky (1991) explica que são casos de coerção de tipo semântico, em que o verbo tem coagido o significado do sintagma em um tipo semântico diferente, convertendo para o tipo que é esperado para uma determinada função. Neste sentido, o autor define que o aspectual *begin*, em (61), exige que seu complemento seja um evento de transição, em conformidade com uma lógica que faz uso de tipos de evento (classes acionais). Para isso, o complemento tem que poder indicar algum tipo de mudança⁵⁰. O aspectual avalia quais eventos de transição podem estar associados ao DP. Pustejovsky (1991) sugere que há um sistema de relações que caracterizam a semântica dos nominais:

Eu chamei este de *Estrutura Qualia*, inspirado pela teoria da explicação de Aristóteles e ideias de Moravcsik (1975). Essencialmente, a estrutura qualia de um nome determina seu significado tal como a lista de argumentos determina o significado de um verbo. Os elementos que compõem uma estrutura qualia incluem noções como recipiente, espaço, superfície, figura, artefato, e assim por diante. (p. 426). [...] Nós podemos imaginar os papéis qualia como funções parciais da denotação de um nome

⁵⁰ A presença do traço [+mudança], como vimos no capítulo 2, é um dos critérios de seleção dos aspectuais.

em suas denotações subconstituintes⁵¹. (PUSTEJOVSKY, 1991, p. 429, tradução nossa).

O autor propõe os quatro papéis básicos que constituem a estrutura *qualia* do item lexical *novel* (romance), do exemplo (61), representando-os pelas expressões lógicas: *papel constitutivo* - narrativa; *papel formal* - livro; *papel télico* - ler e *papel agente* - escrever. Como o aspectual requer um evento de transição, ele tem duas opções com interpretação predicado-evento, sem quaisquer transformações sintáticas. A sentença (61) pode, então, receber duas interpretações óbvias, demonstradas nos exemplos de Pustejovsky (1991, p. 429):

- (62) a. *John began to read a novel.*
(John começou **a ler** um romance)
b. *John began to write a novel.*
(John começou **a escrever** um romance)

Os infinitivos, em (62), satisfazem a exigência do aspectual *begin* (começar) por um evento transitório envolvido no seu complemento, mesmo que implícito, como em (61). Nessa linha, analisamos, nas subseções seguintes, as combinações dos verbos aspectuais do PB em estudo com DPs concretos/natos na posição de complemento.

3.2.1 Aspectual inceptivo

Vejamos exemplos de ocorrências, no PB, de DPs concretos na posição de complemento do aspectual inceptivo *começar*:

- (63) a. Joana começou um novo quadro.
b. Angelina começou um novo filme.
c. Fabiana começou o enxoval do bebê.
d. Roberto Carlos começou uma música nova.

A interpretação das sentenças em (63) sugere o envolvimento de eventos nos complementos. A boa formação com o aspectual *começar* indica que sintagmas infinitivos podem estar implícitos. Seguindo a proposta de Rochette (1999), as sentenças têm a mesma

⁵¹ “I called this the *Qualia Structure*, inspired by Aristotle's theory of explanation and ideas from Moravcsik (1975). Essentially, the *qualia structure* of a noun determines its meaning as much as the list of arguments determines a verb's meaning. The elements that make up a *qualia structure* include notions such as container, space, surface, figure, artifact, and so on. (p. 426). [...] We can imagine the *qualia roles* as partial functions from a noun denotation into its subconstituent denotations.”

estrutura de quando *começar* subcategoriza um InfP como complemento. Pela estrutura de alçamento associada aos aspectuais, os DPs na posição de sujeito são argumentos dos verbos no infinitivo. De acordo com Pustejovsky (1991), esses eventos ocultos estão relacionados à semântica dos nominais. Com a realização dos InfPs implícitos, repetimos, em (64), as sentenças de (63):

- (64) a. Joana começou a *pintar* um novo quadro.
b. Fabiana começou a *fazer* o enxoval do bebê.
c. Angelina começou a *fazer* um novo filme.
d. Roberto Carlos começou a *cantar* uma música nova.

Compartilhamos com Rochette (1999) a ideia de que as construções em (63) e (64) têm a mesma estrutura. Os DPs *um novo quadro*, *o enxoval*, *um novo filme* e *uma música nova* são argumentos dos infinitivos *pintar*, *fazer*, *fazer* e *cantar* respectivamente, implícitos em (63). É importante assinalar que as construções com DP na posição de sujeito e de complemento de *começar* “parecem boas apenas quando o infinitivo implícito for facilmente recuperável” (RECH, NASCIMENTO, 2014, p. 231). Reconhecemos, nos exemplos (63b), (63c) e (63d), que mais ações podem envolver os DPs que estão na posição de complemento do aspectual inceptivo: como *preparar/comprar*, em (63b); *gravar/produzir*, em (63c); e *compor/gravar*, em (63d). As ações envolvidas podem estar relacionadas ao contexto em que as sentenças aparecerem, desde que respeitem as restrições de seleção impostas pelo aspectual inceptivo. *Começar* requer complementos com os traços [+durativo] e [+mudança], como apontamos no capítulo 2.

3.2.2 Aspectual continuativo

As sentenças a seguir mostram que o aspectual continuativo comporta-se como *começar* em relação às propriedades de seleção do complemento:

- (65) a. José continuou as suas esculturas.
b. Julia continuou o artigo.

Os InfPs implícitos nas estruturas de (65) são facilmente recuperáveis: em (65a), podemos ter os infinitivos *fazer/construir/restaurar* e, em (65b), os infinitivos *ler/escrever*. Os DPs que ocupam a posição de complemento de *continuar* são, portanto, argumentos desses

predicados. A realização dos InfPs não é determinante para a construção do sentido das sentenças, o qual se estabelece na relação entre os DPs *José/Julia, as suas esculturas/o artigo* e o verbo aspectual *continuar*. Supomos que um evento está envolvido na relação entre os DPs e respeita a seleção de eventos [+durativos] exigida pelo aspectual continuativo.

3.2.3 Aspectuais interruptivos

Em (66), ilustramos combinações dos aspectuais interruptivos com complementos DPs concretos. Essas combinações sugerem um InfP implícito na estrutura:

- (66) a. Laura parou/deixou os remédios.
b. Junior parou a academia.
c. Junior deixou a academia.

As sequências em (66) são boas com o aspectual *parar* e *deixar* indicando interrupção de evento. A interpretação das sentenças permite que os InfPs implícitos sejam reconhecidos com facilidade: *tomar*, em (66a), e *frequentar*, em (66b) e (66c), ou, de acordo com um contexto envolvido, *prescrever/receitar...* em (66a). Os traços [+durativo] e [+mudança], requeridos pelos interruptivos, são característicos dos predicados que se formam com os verbos implícitos. *Tomar os remédios* e *frequentar a academia* são eventos que têm duração e que podem sofrer uma mudança, por isso podem ser interrompidos.

A sentença (66c), com o verbo *deixar*, apresenta ambiguidade entre uma leitura aspectual, em que o evento está sendo interrompido, e uma leitura lexical, de abandono (abdição, renúncia). Com sentido lexical, *deixar* indica abandono de um lugar (*a academia*). Neste caso, a interpretação da sentença não sugere um InfP implícito na estrutura. Já (66a) não revela ambiguidade na interpretação com o verbo *deixar*; sinaliza apenas leitura interruptiva. Para uma leitura lexical em (66a), a sequência com *deixar* precisa de dois argumentos internos: abandono de algo em algum lugar (locativo), por exemplo, *Laura deixou os remédios em casa*.

Em muitos casos, *deixar* é empregado apenas como predicado lexical e projeta uma estrutura transitiva, selecionando argumentos externo e interno, conforme ilustram as sentenças em (67)⁵²:

- (67) a. Pedro deixou a esposa.

⁵² *Deixar* como verbo lexical não é nosso foco de investigação, por isso não ampliaremos a discussão desses casos.

- b. A professora deixou que os alunos saíssem cedo/os alunos saírem cedo.
- c. A babá deixou João na escola.

Em (67a), o verbo *deixar* é equivalente a *abandonar*. Com esse emprego, *deixar* seleciona argumento externo (*Pedro*) e interno (*a esposa*), atribuindo-lhes papel temático de agente e de tema, respectivamente. Em (67b), esse verbo assume uma conotação de *permissão, consentimento*, requerendo também argumento externo (*A professora*) e argumento interno (*que os alunos saíssem/os alunos saírem*), marcando-os com papel temático de agente e de tema, à semelhança de (67a). Em (67c), *deixar* significa *largar* e seleciona, além de um agente para a posição do argumento externo (*A babá*), dois argumentos internos: um tema (*João*) e um locativo (*na escola*).

3.2.4 Aspectuais completivos

Finalmente, consideramos formações de *acabar* e *terminar* com DP nato/concreto na posição de complemento. As propriedades de seleção dos aspectuais completivos, assim como as dos inceptivos, continuativos e interruptivos, parecem ser as mesmas de quando formam perífrases. Vejamos os exemplos em (68):

- (68) a. Fátima acabou/terminou o vestido.
- b. Maria acabou/terminou os docinhos.
- c. Júlio acabou/terminou a casa nova.

Entre as ações lógicas relacionadas ao nome vestido, (68a), temos os InfPs *vestir, provar, experimentar, colocar, fazer, costurar, remendar, cortar*, entre outras. Mas, ao relacionarmos os DPs *Fátima* e *o vestido* com os aspectuais completivos *acabar* e *terminar*, identificamos mais facilmente, fora de qualquer contexto, o infinitivo *fazer*, formando o evento *fazer o vestido*. Os eventos também envolvem o infinitivo implícito *fazer* na sentença (68b) e *fazer/construir* em (68c). A interpretação das sentenças evidencia que as restrições impostas pelos completivos é respeitada. Os aspectuais completivos formam sentenças com predicados que, além dos traços [+durativo] e [+mudança], carregam o traço [+télico]. É o que assinalamos nos predicados formados com os infinitivos implícitos: *fazer o vestido, fazer os docinhos* e *fazer a casa nova* são processos que têm culminância, um ponto final delimitado.

3.2.5 Considerações da seção

As sentenças do exemplo (69), a seguir, parecem ratificar a hipótese de que os verbos aspectuais em análise não selecionam um DP como complemento, e sim um InfP. O infinitivo pode ficar implícito na estrutura quando for facilmente depreensível. Nos casos de (69), a realização do infinitivo é determinante para a precisão do sentido e a boa formação das sentenças.

- (69) a. ??Maria começou/continuou/parou/deixou⁵³/acabou/terminou o zoológico.
b. ??Joana começou/continua/parou/deixou/acabou/terminou uma borboleta.

Nestas sentenças, elaboradas a partir de Rech e Nascimento (2014, p. 231-232), os infinitivos implícitos podem corresponder a verbos como *percorrer, admirar, elogiar, criticar, fotografar, filmar, pesquisar...*, em (69a); e *caçar, dissecar, bordar, pintar, desenhar*, dentre tantos outros, em (69b). O sentido das sentenças em (69) não pode ser depreendido, pois as opções de evento são muitos e diversificadas. A imprevisibilidade do infinitivo implícito é o que marca a diferença de aceitabilidade entre as estruturas de (69) e aquelas exemplificadas em (63), (65), (66) e (68): as construções são bem formadas somente quando o infinitivo implícito for facilmente recuperável. (RECH, NASCIMENTO, 2014, p. 231).

Os exemplos de (63) a (69) permitem supor que o DP na posição de complemento de um aspectual é argumento do infinitivo subcategorizado pelo aspectual, e não seu argumento. Esses dados do PB reforçam a hipótese de que os aspectuais são predicados funcionais quando subcategorizam um infinitivo, mesmo que implícito, e a de que oferecem restrição ao aspecto do seu complemento, combinando-se com eventos que exibem os traços [+mudança] e [+durativo].

Na próxima seção, continuamos investigando a natureza do complemento dos aspectuais em contextos nos quais se combinam com DPs correspondentes a verbos, que sofreram um processo de nominalização, de acordo com Rochette (1999). Na sequência da seção, consideramos para estudo construções com DPs sem correspondência com formas verbais.

⁵³ *Deixar* tem leitura ambígua: como aspectual interruptivo, a sentença com *deixar* é agramatical; no entanto, com interpretação lexical, de abandono (de um lugar), forma boa sequência.

3.3 COMPLEMENTO DP

A nossa análise do comportamento dos verbos aspectuais ressalta que o complemento subcategorizado pelos aspectuais precisa ter natureza verbal, mesmo nos casos em que os aspectuais aparecem com DPs concretos, quando um InfP parece estar implícito. Essa restrição indica um critério de seleção dos aspectuais. Como já mencionado, Rochette (1999) afirma que os aspectuais selecionam semanticamente um processo, como nas construções que envolvem nominalizações na posição de complemento:

- (70) a. *John began the reading of the book.* (ROCHETTE, 1999, p. 160)
(João começou a leitura do livro)

O DP que figura na posição de complemento do aspectual *begin* (começar), em (70), corresponde à forma nominalizada do complemento infinitivo *read* (ler). Rochette (1999) propõe que, nesses casos, as sentenças envolvem um processo nominal: as formas nominalizadas, à semelhança das formas infinitivas, exibem a noção de processo, propriedade semântica requerida pelo aspectual ao seu complemento. Por isso, para a autora, nominalizações como as de (70) não devem ser interpretadas como DPs natos, por terem traços do verbo. O sintagma *Jonh*, em (70), corresponde ao sujeito do processo *the reading of the book* (a leitura do livro), conforme a autora.

Nossa hipótese para esse caso é de que os aspectuais se combinam basicamente com eventos que trazem consigo os traços [+mudança] e [+durativo]. As nominalizações deverbais mantêm esses traços característicos de processos e, por isso, podem aparecer na posição de complemento dos verbos aspectuais. É importante considerar também os casos em que os aspectuais subcategorizam DP sem correspondência com uma forma verbal, mas que ainda podem denotar um evento, como em (71):

- (71) a. Terminaram as aulas.
b. Começou a tempestade.

Os DPs *as aulas*, em (71a), e *a tempestade*, em (71b), não correspondem a verbos, por conseguinte, não constituem casos de nominalizações deverbais. Entretanto, esses nomes apresentam características de evento, exibindo os traços [+durativo] e [+mudança].

3.3.1 DP correspondente a verbo

Rochette (1999) argumenta que os verbos aspectuais selecionam a categoria semântica processo e que esta se realiza ou como uma projeção verbal ou nominal. Consideramos, à semelhança da autora, que o DP correspondente a verbo que figura na posição de complemento dos aspectuais exibe os traços [+durativo] e [+mudança], característicos de processos. Se essa hipótese estiver correta, é esperado que as restrições aos predicados de natureza verbal marcados com os traços [-durativo] e [-mudança] se estendam aos nomes correspondentes. O exemplo (72) mostra aspectuais do PB com DP correspondente a verbo na posição de seu complemento:

(72) Júlia começou/continuou/parou/deixou/acabou/terminou a limpeza do auditório.

O DP correspondente à forma nominalizada do infinitivo *limpar* pode figurar na posição de complemento dos aspectuais do PB em estudo, conforme a boa formação de (72). A nominalização é “um fenômeno morfológico que consiste na formação de nomes a partir de verbos⁵⁴.” (ROCHA, 1999, p. 9). O nome correspondente a verbo pode ter o sentido de “ato, efeito, processo, fato, resultado, estado, evento ou modo de X⁵⁵” (GUNZBURGER, 1979 apud ROCHA, 1999, p. 9). Rocha (1999) assinala que, mesmo a forma nominalizada apresentando significações diversas, o significado mais constante, e que pode sintetizar o componente semântico dessa regra, é o de “ato de X⁵⁶”. Então, ao se referirem ao “ato de X”, os DPs carregam traços do verbo, ou seja, continuam envolvendo uma ação, um processo. Segundo Basílio (2004, p. 53), o significado nuclear dos nomes de ação se mantém basicamente como verbal. Conforme a autora, as funções dos nomes de ação derivados de verbo são as seguintes:

Nomes de ação deverbais apresentam sobretudo função gramatical, isto é, são formados com o objetivo de utilização da noção verbal em contextos sintáticos que exigem um substantivo. Nesta função, virtualmente todos os verbos apresentam um substantivo deverbal correspondente. Mas substantivos deverbais também podem ter motivação denotativa, ou seja, também podem ser formados com o objetivo de denotar seres, processos, eventos, situações, etc. a partir da noção verbal. (BASÍLIO, 2004, p. 54).

⁵⁴ Rocha (1999), tendo Basílio (1980) como referência, destaca que, fora do âmbito da morfologia lexicalista, o termo nominalização pode levar a interpretações ambíguas: “uma vez que o significado previsível desse item é simplesmente o de ‘processo de nominalizar’. Ora, em jogador, fabricante e lavatório, por exemplo, deparamos também com nomes formados a partir de verbos. Trata-se, portanto, neste caso, de nominalização *lato sensu*. Neste trabalho, estamos considerando apenas a nominalização *stricto sensu*.” (p. 9).

⁵⁵ Essa denominação de Gunzburger (1979) caracteriza o que Rocha (1999) chama de nominalização *stricto sensu*.

⁵⁶ O X é o verbo que constitui a base do processo.

Nesse sentido, uma forma nominalizada pode apresentar, como chama Rocha (1999), “extensões de sentido”, que correspondem às diferentes maneiras de interpretação. Essa “multiplicidade de interpretações possíveis de caráter pré-determinado numa forma linguística” (cf. BASÍLIO, 2004, p. 56) é chamada de polissemia sistemática.

Tendo em vista que a polissemia sistemática está presente na formação de substantivos deverbiais de ação, analisamos a interpretação das nominalizações na posição de complemento dos aspectuais. Avaliamos, nas subseções a seguir, se o critério de seleção dos aspectuais do PB permanece o mesmo nessas construções.

3.3.1.1 Aspectuais inceptivo e continuativo

As sentenças abaixo nos permitem observar como os aspectuais inceptivo e continuativo reagem a um complemento de natureza nominal que corresponde a um predicado de *accomplishment*, em (73a), e de *achievement*, em (73b):

- (73) a. O pedreiro começou/continuou a reforma da casa.
b. *Maria começou/continuou a morte.

A boa formação da sentença em (73a), em contraste com a agramaticalidade de (73b), nos permite supor que os aspectuais *começar* e *continuar* selecionam, necessariamente, um complemento [+durativo]. Os DPs *a reforma da casa* e *a morte*, que figuram na posição de complemento dos aspectuais em (73), correspondem às formas nominalizadas dos predicados de *accomplishment* e *achievement*, *reformular* e *morrer*, respectivamente. Seguindo o que assume Rochette (1999), os DPs *O pedreiro*, em (73a), e *Maria*, em (73b), correspondem aos agentes dos processos *reforma* e *morte*, respectivamente. O comportamento dos aspectuais sugere que o traço [+durativo] é passado aos nomes formados a partir desses verbos. A evidência para essa suposição está no fato de os aspectuais *começar* e *continuar* oferecerem aos nomes na posição de seu complemento as mesmas restrições que oferecem aos verbos correspondentes.

Esses dados mostram que os aspectuais *começar* e *continuar* não oferecem restrições a nomes correspondentes a predicados de *accomplishment*, como em (73a), mas oferecem restrições a nomes correspondentes a *achievements*, como em (73b). Entretanto, há casos em que os aspectuais inceptivo e continuativo admitem DPs correspondentes a *achievements* na posição de seu complemento, conforme se depreende da boa formação das sentenças a seguir:

- (74) a. Malala Yousufzai começou a conquista do prêmio Nobel da Paz (ao defender o direito das meninas à educação).
b. O bandido continuou a explosão de um caixa eletrônico no centro da cidade.

As sentenças em (74) são bem formadas, mesmo com um *achievement* na posição de complemento dos aspectuais *começar*, em (74a), e *continuar*, em (74b). Isso ocorre porque os DPs *a conquista do prêmio Nobel da Paz* e *a explosão de um caixa eletrônico* passam a ser analisados como predicados com fases preparatórias. Estas acarretam a realização do evento, que, em si mesmo, é interpretado como pontual. A leitura de fases atribuí aos *achievements a conquista do prêmio Nobel da Paz* e *a explosão de um caixa eletrônico* uma interpretação durativa, o que os licencia na posição de complemento dos aspectuais inceptivo e continuativo.

As sentenças em (75) ilustram a combinação dos aspectuais inceptivo e continuativo com nomes correspondentes a predicados de atividade e tipicamente estativos, respectivamente. O comportamento desses predicados nessas sentenças ratifica a hipótese de que verbos e nomes compartilham os mesmos traços:

- (75) a. Pedro começou/continuou a brincadeira.
b. *O menino começou/continuou a posse da casa.
c. *O professor começou/continuou a sapiência em latim.

A combinação dos aspectuais inceptivo e continuativo com o DP correspondente ao predicado de atividade *brincar*, em (75a), é possível por o nome *brincadeira* conter o traço [+durativo], requerido tanto por *começar* quanto por *continuar*. A má-formação de (75b) e (75c) revela que predicados aspectuais reagem a DPs correspondentes a predicados tipicamente estativos na posição de seu complemento. Os nomes *posse* e *sapiência*⁵⁷ descrevem estados marcados com o traço [-mudança], assim como os verbos tipicamente estativos dos quais derivam: *possuir* e *saber*. A ausência de características de processo, como a dinamicidade, tanto nos verbos quanto nas formas nominalizadas, impede que o aspectual se refira a uma fase específica, como o início, ou ao andamento da situação estativa.

O aspectual *continuar* é o único que pode se combinar com nomes derivados de predicados tipicamente estativos, exatamente por indicar que o estado descrito na sentença não sofreu mudança, está em curso, conforme ilustrado a seguir:

⁵⁷ A má-formação das sentenças (i) e (ii), a seguir, indicam que, não apenas *começar* e *continuar*, mas também os demais aspectuais oferecem restrições a nomes derivados de predicados tipicamente estativos, provavelmente devido à ausência, nestes, do traço [+mudança] (e [+télico] no caso dos aspectuais completivos):

- (i) *O menino parou/deixou/acabou/terminou a posse da casa.
(ii) *O professor parou/deixou/acabou/terminou a sapiência em latim.

- (76) a. Já nos outros países *continuou* a permanência de sociedades escravocratas. (Guia do estudante. História – Brasil Império – 10 questões)
b. *Continuou* a existência do aborto clandestino, [...]. (*Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 79, 2007, p. 153-158. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/740>>).

Tanto em (76a) quanto em (76b), o aspectual *continuar* está formando sequência com nomes correspondentes a predicados tipicamente estativos: *permanência* e *existência*. Estes mantêm os traços [+durativo] e [-mudança] dos predicados de natureza verbal, *permanecer* e *existir*, dos quais derivam. Devido à ausência de dinamicidade, esses nomes são rejeitados na posição de complemento dos demais aspectuais, combinando-se apenas com *continuar*, que não remete a um ponto específico do estado descrito na sentença.

Em oposição ao tipicamente estativo, o predicado não-tipicamente estativo carrega traços característicos de processo. Os exemplos (77) e (78) mostram como os aspectuais *começar* e *continuar* reagem a predicados não-tipicamente estativos e suas formas nominalizadas:

- (77) a. Pedro começou a/continuou a sofrer pelo Campeonato Brasileiro.
b. Mariana começou a/continuou a preocupar-se com o filho.
- (78) a. Começou/continuou o sofrimento do Pedro pelo Campeonato Brasileiro.
b. Começou/continuou a preocupação da Mariana com o filho.

Os nomes que ocupam a posição de complemento dos aspectuais em (78) correspondem a verbos que descrevem os mesmos estados psicológicos em (77). Os aspectuais inceptivo e continuativo reagem da mesma forma a predicados de natureza verbal e nominal na posição de seu complemento, pois os traços do predicado verbal são estendidos aos nomes correspondentes.

3.3.1.2 Aspectuais interruptivos

Se os traços do predicado verbal são, de fato, estendidos aos nomes correspondentes, é esperado que os aspectuais interruptivos reajam da mesma forma a predicados de natureza verbal e nominal na posição de seu complemento. A seguir, exemplificamos o comportamento dos aspectuais *parar* e *deixar* em construções com complementos DPs correspondentes a predicados de *accomplishment* e de atividade:

- (79) a. O delegado parou/deixou a investigação do assassinato.
b. Joana parou/deixou o tratamento da sinusite.
c. Usain Bolt parou/deixou a corrida.
d. José Aldo parou/deixou a luta.

As sentenças em (79a) e (79b) são bem formadas com os aspectuais *parar* e *deixar*, evidenciando que DPs correspondentes a predicados de *accomplishment* podem figurar como complemento do núcleo aspectual interruptivo. As sentenças (79c) e (79d), com os DPs *a corrida* e *a luta*, são interpretadas como a interrupção de uma competição/disputa esportiva e como a interrupção de um combate/duelo, respectivamente. Ambas as nominalizações mantêm a noção verbal e os mesmos traços de processo, [+durativo] e [+mudança], dos verbos de atividade aos quais correspondem: *correr* e *lutar*, respeitando as exigências de seleção dos aspectuais interruptivos.

O exemplo (80) ilustra o comportamento dos verbos aspectuais *parar* e *deixar* em contextos em que subcategorizam um complemento nominal correspondente a predicados de *achievement*:

- (80) a. *Joana parou/deixou a perda da chave.
b. *A criança parou/deixou o estouro do balão.

A má-formação das sentenças em (80) mostra que os aspectuais reagem a nominalizações de predicados de *achievement*. De acordo com nossa hipótese, isso ocorre porque os traços [-durativo] e [+mudança], presentes nos predicados *perder* e *estourar*, são passados aos nomes formados a partir destes: *perda* e *estouro*.

As sentenças do exemplo (81) indicam que os aspectuais interruptivos também admitem um DP como complemento quando este corresponde a um nome derivado de predicado não-tipicamente estativo:

- (81) a. A cabeça de Maria parou/deixou de doer.
b. Parou/*deixou a dor de cabeça de Maria.

A interpretação da sentença (81a) sugere que a situação estativa descrita pelo predicado *doer*, marcado com os traços [+durativo] e [+mudança], foi interrompida. O elemento desencadeador da interrupção está externo à situação estativa (cf. SMITH, 1999), podendo ser, por exemplo, a ingestão de um comprimido. No contexto sintático de (81b), o aspectual *parar*

se combina com a nominalização de um predicado não-tipicamente estativo, como *dor*, devido à permanência no deverbal dos traços [+durativo] e [+mudança]. O verbo *deixar*, por sua vez, não forma sequência com nomes correspondentes a esses predicados. Esses dados nos ajudam a distinguir *parar* e *deixar*, considerando que este último não constitui um predicado aspectual em todos os seus empregos.

3.3.1.3 Aspectuais completivos

Os aspectuais completivos, *acabar* e *terminar*, requerem um complemento com o traço [+télico], além dos traços [+durativo] e [+mudança]. As sentenças em (82) apontam a combinação desses aspectuais com DPs correspondentes a predicados de atividade e de *accomplishment*:

- (82) a. Os alunos acabaram/terminaram a pesquisa.
b. Fabiana acabou/terminou a caminhada.
c. Mariana acabou/terminou a redação do projeto.
d. O cineasta acabou/terminou a gravação do filme.

Os aspectuais completivos oferecem restrições a predicados de atividade por estes serem [-télicos]; entretanto, combinam-se com nomes derivados de atividades, como *pesquisa* e *caminhada*, em (82a) e (82b), respectivamente. Essas combinações são possíveis porque os nomes exibem o traço [+télico], ausente nos predicados *pesquisar* e *caminhar*. Diferentemente das atividades, que indicam uma sequência de subeventos de mesma natureza, os nomes derivados desses predicados representam um único evento, sendo marcados com os traços [+durativo], [+mudança] e [+télico]. Este último resultante do processo de nominalização. O DP *a pesquisa* refere-se ao desenvolvimento de uma pesquisa/uma investigação em particular, e *a caminhada* denota um percurso, uma trajetória. *A pesquisa* e *a caminhada* têm um ponto final determinado, diferente dos predicados de atividade *pesquisar* e *caminhar*. Em (82c) e (82d), os complementos nominais *a redação do projeto* e *a gravação do filme* parecem conservar os traços [+durativo], [+mudança] e [+télico], presentes nos *accomplishments* *redigir o projeto* e *gravar o filme*, o que explica a boa formação das sentenças com esses DPs na posição de complemento dos aspectuais completivos.

Investigamos, a seguir, como os aspectuais completivos reagem a nomes correspondentes a *achievements*, (83) e (84), e a predicados não-tipicamente estativos, (85):

(83) *Tatiana acabou/terminou a entrada na sala.

Os aspectuais completivos não se combinam com nomes derivados de *achievements*, conforme se depreende da má-formação de (83). Essa restrição resulta da ausência do traço [+durativo], requerido por esses aspectuais, nos nomes derivados de *achievements*. O contraste de gramaticalidade entre as sentenças do exemplo (84) evidencia que o aspecto de um predicado – seja verbal ou nominal – é determinado pela combinação do núcleo com seu complemento:

(84) a. *O policial acabou⁵⁸/terminou de prender o assaltante.
b. O delegado acabou/terminou a prisão dos chefes do tráfico em Brasília.

A sentença (84a) é malformada porque o predicado *prender o assaltante* é marcado com o traço [-durativo]. Já (84b) é possível por o DP *a prisão dos chefes do tráfico em Brasília* remeter a um referente plural, o que gera repetição do evento *prisão de um dos chefes do tráfico em Brasília*, atribuindo ao predicado em (84b) o traço [+durativo].

As nominalizações a partir de predicados não-tipicamente estativos passam a exibir o traço [+télico], requerido pelos aspectuais *acabar* e *terminar*. Isso explica a boa formação da sentença (85b):

(85) a. *João acabou/terminou de admirar seu pai.
b. Acabou/terminou a admiração de João por seu pai.

Observamos que, à semelhança do que ocorre com nomes correspondentes a predicados de atividade, as nominalizações a partir de predicados não-tipicamente estativos diferem dos verbos dos quais derivam em um fator: carregam o traço [+télico]. Isso explica a boa formação da sentença em (85b), em contraste com a má-formação da sentença em (85a), na qual a situação estativa, descrita pelo predicado *admirar*, é marcada pelo traço [-télico]. O processo de nominalização parece transformar os predicados não-tipicamente estativos em predicados que descrevem situações com um fim delimitado, como ocorre com os *accomplishments*.

⁵⁸ A sentença (84a) apresenta boa formação com *acabar* indicando retrospecção de evento.

3.3.1.5 Considerações da subseção

Os exemplos discutidos ao longo da subseção 3.3.1 evidenciaram que os aspectuais se combinam com eventos que exibem, necessariamente, os traços [+durativo] e [+mudança]. Por isso, figuram na posição de complemento dos aspectuais tanto verbos quanto nomes correspondentes a atividades, a predicados não-tipicamente estativos e a *accomplishments*. Os aspectuais inceptivo (*começar*), continuativo (*continuar*) e interruptivos (*parar* e *deixar*), por remeterem a propriedades temporais intrínsecas a uma situação, subcategorizam um complemento com os traços [+durativo] e [+mudança], que possibilitam a identificação de um momento específico da eventualidade. *Continuar* também aparece em sequências com predicados tipicamente estativos e com alguns nomes derivados destes predicados. *Parar* se combina com nomes derivados de predicados não-tipicamente estativos, mas *deixar* não. Essa distinção permite considerar que *deixar* não constitui um predicado aspectual em todos os seus empregos. Os aspectuais completivos (*acabar* e *terminar*), por sua vez, que aceitam exclusivamente predicados *accomplishment* como complemento, devido à necessidade do traço [+télico], passam a admitir nominalizações de atividade e não-tipicamente estativos justamente por a elas estar relacionado o traço [+télico]. Esse dado é evidenciado pela combinação de *acabar* e *terminar* com complementos nominais correspondentes a predicados de atividade e a não-tipicamente estativos, que incorporam o traço [+télico]. A partir disso, é possível supor que o processo de nominalização atribui características de *accomplishment* a um evento ou estado.

Os exemplos em (86) ressaltam que as nominalizações possuem o traço [+télico] e que podem ter extensões de sentido. Rocha (1999, p. 9-10) e Basílio (2004, p. 53) ressaltam que o processo de formação de substantivos a partir de verbos (nominalizações deverbais), além de apresentar a função de expressar noções verbais, com sentido de “ato de X”, “servem ao propósito de produzir palavras designadoras” de seres, entidades, processos, eventos, situações, etc. Basílio (2004, p. 52) classifica como denotativa a função da nominalização que “[...] corresponde à necessidade de aproveitamento do material simbólico já existente numa palavra para formar outra palavra, que designe algo diferente, mas relacionado à palavra primitiva.”

- (86) a. João começou/continuou/parou/acabou/terminou o trabalho.
b. Júlio começou/continuou/parou/acabou/terminou a construção da casa.
c. A menina começou/continuou/parou/acabou/terminou a natação.

A sequência (86a), com o DP *o trabalho* na posição de complemento dos aspectuais, é interpretada como o início, a continuação, a interrupção e o término de uma tarefa/atividade específica, que tem um ponto final. O evento descrito pelo DP apresenta, portanto, o traço [+télico], diferenciando-se do predicado *trabalhar*, do qual *trabalho* é derivado, que não tem um término definido. Já o evento descrito pelo DP em (86b) conserva os mesmos traços do predicado de *accomplishment construir a casa*. Os nomes *trabalho* e *construção* podem ser empregados para nomear um referente. Por exemplo, em *João foi ao trabalho*, o nome *trabalho* recebe uma leitura locativa, designando um local, com sentido semelhante ao de *João foi à escola*; em *A construção ficou inacabada*, o nome *construção* é interpretado como uma edificação/concretização/casa, designando algo específico. Porém, nas sequências em que aparecem como complemento dos verbos aspectuais, a leitura de *trabalho* e *construção* como processos é priorizada, designando sempre eventos, com os traços [+durativo], [+mudança] e [+télico]. A combinação dos aspectuais com o DP *a natação*, em (86c), é possível porque este DP carrega os traços de evento, [+durativo] e [+mudança], presentes no verbo correspondente. *A natação*, em (86c), apresenta ainda o traço [+télico], indicando um único evento; diferente do predicado *nadar*, que indica uma sequência de subeventos. A mudança de traço, que pode ser atribuída ao processo de nominalização, parece ativar o sentido de ‘aula de natação’ e não do ato de *nadar*. O DP *a aula* parece estar implícito na estrutura de (86c), significando que ‘a menina começou/continuou...a aula de natação’.

Por fim, constatamos que, para um predicado – de natureza verbal ou nominal – ocupar a posição de complemento dos aspectuais, precisa exibir os traços [+durativo] e [+mudança], característicos de evento. Conforme vimos ao longo desta subseção, as restrições a predicados de *achievement* se estendem aos nomes correspondentes. Por descreverem eventos pontuais, sendo marcados com o traço [-durativo], *achievements* e suas nominalizações são incompatíveis com os aspectuais, que, por remeterem a um ponto específico do evento ou descreverem sua continuidade, requerem o traço [+durativo]. A restrição dos aspectuais, à exceção de *continuar*, aos predicados tipicamente estativos ocorre por estes não apresentarem uma estrutura interna dinâmica, sendo marcados com o traço [-mudança]. Logo, parece ser o caso de os nomes descreverem o mesmo evento que os predicados de natureza verbal dos quais derivam, ou porque se referem ao ato de X (conservando a noção verbal), ou porque nomeiam um evento, situação ou processo que tem relação com o descrito pelo verbo.

3.3.2 DP não correspondente a verbo

Com base na proposta de Cinque (1999; 2006) e de Rochette (1999), de que os aspectuais subcategorizam um complemento de natureza verbal, objetivamos, nesta subseção, continuar a depreender as propriedades de seleção dos aspectuais e a investigar os aspectos relativos à natureza do seu complemento. Esta subseção é dedicada às construções em que os aspectuais subcategorizam um complemento nominal sem correspondência com uma forma verbal, mas que, em conformidade com a nossa hipótese, ainda podem denotar um evento, sendo marcados com os traços [+durativo] e [+mudança].

Nas seções e subseções anteriores, verificamos que os aspectuais admitem um InfP ou um DP formado a partir deste na posição de complemento desde que exibam os traços de processo: [+durativo] e [+mudança]. O InfP subcategorizado pelos aspectuais pode ficar implícito na estrutura, conforme discutido na seção 3.2; e os DPs que figuram como complemento desses verbos sofreram nominalização, mas conservam os traços de processo, segundo a análise da subseção 3.3.1. Supomos que, também nos casos em que os aspectuais subcategorizam um DP sem correspondência a verbo, este DP apresenta características de processo. Ilustramos dois casos em (87), a seguir:

- (87) a. Terminaram as aulas.
b. Começou a tempestade.

Os DPs *as aulas*, em (87a), e *a tempestade*, em (87b), não correspondem a verbos; portanto, não podem ser considerados casos de nominalização. Podem ser interpretados, entretanto, como nomes que exibem características de processo. O DP *as aulas*, em (87a), é interpretado como o conjunto de atividades em um estabelecimento de ensino, e o DP *a tempestade*, em (87b), é um fenômeno atmosférico que produz chuva muito forte, ou nevasca. Ambos exibem os traços [+durativo] e [+mudança], que permitem a expressão de aspecto (*inceptivo*, *continuativo*, *interruptivo* e *completivo*). De acordo com a nossa hipótese, quando os verbos aspectuais subcategorizam um DP não correspondente a verbo, como *terminar* e *começar* em (87), constituem predicados lexicais, “uma vez que selecionam argumento interno e lhe atribuem papel temático de *tema* ou *paciente*.” (RECH, NASCIMENTO, 2014, p. 235).

Investigamos, ainda, outras construções em que os aspectuais em análise aparecem com DPs natos, não correspondentes a verbo. Nossa intenção é verificar se os traços [+durativo] e

[+mudança] estão presentes nos DPs que ocupam a posição de complemento de um aspectual, mesmo naqueles não-derivados de verbos.

3.3.2.1 Aspectual inceptivo

Consideramos os exemplos em (88), com o aspectual *começar*:

- (88) a. Começaram as férias.
b. Começaram meus problemas.
c. Começaram as estratégias de ataque.

Os DPs não correspondentes a verbos que figuram com o aspectual *começar* em (88) apresentam propriedades verbais. Suas características de processo podem ser reconhecidas através dos eventos/ações que nomeiam. O DP *as férias*, em (88a), indica um tempo durante o qual não ocorrem aulas, tribunais, etc., destinado ao descanso dos trabalhadores, dos alunos, etc., o que nos permite destacar os traços [+durativo] e [+mudança], além do traço [+télico]. *As férias* duram um certo tempo e admitem referência ao seu ponto inicial, permitindo a inferência do traço [+durativo]; já o traço [+mudança] está relacionado ao fato de que *as férias* podem ser interrompidas; por fim, o traço [+télico] está necessariamente presente neste DP por este indicar um período (com um fim) delimitado. Os DPs em (88b) e (88c) – *meus problemas* e *as estratégias de ataque*, respectivamente – também carregam os traços [+durativo], [+mudança] e [+télico]. Em vista disso, podem ter seus momentos de início, interrupção e fim demarcados, i.e., permitem a expressão de aspecto.

3.3.2.2 Aspectual continuativo

Em (89), exemplificamos a combinação de *continuar* com DPs que envolvem um evento:

- (89) a. Continuou o carnaval.
b. Continuaram as obras.
c. Continuou a festa.

Os DPs *o carnaval*, em (89a), *as obras*, em (89b), e *a festa*, em (89c), são nomes que denotam eventos com os traços [+durativo], [+mudança] e [+télico]. A combinação desses DPs

com o aspectual continuativo (*continuar*) resulta da possibilidade de se reportar ao andamento do processo que denotam.

3.3.2.3 Aspectuais interruptivos

Em (90), ilustramos o comportamento dos verbos *parar* e *deixar* em construções com DPs não correspondentes a verbos:

- (90) a. Parou/*deixou a chuva.
b. Parou/*deixou o filme.
c. Pararam/*deixaram as atividades.

Em (90), o interruptivo *parar* forma boas sequências com DPs que, de acordo com a nossa hipótese, envolvem um evento. *A chuva*, em (91a), *o filme*, em (90b), e *as atividades*, em (90c), parecem apresentar os traços requeridos pelo aspectual interruptivo *parar*: [+durativo] e [+mudança]. Uma semelhança entre esses DPs e os correspondentes a verbos é a manifestação do traço [+tético]. Tanto os DPs resultantes de nominalizações deverbais quanto os DPs natos, investigados nesta subseção, exercem a função de nomear eventos e exibem o traço [+tético]. Porém, *deixar* não forma sequência com os DPs natos. O comportamento de *deixar* reforça a distinção entre os verbos *parar* e *deixar* quanto à expressão de aspecto.

3.3.2.4 Aspectuais completivos

Por fim, em (91), mostramos combinações dos aspectuais completivos com DPs natos:

- (91) a. Acabou/terminou o curso de inglês.
b. Acabou/terminou o festival da canção gaúcha.
c. Acabou/terminou a música.

Os aspectuais completivos, indicadores da noção de término do evento, requerem os traços [+durativo], [+mudança] e [+tético], presentes nos DPs em (91). Com características de processo, *o curso de inglês*, em (91a), *o festival de música gaúcha*, em (91b), e *a música*, em (91c), referem-se a eventos específicos e definidos pelo determinante, indicando a possibilidade de referência ao ponto final do evento.

3.3.2.5 Considerações da subseção

Constatamos que, à semelhança das nominalizações deverbais, os DPs natos exibem traços característicos de processo. A análise das sentenças com os aspectuais *começar*, *continuar*, *parar*, *deixar*, *acabar* e *terminar* apontaram que os DPs não correspondentes a verbos têm igualmente a função de nomear eventos, revelando características de processo: [+durativo] e [+mudança]. Tais traços são os responsáveis pela possibilidade de ocorrência desses DPs na posição de complemento dos aspectuais.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Os resultados obtidos neste capítulo sinalizam que o critério de seleção dos aspectuais para admitir um InfP ou DP, correspondente ou não a verbo, como complemento é a presença dos traços [+durativo] e [+mudança], característicos de processo. Os aspectuais parecem reagir da mesma forma a um complemento de natureza verbal ou nominal que tenham em comum tais traços. O emprego da preposição *com* nas construções enfatiza o critério de seleção dos aspectuais envolvido no complemento DP:

- (92) a. Fabiana começou *com* o enxoval do bebê.
b. Laura parou *com* os remédios.
c. Júlio acabou/terminou *com* os docinhos.
- (93) a. Julia começou/parou *com* a limpeza do auditório.
b. Pedro começou/continuou *com* a brincadeira.
c. Mariana terminou *com* a redação a redação do projeto.
- (94) a. Começaram *com* as estratégias de ataque.
b. Parou *com* o filme.
c. Terminou *com* o curso de inglês.

A preposição *com*, inserida nas sentenças (63c), (66a) e (68b), repetidas em (92), nas quais defendemos haver um InfP implícito, confirma que um evento está envolvido na estrutura. As sequências (72), (75a) e (82c), repetidas em (93), ratificam a boa formação com o uso da preposição que enfatiza a presença dos traços de processo presentes no complemento DP derivado de verbo. A boa formação das construções em (94), com o emprego de *com*, reforça que, mesmo quando o aspectual seleciona um DP não correspondente a verbo, as características

eventivas do DP podem ser evidenciadas. A interpretação das sentenças com o uso dessa preposição parece retomar a ideia de realização de um evento, de um processo, que está indicado na posição de complemento dos aspectuais. Por exemplo, as construções com o emprego da preposição *com* sugerem que podem ser equivalentes a construções com um predicado, como *fazer*, ocupando essa mesma posição: *Fabiana começou a fazer o enxoval do bebê/ Julia começou/parou a fazer a limpeza do auditório/ Começaram a planejar/executar as estratégias de ataque.*

Contudo, uma diferença em relação à natureza dos DPs admitidos na posição de complemento dos aspectuais precisa ser evidenciada: o DP correspondente a verbo, que sofreu nominalização, tem natureza verbal, assim como o InfP; e o DP nato, não correspondente a verbo, tem natureza nominal. Essa diferença tem influência na classificação dos aspectuais como predicados funcionais ou lexicais. No próximo capítulo, argumentamos a favor da hipótese de que os aspectuais, como predicados funcionais ou lexicais, “pertencem a uma mesma classe – inacusativa – e projetam a mesma estrutura – de alçamento, [...]” (RECH, NASCIMENTO, 2014, p. 237).

Resumimos os resultados da análise realizada neste capítulo no quadro a seguir:

QUADRO 5 – Combinação dos verbos aspectuais do PB com complementos DPs

DP concreto (InfP implícito)
<ul style="list-style-type: none"> - O DP na posição de complemento é argumento de um infinitivo implícito subcategorizado pelo aspectual; - Esse InfP implícito é facilmente recuperável e têm os traços [+durativo] e [+mudança] requeridos pelos aspectuais em estudo.
DP deverbal
<ul style="list-style-type: none"> - O DP deverbal na posição de complemento mantém os traços do verbo do qual deriva e que são requeridos pelos aspectuais: [+durativo] e [+mudança]. - Os aspectuais completivos (acabar e terminar), que aceitam somente predicados <i>accomplishments</i> como complemento, devido à necessidade do traço [+télico], passam a admitir nominalizações de atividade e não-tipicamente estativos justamente por a eles estar relacionado o traço [+télico]; - Os deverbais parecem descrever o mesmo evento que os predicados dos quais derivam; - O DP correspondente a verbo tem natureza verbal.
Dps natos
<ul style="list-style-type: none"> - O DP nato na posição de complemento também exibe os traços característicos de processo: [+durativo] e [+mudança], pois tem a função de nomear um evento. - O DP nato tem natureza nominal.

4 IMPLICAÇÕES DA ANÁLISE NA ESTRUTURA SINTÁTICA

4.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo envolve algumas considerações, a partir da análise dos dados, sobre a estrutura projetada pelos aspectuais quando figuram com um VP/infinitivo ou um DP na posição de complemento. Os rumos da investigação indicam na direção de que os aspectuais projetam uma estrutura de alçamento.

Nossa hipótese é que os aspectuais constituem predicados inacusativos em todos os seus empregos, projetando sempre uma estrutura de alçamento. Defendemos, de acordo com Rochette (1999) e Cinque (1999; 2006), que os aspectuais são inacusativos funcionais quando subcategorizam um infinitivo (mesmo que implícito) ou um DP correspondente a verbo; e inacusativos lexicais quando figuram com um DP não-correspondente a verbo na posição de seu complemento.

Para orientar nossa discussão sobre a estrutura sintática dos verbos aspectuais, consideramos, com base na literatura (PERLMUTTER, 1970; BURZIO, 1986; FERREIRA, 2009; MIOTO, SILVA e LOPES, 2013, entre outros), a hipótese inacusativa, apresentada brevemente na subseção 4.1.1. Na seção 4.2, apontamos os verbos aspectuais como predicados inacusativos e que projetam, por isso, uma estrutura de alçamento. E na seção 4.3, apresentamos as considerações finais do capítulo.

4.1.1 Hipótese Inacusativa

Ao assinalar que os aspectuais constituem predicados inacusativos, precisamos considerar o conceito de inacusatividade e a Hipótese Inacusativa. Essa hipótese foi formulada por Perlmutter (1970) e adaptada por Burzio (1986) ao modelo de Princípios e Parâmetros (FERREIRA, 2009, p. 113).

Burzio (1986), em seu estudo sobre a sintaxe do italiano, apresenta evidências de que a classe dos verbos intransitivos não é homogênea, mas consiste de duas subclasses, associadas a configurações sintáticas distintas: a subclasse dos verbos inergativos e a dos verbos ergativos ou inacusativos. Estas diferem quanto à posição onde é gerado seu argumento. Enquanto os inergativos selecionam argumento externo; os ergativos (ou inacusativos) selecionam

argumento interno. Transcrevemos, a seguir, exemplos de Burzio (1986, p. 20) que apontam diferenças estruturais constatadas nas seguintes sentenças do italiano:

- (95) a. *Ne arrivano molti.*
Muitos deles chegam.
b. **Ne telefonato molti.*
Muitos deles telefonam.
- (96) a. *Giovanni è arrivato.*
Giovanni chegou.
b. *Giovanni ha telefonato.*
Giovanni telefonou.

A diferença entre (95a) e (95b) está na gramaticalidade das sentenças em que o clítico *ne* é produzido: (95a) é bem formada com o verbo *arrivare* (chegar); ao contrário de (95b) com o verbo *telefonare* (telefonar). A diferença entre (96a) e (96b) está na escolha do auxiliar: enquanto na sentença construída com o verbo *arrivare* (chegar), em (96a), aparece o auxiliar *essere* (ser); em (96b), temos o auxiliar *avere* (ter) com o verbo *telefonare* (telefonar) (SILVA, FARIAS, 2011, p. 3). Burzio (1986) evidencia que o sujeito superficial de verbos como *arrivare* (chegar), em (95a) e (96a), é objeto direto na DS (*Deep Structure*) e que esses verbos não selecionam argumento externo, sendo incapazes de atribuir papel- θ (temático) externo: o sujeito destes verbos nasce como argumento interno e se move para a posição de especificador da categoria IP.

Mioto, Silva e Lopes (2013, p. 161) destacam outra diferença relacionada à estrutura dos verbos ergativos no italiano a partir do uso dos auxiliares *essere* (ser) e *avere* (ter) na formação do pretérito composto com verbos monoargumentais, conforme ilustram os exemplos (98) e (99) a seguir:

- (97) a. *Maria ha mangiato la pasta.*
(Maria tem comido o macarrão/“Maria comeu o macarrão”)
b. **Maria è mangiata la pasta.*
(Maria é comida o macarrão)
- (98) a. *Maria ha telefonato.*
(Maria telefonou)
b. **Maria è telefonata.*
- (99) a. **Maria ha arrivato.*
b. *Maria à arrivata.*

(Maria chegou)

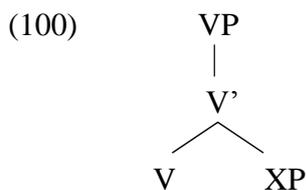
O fenômeno mostrado em (97), (98) e (99) revela que o auxiliar *avere* (ter) é usado para formar o pretérito composto de verbos transitivos, como em (98a), e com alguns verbos monoargumentais como *telefonare* (telefonar), em (98a). O auxiliar *essere* (ser), por sua vez, é usado com verbos monoargumentais como *arrivare* (chegar), (99b), e produz sentença agramatical em (97b) porque sempre provoca a concordância do particípio com o sujeito. Para Miotto, Silva e Lopes (2013),

Em algum estágio deste movimento, por passar por cima do particípio, estarão em relação local (Spec-núcleo) com ele e isso vai desencadear a concordância entre os dois e com o auxiliar quando chegar em IP. Já com os transitivos e inergativos a concordância com o particípio não acontece porque o sujeito deles nasce numa posição alta demais e só tem condições de provocar a concordância em IP. (p. 162).

Denominados ergativos por tal autor, os verbos como *arrivare* (chegar) correspondem aos inacusativos, termo que está relacionado à sua incapacidade de atribuir Caso acusativo ao argumento interno. Conforme a *Generalização de Burzio* (1986, p. 178, tradução nossa), “todos e somente os verbos que podem atribuir papel- θ para a posição de sujeito podem atribuir Caso (acusativo) para um objeto.” Sobre essa generalização, Nascimento (1999, p. 95) explica que

[...] um verbo só atribui papel temático a seu argumento externo se atribuir Caso a seu argumento interno. Inversamente, um verbo só atribui Caso a seu argumento interno se atribuir papel temático a seu argumento externo. Uma vez que os verbos inacusativos apresentam a posição do argumento externo detematizada (vazia), não têm a capacidade de atribuir Caso a seu argumento interno.

Então, no caso dos verbos inacusativos, o argumento gerado na posição de complemento desses verbos não recebe Caso acusativo, uma vez que tais verbos não dispõem de papel- θ para atribuir à posição do argumento externo. A configuração sintática associada aos membros da classe dos verbos inacusativos pode ser assim representada, conforme Rech (2004, p. 1) e Miotto, Silva e Lopes (2013, p. 148):



A estrutura sintática representada em (100) “revela que essa classe seleciona um único argumento, o interno, que pode assumir diferentes formas; por essa razão o representamos como XP.” (RECH, 2004, p. 1). Na composição do VP, em (100), o argumento interno (XP) é gerado em posição sem Caso, como assinalamos no texto acima. Para receber Caso, este argumento deve ser movido para Spec/IP, sendo marcado com Caso nominativo. Por poderem assumir diferentes formas, como ser expresso por um DP, uma forma nominal, uma *small clause* ou por um CP, as configurações que as construções inacusativas assumem na SS (*Surface Structure*) mascaram sua semelhança estrutural na DS (*Deep Structure*) (RECH, 2004, p. 1).

Rech destaca que tanto no PE quanto no PB, os estudos sobre a inacusatividade

[...] não revelaram marcas linguísticas explícitas que justificassem uma subdivisão da classe dos intransitivos em duas subclasses, a dos inergativos e a dos inacusativos; os autores investigam, entretanto, alguns processos linguísticos que evidenciem propriedades típicas da classe dos **inacusativos**. (2004, não paginado).

Os resultados de testes sintático-semânticos com verbos do PB que selecionam como complemento um DP paciente ou experienciador, realizados por Rech (2004), “oferecem indícios suficientes para a postulação da classe inacusativa no PB, pois revelam propriedades de argumento interno no DP que figura nessas construções.” (RECH, 2004, p. 8). A autora afirma que “essas propriedades sugerem uma nova organização estrutural de base, em que o único argumento de um verbo ocupa a posição interna a V’, conhecida como construção inacusativa.” (RECH, 2004, p. 8).

4.1.2 Estrutura de alçamento

Os verbos de alçamento são definidos como aqueles “cujo sujeito é argumento de outro predicador” (CYRINO, NUNES, PAGOTTO, 2009, p. 63), conforme ilustram seus exemplos, reproduzidos em (101):

- (101) a. Os meninos parecem felizes. (p. 62)
b. *quando nós falamos em instrumentos de avaliação nós logo **devemos** pensar que níveis de pensamento esses instrumentos estão nos permitindo avaliar*⁵⁹. (p. 64)

Na construção predicativa em (101a), o DP *os meninos* é argumento do adjetivo e não do verbo. Este dado pode ser confirmado pela agramaticalidade da sentença **Aquelas pedras*

⁵⁹ Os autores tiveram, como banco de dados, o *corpus* Nurc (Norma Urbana Culta).

parecem felizes, em que o DP *Aquelas pedras* é incompatível com o adjetivo *felizes*, não com o verbo *parecer*; se tivermos uma sentença como *Aquelas pedras parecem frias*, novamente observamos a compatibilidade entre o DP na posição de sujeito e o adjetivo. Em (101b), o DP *nós*, sujeito da sentença, não é argumento do verbo *dever*, mas sim do verbo da sentença encaixada. Através desses exemplos retirados de Cyrino, Nunes e Pagotto (2009, p. 62-63), destacamos que os DPs que figuram como sujeito das sentenças foram alçados para aquela posição.

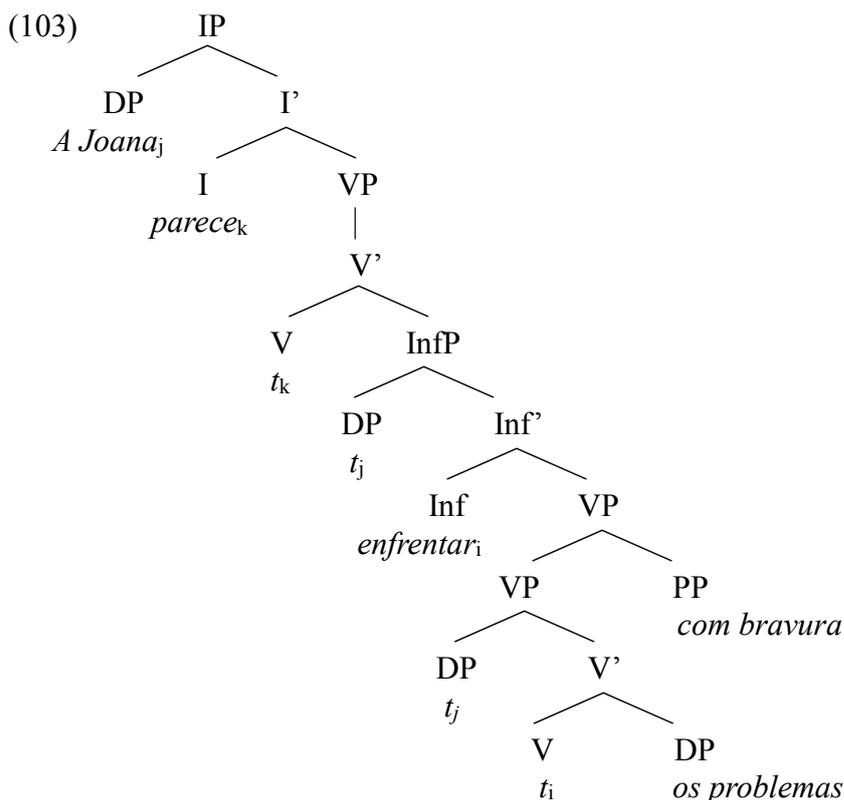
Os verbos de alçamento parecem, portanto, selecionar apenas um argumento interno, representado por um InfP ou Ger que não pode atribuir Caso ao seu argumento externo (HENRIQUES, 2008, p. 6). Assim sendo, uma estrutura de alçamento pode ser definida como uma estrutura em que ocorre movimento de um DP que não recebe Caso do predicado encaixado (que pode ser um adjetivo ou um InfP, por exemplo) do qual é argumento, para a posição de sujeito do verbo matriz.

Com estas características, de acordo com Cyrino, Nunes e Pagotto (2009), se inserem no grupo dos verbos de alçamento os verbos de ligação, como o de (101a), e os auxiliares, como o de (99b). Ferreira (2009, p. 71), seguindo a proposta de Rizzi (1982), Aissen & Perlmutter (1976), Burzio (1986) e Cinque (2006), lista como membros desse grupo os verbos modais, aspectuais e de movimento. Estes, quando selecionam um complemento no infinitivo, formando sequências verbais, desencadeiam o processo de Reestruturação. Miotto, Silva e Lopes (2013, p. 243) exemplificam uma estrutura de alçamento com uma construção inacusativa:

(102) A Joana_i parece *t_i* enfrentar os problemas com bravura.

O DP *A Joana*, em (102), é movido da posição de argumento externo do verbo da sentença infinita, complemento de *parecer*, para a posição de sujeito da sentença, Spec IP, a fim de obter Caso nominativo. O DP recebe papel temático do verbo *enfrentar*, por ser seu argumento externo, mas não recebe Caso nominativo porque a forma verbal no infinitivo não carrega marcas flexionais.

Em (103), representamos em SS o alçamento da estrutura inacusativa de (102), apoiados na representação sugerida por Miotto, Silva e Lopes (2013, p. 226), em que o DP se move da sua posição de base para o Spec IP da sentença matriz para suprir a carência de Caso:



Na representação arbórea em (103), podemos observar os dois vestígios t_j deixados pelo DP *A Joana*. Miotto, Silva e Lopes (2013, p. 227) lembram que essas duas *ecs* (categorias vazias), frutos do movimento, têm “propriedades que lembram as da anáfora”: elas são referencialmente dependentes, “tendo obrigatoriamente um antecedente, que está na posição A, Spec IP.” O antecedente *A Joana_j* c-comanda os dois vestígios t_j , já que são dominados por I, irmão de *A Joana*. A existência das *ecs* também satisfaz o EPP (Princípio de Projeção Estendido), pois a sentença encaixada não fica sem sujeito.

4.2 ASPECTUAIS COMO PREDICADOS INACUSATIVOS E COM ESTRUTURA DE ALÇAMENTO

O critério de seleção dos aspectuais para admitir um InfP ou DP, correspondente ou não a verbo, como complemento, evidenciado a partir dos dados obtidos nos capítulos 2 e 3, é a compatibilidade com determinados traços presentes no predicado que ocupa a posição de seu complemento: os aspectuais requerem complementos marcados com os traços [+durativo] e [+mudança], característicos de processo. Constatamos também que a categoria do complemento admitido na posição de complemento dos aspectuais, InfP ou DP, influencia na sua classificação como predicados funcionais ou lexicais.

A seguir, investigamos se os aspectuais apresentam ambiguidade entre um emprego funcional e um emprego lexical, e se constituem predicados inacusativos em todos os seus empregos, projetando sempre uma estrutura de alçamento, como sugerimos em nossa hipótese.

4.2.1 Aspectuais como inacusativos funcionais

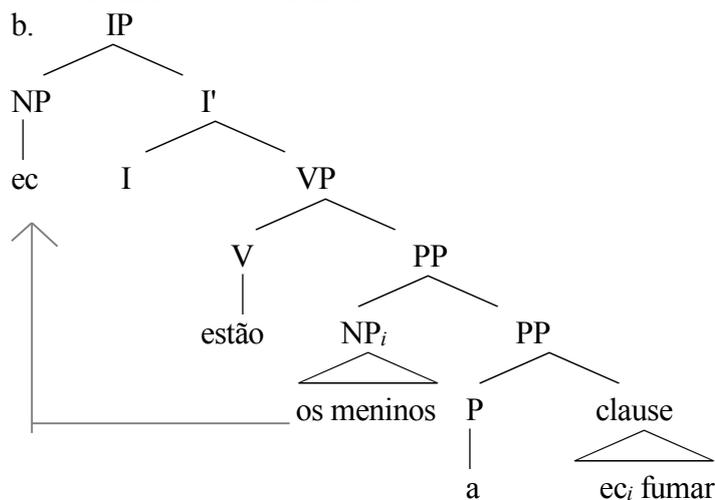
Os aspectuais carregam propriedades de predicados funcionais, como listamos na seção 1.1.1, do primeiro capítulo: oferecem restrições de seleção categorial, não selecionam argumentos e não atribuem papel temático. Essas propriedades o colocam na lista dos predicados de Reestruturação, pois, ao subcategorizarem um complemento InfP, desencadeiam a formação de um predicado verbal complexo, como nos exemplos analisados no capítulo 2, dos quais repetimos alguns em (104):

- (104) a. O menino começou a estudar Matemática.
b. O menino continuou a lutar muay thai.
c. A fábrica parou/deixou de produzir/funcionar.
d. Mariana acabou/terminou de redigir o projeto.

A análise revelou que os aspectuais inceptivo, continuativo, interruptivos e completivos formam sequência apenas com predicados que carregam características de processo, como mostram os complementos de natureza verbal em (104). Raposo (1989), em estudo sobre as construções infinitivas preposicionadas (CIPs) no português europeu, atribui aos verbos aspectuais que subcategorizam um complemento infinitivo, como em (104), uma estrutura de alçamento. Este autor classifica tais verbos como inacusativos, por sua incapacidade de atribuir papel temático à posição do argumento externo e Caso acusativo à posição de seu complemento, conforme *Generalização de Burzio* (1986).

A representação, em (105b), foi extraída de Raposo (1989, p. 296) e corresponde à estrutura de um aspectual com complemento InfP:

(105) a. Os meninos estão a fumar.



Conforme se verifica em (105b), de acordo com a proposta de Raposo (1989), ocorrem dois alçamentos do sujeito da construção infinitiva. O primeiro alçamento é denominado *small raising*, em que o sujeito da *small clause* alça para a posição de sujeito da CIP. O segundo alçamento ocorre desta posição para Spec/IP, onde o DP é marcado com Caso nominativo pela flexão do verbo aspectual.

Raposo (1989, p. 297) ressalta uma propriedade que distingue as CIPs complemento de verbos aspectuais das CIPs complemento de verbos de percepção ou de outros verbos transitivos, qual seja: a de que o aspectual no domínio matriz é incompatível com um complemento infinitivo flexionado. Vejamos o exemplo retirado de Raposo (1989, p. 297):

- (106) a. Continuam alguns rapazes a trabalhar.
 b. Alguns rapazes continuam a trabalhar.
 c. *Continuam alguns rapazes a trabalharem.
 d. *Alguns rapazes continuam a trabalharem.

A agramaticalidade de (106c) e (106d) deriva da restrição dos verbos aspectuais à complementação finita, “o que explica também sua rejeição a CPs na posição de complemento. Segundo Raposo, essa restrição envolve o *small raising* do sujeito da construção infinitiva encaixada, e não a segunda operação de *raising*, que ocorre para Spec/IP para marcação de caso.” (RECH, NASCIMENTO, 2014, p. 230).

Em conformidade com Rochette (1999), podemos depreender que:

[...] as estruturas nas quais os verbos aspectuais introduzem complementos infinitivos constituem proposições únicas no nível da representação semântica e estruturas monossentenciais no nível da representação sintática. Verbos aspectuais, portanto,

parecem se comportar como predicados de alçamento assim como os verbos auxiliares⁶⁰. (p. 153, tradução nossa).

Uma estrutura de alçamento é atribuída aos aspectuais considerando suas características de predicados funcionais: têm função de modificadores de predicado e não selecionam um sujeito (ROCHETTE, 1999); e de verbos inacusativos: os aspectuais subcategorizam um elemento de natureza verbal para a posição de seu complemento e não o marcam com Caso acusativo.

O exemplo (107) ilustra o emprego de verbos aspectuais em perífrases verbais, quando subcategorizam um InfP:

- (107) a. Joana começou/continuou a pintar um novo quadro.
b. [Começou/continuou [_{InfP} a Joana pintar um novo quadro]].
c. [_{IP} Joana_i começou/continuou [_{InfP} a t_i pintar um novo quadro]].

Os aspectuais subcategorizam um complemento de natureza verbal, conforme (107b). O DP *Joana*, que figura na posição de sujeito da sentença, em (107a), é argumento do verbo no infinitivo (*pintar*), e não do aspectual. Esse DP é gerado no domínio encaixado e se move para a posição de sujeito da sentença, conforme (107c), para suprir sua carência de Caso. Esse movimento é obrigatório porque os aspectuais são predicados inacusativos, não dispendo de Caso para atribuir à posição de seu complemento (BURZIO, 1986; RAPOSO, 1989; ROCHETTE, 1999).

Os aspectuais admitem a apassivação do predicado encaixado, mantendo a correspondência de sentido entre ativa-passiva: *Um novo quadro começou/continuou a ser pintado por Joana*. Este teste revela seu comportamento como predicado funcional, uma vez que mostra o alçamento do argumento interno do predicado encaixado, *um novo quadro*, para a posição de sujeito da sentença (RECH, 2012, p. 150).

Na segunda hipótese da nossa pesquisa, defendemos, juntamente com Rochette (1999) e Cinque (1999; 2006), que além da construção com InfP, os aspectuais podem ser considerados predicados funcionais quando aparecem em contextos com um DP concreto ou um DP correspondente a verbo na posição de complemento. No primeiro caso, Rochette (1999) defende que a interpretação dessas sentenças revela a presença de um InfP oculto, um processo implícito, como nas sentenças (64a), (65b), (66b) e (68a) reproduzidas aqui:

⁶⁰ “[...] the structures in which aspectual verbs introduce non-finite complements constitute single propositions at the level of semantic representation and monoclausal structures at the level of syntactic representation. Aspectual verbs thus appear to behave like raising predicates on a par with auxiliary verbs.”

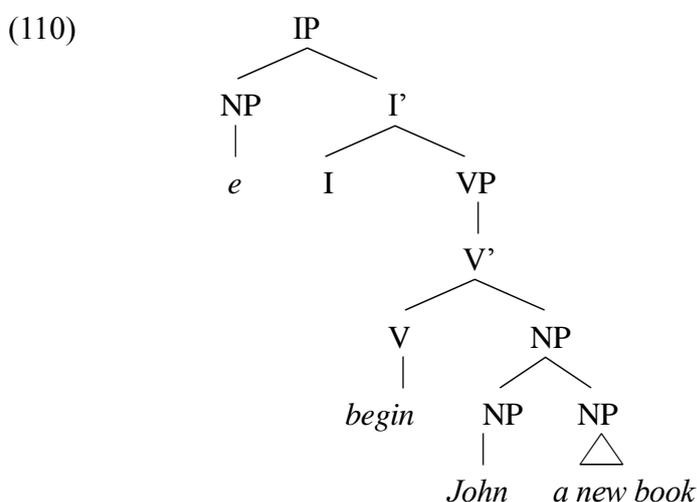
- (108) a. Joana começou um novo quadro.
 b. Julia continuou o artigo.
 c. Junior parou a academia.
 d. Fátima acabou/terminou o vestido.

Em (108), as construções com os aspectuais *começar*, *continuar*, *parar*, *acabar* e *terminar* implicam processos implícitos envolvidos, como *pintar*, em (108a), *escrever/ler*, em (108b), *frequentar*, em (108c), e *fazer*, em (108d). O exemplo (109) ilustra o emprego do aspectual *começar* com complemento infinitivo explícito e implícito, respectivamente. Para Rochette (1999), as duas sentenças têm a mesma estrutura. Esta também é nossa posição:

- (109) a. [_{IP} Joana_i começou/continuou [_{InfP} a t_i pintar um novo quadro]].
 b. [_{IP} Joana_i começou/continuou [_{InfP} a t_i Ø um novo quadro]].

O DP na posição de sujeito superficial do verbo aspectual é o sujeito do processo implícito em (109b). Esta estrutura pode ser tratada como um exemplo de estrutura de alçamento: o DP *Joana*, interpretado como argumento externo do verbo no infinitivo (*pintar*), tanto em (109a) quanto em (109b), se move para a posição de Spec IP em busca de Caso, figurando como sujeito da sentença matriz. O DP concreto *um novo quadro* é argumento interno do predicado infinitivo da sentença encaixada, mesmo em (109b), em que este predicado parece estar implícito.

Em sua análise sintática de construções em que os aspectuais aparecem em estrutura transitiva simples, com DPs na posição de sujeito e de complemento, Rochete (1999, p. 161), propõe que ambos os DPs são gerados em uma *small clause*, que é objeto/complemento do aspectual na DS, como mostramos em (110):



Nesta estrutura, o DP na posição mais alta/superior é a realização sintática da categoria semântica processo, de acordo com Rochette. “O DP *a new book* (um novo livro) constitui a parte predicativa desta *small clause* e por esse motivo denota um processo compatível com a interpretação do DP concreto *a new book* (um novo livro) como objeto de tal processo. O DP John é o sujeito do processo denotado pelo ‘predicativo’ DP⁶¹.” (ROCHETTE, 1999, p. 161).

Contudo, Rochette (1999, p. 161) afirma que essa hipótese tem implicações, como, por exemplo, explicar a possibilidade de formação da passiva a partir de (111a):

- (111) a. *John begins a new book.*
(John começa um novo livro)
b. *A new book was begun by John.*
(Um novo livro foi começado por John)

Para a autora, “não está claro como podemos conciliar o fato de que os dois DPs em sentenças como (111a) aparecem para receber seus papéis temáticos do predicado implícito e o fato de que se comportam como o sujeito e objeto direto⁶² do verbo aspectual, como mostrado pelo fato de que a passivação pode aplicar-se a estas estruturas⁶³.” (ROCHETTE, 1999, p. 161). Mesmo assim, segundo Rochette, a interpretação da passiva implica a presença de um processo implícito, do qual o DP *John* é entendido como o agente.

As construções que envolvem um processo nominal confirmam que o sujeito superficial do verbo aspectual é o argumento do predicado implícito. Essa relação pode ser verificada nas sentenças do inglês e (112), retiradas de Rochette (1999, p. 160):

- (112) a. *John began the reading of the book.*
(John começou a leitura do livro)
b. **John began the reading of the book by Mary.*
(*John começou a leitura do livro por Mary)

⁶¹ “*In this structure, the topmost NP that appears as a sister of the verb begin is the syntactic realization of the semantic category process. The NP a new book constitutes the predicative part of this small clause and will therefore denote a process compatible with the interpretation of the concrete NP a new book as its object. The NP John is the subject of the process denoted by the ‘predicative’ NP.*”

⁶² No PB, Mioto, Silva e Lopes (2013) apontam que o DP que recebe papel de agente, no caso de estar presente na sentença passiva, será realizado como complemento da preposição *por*, dentro de um adjunto, de quem receberá papel temático.

⁶³ “*It is not obvious however how we can reconcile the fact that the two NPs in sentences such as (41a) appear to receive their thematic role from the implicit predicate and the fact that they behave as the subject and the direct object of the aspectual verb, as shown by the fact that passivization can apply to these structures.*”

Os dois sujeitos (agentes) do processo *the reading of the book* (a leitura do livro) tornam a sentença (112b) agramatical. Apenas o DP *John*, que foi alçado para a posição de sujeito, pode ser o agente do processo *the reading of the book* (a leitura do livro), como mostra a boa formação de (112a). Os aspectuais do PB parecem apresentar o mesmo comportamento, como verificamos através do exemplo (113):

- (113) a. Julia começou/continuou/parou/deixou/acabou/terminou a limpeza do auditório.
b. *Julia começou/continuou/parou/deixou/acabou/terminou a limpeza do auditório por Ana.

Em (103b), a presença de dois sujeitos (agentes) do processo *a limpeza do auditório* ocasiona a má-formação da sentença. O exemplo (113a) e os exemplos em (114), retirados de (75), (79) e (82), estão relacionados à hipótese de que os aspectuais podem ser considerados predicados funcionais quando subcategorizam um processo/infinitivo nominalizado:

- (114) a. Pedro começou/continuou a brincadeira.
b. Usain Bolt parou/deixou a corrida.
c. Mariana acabou/terminou a redação do projeto.

Rochette (1993), em um trabalho sobre perífrases com infinitivo no francês, anterior ao que vimos citando, já sugere que verbos como *começar* selecionam a categoria semântica processo. A autora propõe, então, uma estrutura complexa para perífrases de *commencer* (começar) com infinitivo, a qual transcrevemos a seguir:

- (115) a. *commencer*: (*Processus*)
(começar: (processo))
b. [_{VP} *commencer* [_{VP} ...]]
([_{VP} começar [_{VP} ...]])

A representação em (115) reitera a hipótese dos aspectuais como predicados inacusativos e que subcategorizam um complemento de natureza verbal. Seguindo esta proposta, consideramos que os DPs na posição de complemento em (113a), (114a), (114b) e (114c), são processos, ou melhor: infinitivos nominalizados que mantêm sua natureza verbal. Boff (2003, p. 60) concorda com a proposta de Rochette (1988) ao assinalar que os nomes correspondentes a verbos “só podem

ser interpretados de acordo com o papel semântico “ação”⁶⁴ já que admitem uma paráfrase com complemento infinitivo.” Citamos em (116) as paráfrases sugeridas por Boff (2003, p. 60):

- (116) a. João está começando a leitura do livro.
b. João está começando a ler o livro.

Neste sentido, a estrutura sintática que os aspectuais projetam quando um DP correspondente a verbo figura como complemento pode ser associada à mesma estrutura proposta para representar construções como as de (109), em que os aspectuais selecionam um InfP explícito ou implícito. Desta forma, se considerarmos as estruturas propostas por Raposo (1989, p. 296), em (105b), e Rochette (1999), em (110), o DP *Julia* e o DP *a limpeza do auditório* seriam gerados em uma *small clause*, complemento do aspectual na DS.

Esta hipótese de representação é uma tentativa de explicar várias questões no que diz respeito à realização de um processo nominal como complemento dos verbos aspectuais. Por exemplo, qual posição o DP *Julia*, em (113a), sendo argumento externo do nome *limpeza*, ocupa na DS que lhe permite ser alçado para Spec IP na SS?

Nos exemplos dados em (113a) e (114), o agente do processo que está na posição de complemento, *Julia/Pedro/Usain Bolt/Mariana*, aparece como sujeito da sentença, em contraste com as sentenças (117a) e (117b) apresentadas abaixo:

- (117) a. *Começou* a organização da festa por Lauren.
b. A organização da festa por Lauren *começou*.
c. *Começou* a organização da festa.
d. A organização da festa *começou*.

As construções em (117a) e (117b) são bem formadas com o sujeito do processo na posição de argumento externo do nome deverbal, encabeçado por uma preposição que lhe atribui Caso oblíquo. As construções em (117c) e (117d) mostram que esse argumento pode não se realizar, não prejudicando a boa formação das sentenças. Aqui, levantamos outra questão: se o aspectual *começar* em (117) é um inacusativo funcional, incapaz de atribuir qualquer papel- θ , de quem o DP complemento, *a organização da festa (por Lauren)*, recebe papel- θ na DS, antes de alçar em busca de Caso? Rochette (1999), na conclusão de seu estudo,

⁶⁴ Boff (2003, p. 32) explica que a denominação “ação” “tem origem no fato de predicados efetivos dificilmente aceitarem verbos de estado como seus complementos. Ocorre que os verbos aspectuais, que pertencem à classe dos efetivos, apresentam uma seleção argumental um pouco diversa da abarcada pelo termo ação. Assim, Rochette acaba por defender que verbos aspectuais como *começar* sempre selecionam processos – categoria que engloba os *activity* e os *accomplishment verbs* da tipologia proposta por Vendler (1967).”

menciona que o verbo aspectual, em exemplos como os de (117), ao agir principalmente como uma indicação temporal sobre seu complemento, implicaria possivelmente a presença de um predicado implícito tal como *to take place* (acontecer): *A organização da festa por Lauren começou* (acontecer). No entanto, a autora pondera que tal questão necessita de mais estudo.

Rochette (1999, p. 151) admite que, nas construções em que os aspectuais introduzem complemento InfP, há evidências claras que indicam um comportamento dos aspectuais como predicados de alçamento, e que esse *status* dos aspectuais levanta a questão da estrutura sintática exata que deveria ser associada a essas construções.

4.2.2 Aspectuais como inacusativos lexicais

Na seção 3.3.2, constatamos que os DPs natos exibem, igualmente, traços característicos de processo, os quais são os responsáveis pela possibilidade de ocorrência desses DPs na posição de complemento dos aspectuais. Nessa linha de análise, Boff (2003, p. 69) aponta que esses DPs denotam um intervalo de tempo, sobre o qual os aspectuais agem. Por exemplo:

- (118) a. Terminaram as aulas.
b. Começou a tempestade.
c. Continuou a festa.
d. Parou a chuva.

Nessas estruturas, copiadas de (87a), (87b) (98c) e (90a), segundo nossa hipótese, sugerimos que os aspectuais se comportam como verdadeiros inacusativos: selecionam como argumento interno um DP de natureza nominal, não correspondente a verbo, e o marcam com papel- θ de tema ou paciente, constituindo predicados inacusativos lexicais. A essas construções atribuímos, do mesmo modo, uma estrutura de alçamento: o argumento dos aspectuais é alçado para a posição de sujeito da sentença, por esses verbos não disporem de Caso acusativo para atribuir à posição de seu complemento. Os exemplos (119) e (120), a seguir, ilustram esse emprego:

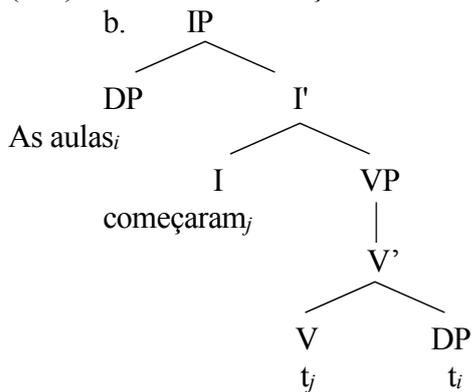
- (119) a. As aulas terminaram.
b. [Terminaram [DP as aulas]]
c. [_{IP} As aulas_i terminaram_j [_{VP} t_j t_i]]

- (120) a. A tempestade começou.
b. [Começou [DP a tempestade]]

c. [_{IP} A tempestade_i começou_j [_{VP} t_j t_i]]

Nas sentenças (119a) e (120a), os DPs que aparecem na posição de sujeito dos aspectuais constituem argumento interno destes, conforme mostram as representações em (119b,c) e (120b,c). A estrutura de alçamento projetada pelos aspectuais inacusativos lexicais pode ser representada conforme (121b):

(121) a. As aulas começaram.

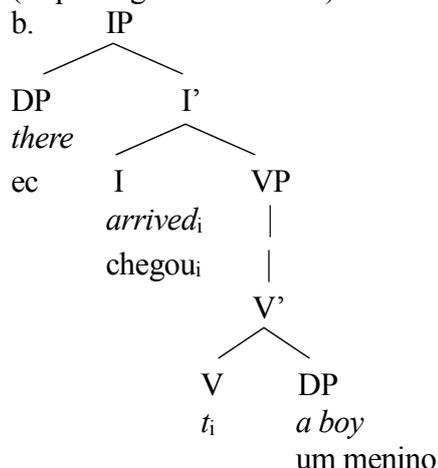


O DP *as aulas*, em (121b), complemento do aspectual *começar*, alça para a posição Spec/IP, onde é marcado com Caso nominativo pela flexão do verbo, uma vez que este não tem Caso acusativo para atribuir. A alternância na ordem, como observamos entre (118), (119) e (120), é uma das evidências de que os aspectuais são inacusativos que selecionam DP paciente ou tema (RECH, NASCIMENTO, 2013, p. 236).

Quando o alçamento não ocorre, Mioto, Silva e Lopes (2013, p. 160), ao tratar dos inacusativos que selecionam DP, revelam que “tematicamente não haveria problemas, pois o argumento recebe seu papel temático na posição em que é gerado; entretanto, não há como satisfazer o EPP sem que se preveja a presença de um expletivo que possa preencher a posição Spec/IP.”

Para buscar evidência da existência de um expletivo quando não ocorre alçamento, os autores recorrem ao inglês, que, diferentemente do PB, em que os expletivos são nulos, é uma língua de sujeito obrigatório, em que o expletivo deve possuir uma matriz fonética. Em (122), reproduzimos um exemplo (Ibid., p. 160), em que *there* é um expletivo:

- (122) a. *There arrived a boy.*
 (Expl chegou um menino)



Outra evidência de que os aspectuais são predicados inacusativos lexicais é a ausência de concordância, verificada nos exemplos a seguir, retirados de Rech e Nascimento (2013, p. 236):

- (123) a. *As férias terminou.
 a'. Terminou as férias.
 b. *Meus problemas começou.
 b'. Começou meus problemas.

O contraste de gramaticalidade entre as sentenças (123a)-(123a') e (123b)-(123b') mostra que, em posição pré-verbal, os aspectuais exigem concordância; já em posição pós-verbal, em que o DP permanece na posição de argumento interno, é admitida a ausência de concordância. Mioto, Silva e Lopes (2013, p. 160) apontam que “no PB falado, perdemos a concordância de plural se o argumento não é alçado”. Por exemplo, em (124b), o verbo concorda com um expletivo que é singular, mostrando que o falante trata o DP *as cartas* como argumento interno, o qual jamais concordará com o verbo⁶⁵:

- (124) a. ec chegou a carta.
 b. ec chegou as cartas. (Ibid., p. 161)

Por fim, o exemplo (125) mostra a impossibilidade de adjunção dos sufixos [-or] e [-

⁶⁵ A construção *Chegaram as cartas*, com o predicado inacusativo *chegar* em concordância com o seu argumento interno, também é possível porque, de acordo com Mioto, Silva e Lopes (2013, p. 195), “o expletivo nulo e o DP pós-verbal formam uma cadeia A, excepcional, já que o DP lexical está na cauda, de tal modo que o expletivo [+K] em Spec IP transmite o NOM para o DP lexical: esta hipótese ficou conhecida como a Hipótese de Transmissão de Caso.” Com essa transmissão de Caso pelo expletivo ao DP, o DP consegue seu Caso mesmo se mantendo na posição pós-verbal e o predicado inacusativo pode concordar com ele.

nte] às formas verbais *terminar* e *começar*. A impossibilidade de nominalizações a partir de sufixos agentivos é uma evidência de que são inacusativos lexicais, conforme (Burzio, 1986):

- (125) a. *Terminador/*Terminante.
b. *Começador/*Começante.

Essas nominalizações indicam traços agentivos no DP que acompanha o verbo, por esse motivo, os inacusativos que selecionam somente argumento interno, com marcação temática de tema ou paciente, rejeitam esses sufixos.

Dos verbos investigados neste artigo, apenas *deixar* não constitui um inacusativo lexical, como verificamos no exemplo (90), repetido aqui como (126):

- (126) a. Parou/*deixou a chuva.
b. Parou/*deixou o filme.
c. Pararam/*deixaram as atividades.

O exemplo (127), a seguir, mostra que *deixar* como verbo lexical projeta uma estrutura transitiva, selecionando argumentos externo e interno:

- (127) a. Pedro deixou a esposa.
b. A professora deixou que os alunos saíssem cedo/os alunos saírem cedo.
c. A babá deixou João na escola.

Assim, o verbo *deixar* com emprego lexical diferencia-se dos demais verbos que vimos investigando por selecionar um agente para a posição do argumento externo, não constituindo um predicado de alçamento, o que não constitui um contra-argumento à hipótese de que os aspectuais projetam sempre uma estrutura de alçamento.

4.3 PSEUDO-CLIVADAS

Na seção 4.2.1, sugerimos que os verbos aspectuais são predicados funcionais nos casos em que aparecem com complemento DP correspondente a verbo ou DP concreto, assumindo que no primeiro caso o DP mantém sua natureza verbal e no segundo apontamos a presença de um InfP implícito na sentença. Porém, um teste com pseudo-clivadas parece se configurar em um contra-argumento a essa análise.

Para focalizar os constituintes InfP e DP, que figuram como complementos dos aspectuais, utilizamos as pseudo-clivadas, que “são sentenças complexas sintaticamente

designadas para focalizar constituintes” (RESENES, 2009, p. 54), como paráfrases para as seguintes sentenças:

- (128) a. Joana começou a pintar um novo quadro.
b. Joana começou um novo quadro.
c. Pedro começou a brincar
d. Pedro começou a brincadeira.

As pseudo-clivadas que correspondem a paráfrases de (128a) e (128c) e que focalizam o constituinte InfP, complemento de *começar*, são:

- (129) a. O que Joana começou a fazer foi pintar um novo quadro.
b. O que Pedro começou a fazer foi brincar.

Estas paráfrases respondem a pergunta *wh* “O que Joana/Pedro começou a fazer?” e não apresentam correspondência de sentido com as sentenças em que o complemento focalizado é um DP, como (128b) e (128d):

- (130) a. ??O que Joana começou a fazer foi um novo quadro.
b. ??O que Pedro começou a fazer foi a brincadeira.

Para focalizar o DP, usamos as paráfrases que respondem a pergunta *wh* “O que Joana/Pedro começou?”:

- (131) a. O que Joana começou foi um novo quadro.
b. O que Pedro começou foi a brincadeira.

As sentenças pseudo-clivadas que respondem a essa última pergunta não servem como paráfrases para (128a) e (128c), visto que apresentam um complemento InfP para ser focalizado na resposta:

- (132) a. *O que Joana começou foi a pintar um novo quadro.
b. *O que Pedro começou foi a brincar.

As pseudo-clivadas mostradas de (129) a (132) evidenciam a diferença entre as categorias do complemento dos verbos aspectuais, pois, para focalizar um InfP, a paráfrase indica que o que será focalizado precisa ser um complemento verbal (VP): *começou a fazer*; enquanto que, para focalizar o DP, a paráfrase não apresenta essa indicação. A partir das

pseudo-clivadas poderíamos considerar, então, que os aspectuais constituem inacusativos lexicais sempre que seu complemento for um DP, independente se este DP ter natureza verbal, devido ao processo de nominalização, ou se envolve a presença de um processo implícito/oculto. Mas essa hipótese, que a princípio contraria o que defendemos em nossa análise, necessita de maior investigação, a qual nossa pesquisa não comporta.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

A investigação realizada neste capítulo nos permitiu identificar os aspectuais como pertencentes a uma mesma classe de verbos, a dos inacusativos, e argumentar a favor da hipótese de uma estrutura de alçamento para os aspectuais como predicados inacusativos funcionais, subcategorizando um complemento infinitivo (explícito ou implícito) ou DP correspondente a verbo, e como inacusativos lexicais, atribuindo papel temático de tema ou paciente ao DP, seu argumento interno. Concluímos, a partir disso, que os aspectuais em estudo, *começar, continuar, parar, acabar e terminar*, indicam aspecto quando empregados tanto como predicados funcionais quanto como lexicais, exceto *deixar*, que com emprego lexical não indica aspecto. A estrutura de alçamento que lhes é atribuída captura a defectividade de sua grade temática.

Os testes com pseudo-clivadas, na seção 4.3, evidenciaram que os aspectuais constituem inacusativos lexicais sempre que seu complemento for um DP, configurando-se em um contra-argumento à análise dos verbos aspectuais como predicados funcionais quando aparecem com complemento DP correspondente a verbo ou DP concreto. Conforme observamos, essa hipótese precisa ser melhor investigada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, ao investigarmos a natureza categorial do complemento dos verbos aspectuais do português brasileiro (PB) que admitem na posição de complemento tanto um sintagma infinitivo [InfP] quanto um sintagma nominal [DP], constatamos que os aspectuais oferecem restrições a complementos com traços incompatíveis com a noção de aspecto que expressam. Os verbos aspectuais analisados, *começar, continuar, parar, deixar, acabar e terminar*, selecionam semanticamente um processo, se combinando basicamente com eventos que exibem os traços [+mudança] e [+durativo]. Este é o critério de seleção para que um InfP ou DP figure na posição de complemento dos verbos aspectuais.

Quanto à natureza da categoria de seu complemento, esta influencia na classificação do verbo aspectual, que pode ser empregado como um verbo funcional e também lexical. Os aspectuais constituem predicados funcionais quando subcategorizam um único complemento de natureza verbal (VP), que pode sofrer um processo de nominalização, se superficializando como DP, ou ficar implícito na estrutura. Essa hipótese permitiu explicar o fato de verbos e nomes estarem sujeitos às mesmas restrições aspectuais. Já quando figuram com um DP nato, não correspondente a verbo, e lhe atribuem papel temático de tema ou paciente, os aspectuais constituem predicados lexicais. Em ambos os empregos, os aspectuais pertencem à classe inacusativa e projetam uma estrutura de alçamento. Essa proposta permite uma unificação da análise para os verbos aspectuais do PB.

Para tais considerações, nos baseamos principalmente nas investigações de Burzio (1986), Cinque (1999, 2006), Rochette (1999), Ferreira (2009), Lamiroy (1987), Vendler (1967), Smith (1999), Basso e Ilari (2004a), Bertinetto (1986; 1991, 2001), Miotto, Silva e Lopes (2013), entre outros.

Esperamos que a análise tenha cumprido com seu objetivo principal: o de investigar as propriedades e restrições de seleção dos verbos aspectuais, buscando depreender a estrutura que projetam.

A pesquisa deixou algumas questões sem discussão, que podem ser retomadas num trabalho futuro. Dentre elas, duas merecem destaque: 1) os aspectos problemáticos na representação das estruturas em que os aspectuais aparecem com complemento DP correspondente a verbo; 2) o estatuto de *a* e *de* que antecedem o infinitivo, que podem ser “partículas” aspectuais, pois se fossem preposições constituiriam barreiras para a extração do

sujeito. A partícula *a* se combina com aspecto imperfectivo, durativo e continuativo; e a partícula *de*, por sua vez, parece vinculada ao aspecto cessativo.

Também ficaram de fora da análise construções como *A professora começou a aula* e *Os pedreiros continuaram as obras*, em que os aspectuais aparecem com um DP na posição de sujeito e um DP nato como argumento interno. Priorizamos na análise as construções em que os aspectuais selecionam apenas um DP nato, evidenciando seu comportamento como um predicado inacusativo lexical. Além disso, a questão das sentenças pseudo-clivadas poderem aparecer com DPs correspondentes a verbo ou DPs concretos na posição de complemento merecem também uma investigação primorosa.

Por fim, observamos que os dados analisados neste trabalho, revelaram semelhanças na estrutura de base dos aspectuais em construções com InfP ou com DP na posição de seu complemento. A primeira semelhança está no critério de seleção: os aspectuais selecionam semanticamente um processo, o seu complemento (InfP ou DP) deve carregar os traços [+durativo] e [+mudança]; a segunda semelhança é que os aspectuais constituem predicados inacusativos em todos os seus contextos de uso e projetam uma estrutura de alçamento. Essas semelhanças é que permitiram a unificação da análise para a classe dos verbos aspectuais.

REFERÊNCIAS

AISSÉN, J.; PERLMUTTER, D. Clause reduction in Spanish. In: THOMPSON, H. et al. (Eds.). Proceedings of the second annual meeting of the Berkeley Linguistics Society. Califórnia: Ed. Berkeley, 1976. p. 1-30.

BASÍLIO, M. Polissemia sistemática em substantivos deverbais. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 47 p. 49-71, jul./dez. 2004.

BASSO, R. M. Classes Acionais do Português Brasileiro e sua Sensibilidade Contextual. In: SEMINÁRIO DE PESQUISAS NA GRADUAÇÃO, 1., 2004, Campinas. *Anais do SEPEG*, Campinas: IEL/UNICAMP, p. 57- 62, 2004.

_____. Telicidade e detelicização. *Revista Letras*, Curitiba: editora UFPR, n. 72, p. 215-232, maio/ago. 2007a.

_____. *Telicidade e detelicização: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007b.

BASSO, R. M.; ILARI, R. Estativos e suas características. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte: v. 4, n. 1, p. 15-26, 2004a.

_____. *Telicidade e degree achievements*. In: ENCONTRO CELSUL, 6. 2004b.

BERTINETTO, P. M. *Tempo, Aspetto e Azione nel verbo italiano. Il sistema dell'indicativo*. Florença: Accademia della Crusca, 1986.

_____. Il Sintagma Verbale. In: RENZI, L.; SALVI, G. (Eds.). *Grande grammatica italiana di consultazione*. Bologna: Il Mulino, 1991. p. 13 – 161.

_____. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the ‘perfective = telic confusion’. In: CECHETTO, C. et al. *Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications, 2001. Disponível em: <http://linguistica.sns.it/QLL/QLL00/PMB_misunderstandings.pdf>. Acesso em: jan. 2014.

BERTUCCI, R. A. *Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro*. 2011. 202f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. Aspecto terminativo: verbos auxiliares no português brasileiro. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 1, n. 12, p. 41-58, 2010.

BOFF, R. *Em busca de uma análise sintático-semântica para construções com o verbo começar no português brasileiro*. 2003. 87f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

BURZIO, L. *Italian syntax*. Dordrecht: Ed. Reidel, 1986.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2. ed. revisada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. Posições argumentais e propriedades semânticas. *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. 1, jan./jun. 2005.

CASTILHO, A. T. de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na Língua portuguesa*. Marília, SP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1968. (Coleção de Teses, v. 6). Disponível em: < <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3311/3038>>. Acesso em: jan. 2014.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. 1ª reimpressão, 2008. Trad. Luiz Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

CINQUE, G. *Adverbs and functional heads. A cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

CYRINO, S.; NUNES, J.; PAGOTTO, E. Complementação. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. do. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. A construção da sentença. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, v. 3, p. 47-100.

_____. *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures*. New York: Oxford University Press, 2006. 4 v.

COMRIE, B. *Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CUNHA, L. F. Os operadores aspectuais do português: contribuição para uma nova abordagem. *Cadernos de Linguística*, Porto: C.L.U.P., n. 1, 1998. Disponível em: <<http://cl.up.pt/conteudos/cadernos/caderno1.pdf>>. Acesso em: jan. 2014.

_____. Reconsidering stative predications, their behaviour and characteristics. *Cadernos de Linguística*, Porto: C.L.U.P., n. 11, 2005. Disponível em: <<http://cl.up.pt/conteudos/cadernos/caderno11.pdf>>. Acesso em: jan. 2014.

DASCAL, M. Começamos a acabar de começar (?). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 3, p. 126-186, 1982.

FERREIRA, N. S. *Auxiliares: uma subclasse dos verbos de Reestruturação*. Tese (Doutorado em Linguística)- Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2009.

FREED, A. F. *The semantics of English aspectual complementation*. Dordrecht, Holland: Reidel Publishing Company, 1979. (Synthese language library, v. 8).

GRIMSHAW, J. Complement selection and the lexicon. *Linguistic Inquiry*, Spring, v. 10, n. 2, p. 279-326, 1979.

HAMMES, L. Um estudo sobre os verbos parar e deixar em sentenças perifrásticas no português brasileiro (PB). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA NA FRONTEIRA SUL, 2., INSTITUTO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 1., 2013, Chapecó, SC. (Handout da apresentação).

HENRIQUES, F. P. *Construções com verbos de alçamento: um estudo diacrônico*. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

LAMIROY, B. The complementation of aspectual verbs in french. *Language*. v. 63, n. 2, p. 278-298, 1987.

LUNGUINHO, M. V.; NAVES, R. R.; PILATI, E. S.; RABELO, P. C.; VICENTE, H. G. Aspectos da gramática do português: investigações minimalistas. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo: PUC-SP, v. 23, n. esp., p. 147-191, 2007.

MEZARI, M. P. *A estrutura sintático-semântica do singular nu: o que a morfologia de gênero indica?*. 2013. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MINUSSI, R. D. *Os sabores do nome: um estudo sobre a seleção de argumentos e as nominalizações do hebraico*. 2012. 283f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.

NASCIMENTO, S. H. L. do. Notas sobre a inacusatividade e especificidade. *Working papers em Linguística*, Florianópolis, UFSC, n. 3, 1999.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 25-65.

PERLMUTTER, D. M. The two verbs begin. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. (Eds.). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, MA: Ginn and Company, 1970. p. 107-19.

PUSTEJOVSKY, J. The Generative Lexicon. *Computational Linguistics*, v. 17, n. 4, p. 409-441, 1991.

RAPOSO, E. Prepositional infinitival constructions in European Portuguese. In: Jaeggli, Oswaldo & Safir, Ken (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1989, p. 277-305.

RECH, N. F. Auxiliares: uma subclasse dos verbos inacusativos. In: DA CRUZ, Ronald Taveira (Org.). *As interfaces da gramática*. Curitiba, PR: CRV, 2012.

_____. Estruturas monoargumentais do português brasileiro à luz da hipótese inacusativa. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL – CELSUL, 6., 2004, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2004. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/>>.

_____. O processo de auxiliaridade verbal no português brasileiro: uma análise dos aspectuais. *Revista Letras*, Curitiba: UFPR, n. 84, p. 111-136, jul./dez. 2011.

_____; NASCIMENTO, F. S. A natureza do complemento dos aspectuais: diferentes perspectivas de análise em debate. In: ARAGÃO NETO, Magdiel Medeiros; CAMBRUSSI, Morgana Fabiola (Orgs). *Léxico e Gramática: novos estudos de interface*. Curitiba/PR: CRV, 2014.

RESENES, Maria Santos de. *Sentenças pseudo-clivadas do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis/SC, 2009.

RIZZI, L. *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Editora Foris, 1982.

ROCHA, L. C. de A. A nominalização no português do Brasil. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 5-51, jan./jun. 1999.

ROCHETTE, A. A propos des restrictions de sélection de type aspectuel dans les complétives infinitives du français. *Langue française*, n. 100, p. 67-82, 1993.

_____. The selection properties of aspectual verbs. In: JOHNSON, K.; ROBERTS, I. (eds.) *Beyond Principles and Parameters*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1999.

_____. *Semantic and Syntactic Aspects of Romance Sentential Complementation*. Doctoral Dissertation, MIT, Cambridge, Massachusetts. 1988.

RODRIGUES, C. E. S. de L. *Um estudo exploratório do processamento de informação das interfaces na aquisição da linguagem: o aspecto verbal no português*. 2007. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, C. R. T.; FARIAS, J. G. de. O fenômeno da inacusatividade no português: por uma análise léxico-sintática dos verbos do tipo *ir* e *chegar*. *Veredas: PPG Linguística/UFJF*, n. 1, atemática, p. 01-15, 2011.

SMITH, C. S. *The parameter of aspect*. 2. ed. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1997.

SPENCER, A. Morphological theory and English. *Links & Letters*, n. 1, p. 71-84, 1994.

TALMY, L. The relation of grammar to cognition: A synopsis. *Proceedings of TINLAP 2* (Theoretical Issues in Natural Language Processing), ed. by D. Waltz, 14-24. Champaign, IL: Coordinated Science Laboratory, 1978.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Gráfica da UFU, 1981, p. 29-50.

VENDLER, Z. Verbs and times. In: _____. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967. p. 97-121.

VIEIRA, M. dos S. M. Estruturas com verbos funcionais em textos jornalísticos brasileiros e portugueses. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL – CELSUL, 4., 2000, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2000. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/078.htm>>.

WACHOWICZ, T. C.; Auxiliary and aspectualizer verbs: some syntactic and semantic distinctions. *Revista Letras*, Curitiba: editora UFPR. n. 73, p. 223-234, set./dez. 2007.

_____; FOLTRAN, M. J. Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), Campinas, v. 48, n. 2, p. 211-232, 2006.